



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

RAYLANA DANTAS E SILVA
WENDY CRISTINA DA SILVA RAMOS

**O USO DO AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA DE ENSINO NAS ESCOLAS
PÚBLICAS DE MACAPÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PROJETO “CURTA O
CURTA” E “CIÊNCIAS HUMANAS NO CINEMA”**

MACAPÁ-AP

2018

RAYLANA DANTAS E SILVA
WENDY CRISTINA DA SILVA RAMOS

**O USO DO AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA DE ENSINO NAS ESCOLAS
PÚBLICAS DE MACAPÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PROJETO “CURTA O
CURTA” E “CIÊNCIAS HUMANAS NO CINEMA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como requisito para a conclusão do Curso Bacharelado em Jornalismo, na Universidade Federal do Amapá, Campus Zerão. Orientado pela prof. Dra. Isabel Regina Augusto.

MACAPÁ-AP

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá
Elaborado por Orinete Costa Souza – CRB-11/920

Silva, Raylana Dantas e;

O uso do audiovisual como ferramenta de ensino nas escolas públicas de Macapá: um estudo de caso sobre o projeto “Curta o Curta” e Ciências Humanas no Cinema / Raylanna Dantas e Silva, Wendy Cristina da Silva Ramos; orientadora, Isabel Regina Augusto. – Macapá, 2018.

117 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Bacharelado em Jornalismo.

1. Ensino audiovisual. 2. Comunicação na educação. 3. Escolas públicas. 4. Estratégias de aprendizagem. I. Augusto, Isabel Regina, orientador. II. Fundação Universidade Federal do Amapá.

371.335 S586u

CDD: 22. ed.

RAYLANA DANTAS E SILVA
WENDY CRISTINA DA SILVA RAMOS

**O USO DO AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA DE ENSINO NAS ESCOLAS
PÚBLICAS DE MACAPÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PROJETO “CURTA O
CURTA” E “CIÊNCIAS HUMANAS NO CINEMA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como
requisito para a conclusão do Curso Bacharelado em Jornalismo, na
Universidade Federal do Amapá, Campus Zerão.

Aprovado em: 06/12/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Isabel Regina Augusto

Prof. Elisângela Lima de Andrade

Prof. Dra. Brígida Ticiane Ferreira da Silva

MACAPÁ-AP

2018

SUMÁRIO

1. RESUMO	5
2. INTRODUÇÃO	6
3. REFERENCIAL TEÓRICO	8
3.1. O AUDIOVISUAL NO MUNDO E NO BRASIL.....	8
3.2. O AUDIOVISUAL NO AMAPÁ.....	12
3.3. A COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL E A EDUCAÇÃO.....	13
3.4. METODOLOGIA UTILIZADA NA PESQUISA.....	22
4. O PROJETO “CURTA O CURTA”	25
4.1. LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL RAIMUNDA DOS PASSOS SANTOS.....	25
4.2. O SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO “CURTA O CURTA”	26
5. O PROJETO “CIÊNCIAS HUMANAS NO CINEMA”	28
5.1. LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL RAIMUNDA VIRGOLINO	28
5.2. O SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO “CIÊNCIAS HUMANAS NO CINEMA”	28
6. ANÁLISE E DISCUSSÃO	30
6.1. A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NAS ESCOLAS	30
6.1.1. Escolha do tema.....	30
6.1.2. Roteiro.....	32
6.1.3. Captação de áudio e vídeo	33
6.1.4. Edição	35
6.1.5. Oficinas desenvolvidas nas escolas.....	37
6.2. LIMITES E POSSIBILIDADES DO USO DO AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA DIDÁTICA.....	40
6.3. O FESTIVAL “CURTA O CURTA”	47
6.3.1. A visão das autoras acerca dos curtas exibidos no festival 2017	49
7. CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS	54
ANEXOS	56
APÊNDICES	58

1. RESUMO

O trabalho em questão faz uma análise do uso do audiovisual como ferramenta de ensino nas escolas públicas de Macapá, visando compreender a relação de ensino e aprendizagem entre alunos e professores por meio das novas mídias, como forma de resgatar o interesse do estudante frente às atividades escolares. A pesquisa é baseada em um estudo de caso realizado em duas escolas da rede pública amapaense. Uma é a escola estadual Raimunda dos Passos Santos, onde é desenvolvido desde 2012 o projeto "Curta o Curta", e a outra é a escola estadual Raimunda Virgolino, onde foi desenvolvido em 2015 o projeto "Ciências Humanas no Cinema". A metodologia utilizada na pesquisa é quali-quantitativa, com coleta de informações por meio da entrevista semiestruturada e aplicação de questionários com fontes envolvidas nos projetos. Traçamos junto ao objetivo da pesquisa as principais influências teóricas de autores do cinema e da mídia educação, como Marcos Napolitano (2013) e Rosália Duarte (2002), ambos com o discurso da utilização do cinema para o ensino, bem como, José Marques de Melo (2008), José Luiz Braga (2001) e Maria Luíza Belloni (2001), que visam os caminhos para a interação entre as interfaces, comunicação e educação. Com o crescimento das mídias digitais, como internet e celular, a realização desse trabalho foi fundamental para desvendar a utilização de áudio e vídeo como auxílio pedagógico na realidade das escolas públicas de Macapá. Diante disso, a pesquisa constatou que a inserção do audiovisual nas escolas foi positiva no resgate do interesse dos alunos no processo de ensino e aprendizagem, apesar dos limites com relação aos equipamentos e estrutura nas escolas e falta de qualificação dos professores.

Palavras-chaves: comunicação, audiovisual, educação, ensino, escola.

2. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa faz uma abordagem sobre o uso do audiovisual como ferramenta pedagógica nas escolas públicas de Macapá que competem com as novas mídias no interesse do aluno diante das tradicionais metodologias de ensino utilizadas pelos professores.

Segundo o dicionário eletrônico Houaiss (2001, p.343) o audiovisual se conceitua como sendo “qualquer comunicação, mensagem, recurso, material etc. que se destina ou visa estimular os sentidos da audição e da visão simultaneamente”.

A partir desse conceito, pensar o audiovisual como ferramenta pedagógica nas escolas pode ser importante para a relação de ensino e aprendizagem entre alunos e professores no que diz respeito aos conteúdos disciplinares e ainda contribuir com o desenvolvimento social dos alunos.

Em Macapá, as escolas estaduais Raimunda dos Passos Santos e Raimunda Virgolino, ambas da rede pública, introduziram como ferramenta de ensino a produção de obras audiovisuais de maneira que estimulassem os seus alunos a se interessarem pelos conteúdos indispensáveis das disciplinas.

Com isso, no ambiente escolar é desenvolvida a criação de roteiros, captação de áudio/vídeo e edição para a construção de curtas-metragens e minidocumentários realizados, respectivamente, nas escolas mencionadas.

A pesquisa teve como objetivo analisar os dois projetos, buscando apontar como se deu a criação, o desenvolvimento, as facilidades, dificuldades, bem como, limites e possibilidades, revelando, principalmente, a relação de ensino e aprendizagem por meio da construção de um produto audiovisual.

Dessa maneira, foi necessário reunir informações *in loco* para conferir a realidade de um projeto audiovisual instalado no ambiente escolar e assim responder o seguinte problema: *de que forma o audiovisual pode contribuir para o resgate de interesse do aluno em relação ao ensino e aprendizagem no espaço da educação formal?*

Com o crescimento das mídias digitais, a realização desse trabalho foi fundamental para desvendar a utilização do audiovisual como ferramenta de ensino utilizada pelo professor na sala de aula como forma de envolver o aluno nos assuntos escolares, resgatando assim o interesse na aprendizagem, além de desenvolver o senso crítico frente à sociedade midiaticizada.

Diante da realidade do ensino público brasileiro, trabalhar com novos instrumentos de ensino nas escolas pode, por exemplo, contribuir com a diminuição do percentual da evasão escolar, muitas vezes, provocada pela falta de interesse do aluno, hoje, acostumado as novidades tecnológicas do mercado e da indústria cultural, perante as metodologias tradicionais de ensino utilizadas.

Fazer um estudo das novas mídias é importante no sentido de procurar fortalecer o ensino público, de provocar o interesse dos alunos de modo inovador, voltado para o cinema e de apresentar o audiovisual como um processo que pode ser desenvolvido de forma interdisciplinar, agregando valor ao ensino escolar. Sendo estes alguns dos fatores fundamentais para a realização da pesquisa em questão.

O trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica em livros, sites, artigos, e teses relacionados à comunicação audiovisual e a educação com o objetivo de reforçar a discussão sobre assunto. Bem como, uma pesquisa de campo com coleta de dados empíricos realizados a partir de observação, entrevista semiestruturada e aplicação de questionários nas escolas públicas na cidade de Macapá.

Na literatura foram analisadas, principalmente, as ideias de autores como, por exemplo, Marcos Napolitano (2013) com o livro “Como usar o cinema na sala de aula”, a obra de Rosália Duarte (2002) com o tema “Cinema e Educação”, que discursam a respeito do cinema como método de ensino, apontando caminhos didáticos na área. Além de José Luiz Braga, Regina Calazans, José Marques de Melo e Maria Baccega que nos deram embasamento teórico sobre o estudo das mídias para o ensino.

A monografia é composta pelo resumo, introdução, referencial teórico, metodologia aplicada na pesquisa, desenvolvimento com a exposição de cada projeto realizado nas escolas, análise e discussão dos dados obtidos, conclusão, referências, anexos e apêndices. A pesquisa teórica somada à prática deram resultados satisfatórios que serão expostos ao longo da leitura.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. O AUDIOVISUAL NO MUNDO E NO BRASIL

O audiovisual é um assunto extremamente complexo. Não pelo seu conceito, mas sim pelas suas infinitas características e possibilidades. Ele se conceitua, segundo o dicionário Houaiss (2001, p.343) da língua portuguesa como sendo “qualquer comunicação, mensagem, recurso, material etc. que se destina ou visa estimular os sentidos da audição e da visão simultaneamente”, ou seja, tudo que pode ser visto e ouvido no mesmo instante.

Sendo assim, podemos inferir que o audiovisual são os filmes, as novelas, séries, documentários, uma simples filmagem realizada pelo celular dentre outros inúmeros gêneros que podem nos passar uma mensagem a partir do som e da imagem.

Na visão de Braga e Calazans (2001, p.31) o audiovisual conceitua-se como uma forma de “captar e transmitir” através dos equipamentos o que está na realidade.

Os novos recursos áudio e/ou visuais incluem (no sentido de captar, adicionar, subsumir) tudo o que, em termos de som e/ou imagem possa ser representado. Ao fazer isto, adicionam também os processos do espaço social registráveis por seus equipamentos (BRAGA; CALAZANS, 2001, p.31).

Na escola Raimunda dos Passos Santos é comum os alunos participantes do projeto Curta o Curta procurarem produzir assuntos acerca da realidade em que vivem. A violência é um dos temas mais trabalhado por eles. Mas sempre com a ideia de fazer as pessoas refletirem.

O nascimento do audiovisual se entrelaça com o do cinema. Segundo Napolitano (2013, p.69), mesmo que a nossa história tenha nos proporcionado imagem em movimento há mais de um século, através do cinema mudo transmitido pela primeira vez em 1895, pelos irmãos franceses Louis e Auguste Lumière, foi só por volta de 1930 que os nortes americanos conseguiram um grande feito ao desenvolverem produções, sincronizando imagem e o áudio.

Os filmes deixaram de ser mudos e passaram a ser transmitidos com o real som pronunciado pelos atores. Assim que as tecnologias como câmeras, gravadores, celulares e internet foram se desenvolvendo, o audiovisual também foi se aprimorando, pois os produtos que instigam os sentidos são construídos a partir desses mecanismos.

No Brasil, em 1896, passado um ano da invenção dos franceses Lumière, o cinema chega ao Rio de Janeiro, segundo informações obtidas no site da Agência Nacional do Cinema (ANCINE)¹. As primeiras exibições foram realizadas no dia 8 de junho deste ano em uma sala alugada do jornal do Comércio. Começava aí a história do audiovisual com os brasileiros.

Não demorou muito para que a primeira filmagem fosse gravada. O imigrante italiano Afonso Segreto foi o grande responsável por registrar, em 1898, a entrada da baía de Guanabara no Rio de Janeiro. Esse momento foi um marco na história do audiovisual no país que acabou ficando conhecido como o dia do Cinema Brasileiro.

Mais adiante, em 1907 é datada a era que ficou conhecida como a “Bela Época” do cinema nacional que, de acordo com o blog “O Cinema no Brasil”² foi provocada pela inauguração da usina hidrelétrica de Ribeirão Lage. Em menos de um ano foram abertas dezoito novas salas de cinema no Rio de Janeiro.

Após esse período, as produções audiovisuais no Brasil tiveram um declínio devido à dificuldade de obter os materiais necessários para produzir, além da concorrência provocada pelas produções hollywoodianas, como conclui Vasconcelos e Matos (2012, p.125).

Foi só na segunda metade do século XX que mergulhamos de vez na fase do audiovisual. Para Melo e Tosta isso teve início no Brasil com a chegada da televisão impulsionada pela censura da imprensa durante a ditadura militar:

No caso brasileiro, esse fenômeno adquiriu intensidade na segunda metade do século XX. Em 1950, ingressávamos definitivamente na fase do audiovisual, com o nascimento da televisão. Acentuava-se o declínio da imprensa, cujas tiragens diminuiram sob o impacto da censura instituída pelo Regime Militar pós-64 (MELO; TOSTA, 2008, p. 29).

Hoje estamos imersos na mídia. Para onde vamos e olhamos nos deparamos com alguma informação, seja através da internet, do rádio, jornais ou revistas, de alguma forma ela aparece em nosso meio. Ela tomou lugares, espaços, fazendo parte de nós. E à medida que as mídias se desenvolvem, os estudos sobre elas se intensificam.

Algumas universidades brasileiras possuem cursos de graduação, programas ou projetos na área do audiovisual. Como é o caso da Universidade Federal Fluminense (UFF) que possui em sua grade o curso de cinema e audiovisual nas

¹ Linha do Tempo Audiovisual Brasileiro. Disponível em: <www.ancine.gov.br/pt-br/timeline>. Acesso em: 04/11/2018.

² O Cinema no Brasil. Disponível em: <www.ocinemabrasil.blogspot.com>. Acesso em 04/11/2018.

modalidades bacharelado e licenciatura, bem como, cursos de pós-graduação Stricto Sensu mestrado e doutorado em cinema e audiovisual com conceito da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (capes) 4.

A universidade possui também um projeto criado por pesquisadores do curso de cinema chamado *Inventar com a diferença - cinema, educação e direitos humanos*³, o principal foco do projeto é na formação de professores onde os docentes compartilham conhecimento, práticas e ideias unindo o cinema à educação. O projeto envolve professores, pós-graduandos, alunos e ex-alunos e é considerado um projeto de grande valor que já foi executado em todos os estados brasileiros. No total já foram atendidos mais de 4 mil alunos de escolas públicas.

No Amapá, o projeto é representado pelo “Cine Perifa”⁴ que tem o objetivo de “oportunizar e fornecer subsídios para a formação dos alunos e professores da rede pública através de práticas relativas ao Audiovisual e aos Direitos Humanos”, sob a responsabilidade de Jhenni Suelen Costa Quaresma (graduada em Jornalismo na UNIFAP) que explicou a dinâmica do projeto realizado em Macapá por meio de entrevista concedida no dia 10 de Fevereiro de 2018 às autoras Raylana Dantas e Wendy Ramos.

Em 2016 eu estava muito ligada na parte de oficina. Em maio desse mesmo ano fiquei sabendo, através de um amigo, da chamada do “Inventar com a Diferença” que é o projeto do qual eu faço parte pela Universidade Federal Fluminense. Eles estavam patrocinando projetos no valor de até 40 mil reais. Foi aí que eu escrevi um projeto, muito sem esperança, no valor de 25 mil reais. Em agosto recebi o resultado de que tinha sido aprovado. O valor de 25 mil foi para comprar os equipamentos necessários para a realização do projeto. Na época eu tinha que ir para Belo Horizonte fazer um treinamento, mas não pude. Um amigo chamado Rafael Aleixo que estava no script inicial do projeto foi me representar nesse treinamento. Quando ele chegou, peguei todo o material e acabou que de início eu fui dar aula de cinema na escola Maria Ivone localizada no bairro cidade nova. Ficamos lá até janeiro de 2017 (JHENNI QUARESMA, RAYLANA DANTAS e WENDY RAMOS, Macapá: Fevereiro de 2018. Apêndice B, p. 88).

A metodologia deste projeto é usada de forma mais diferenciada com o uso, principalmente de jogos expositivos uma forma mais clara para se usar o cinema na escola, deixando de lado o roteiro, fotografia e montagem. Esse modo de trabalhar o cinema veio de uma experiência de trabalho da pesquisa que é ligado ao cinema documental (documentário) que envolvem dispositivos e formas de

³ Projeto Inventar com a Diferença – cinema, educação e direitos humanos. Disponível em: <www.inventarcomadiferenca.org/>. Acesso em 02/05/2018.

⁴ Cine Perifa. Disponível em: <www.inventarcomadiferenca.org/projetos-parceiros/cine-perifa>. Acesso em 02/05/2018.

acompanhamento para que os professores possam trabalhar com cinema e direitos humanos.

Segundo o site Guia 21, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul o Programa de Alfabetização Audiovisual⁵ atua há 10 anos nas escolas públicas e tem como principal objetivo a qualificação das relações entre cinema e educação, através de atividades de exibição de filmes a estudantes, formação de docentes, publicação de livros, seminários, oficinas e workshops voltados para incentivar e refletir sobre a presença do cinema e do audiovisual na escola. O programa possui parceria com a Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre e é financiado pelo Ministério da Educação, coordenado pela Maria Angélica dos Santos⁶.

Dessa forma, os programas do Governo Federal são instalados nas escolas públicas com objetivo principal na melhoria da educação dos alunos em ter um aprendizado de qualidade. Como exemplo, entra em discussão o Programa um Computador por Aluno (PROUCA), que de acordo com a lei nº 12.249, de 11 de julho de 2010, tem como objetivo de:

Promover a inclusão digital nas escolas das redes públicas de ensino federal, estadual, distrital, municipal ou nas escolas sem fins lucrativos de atendimento a pessoas com deficiência, mediante a aquisição e a utilização de soluções de informática constituídas de equipamentos de informática, de programas de computador (software) neles instalados e de suporte e assistência técnica necessária ao seu funcionamento (BRASIL, 2010).

Mas, para o programa manter-se na escola, a mesma precisa possuir estrutura para os computadores, acesso à internet e capacitação do corpo docente. O programa foi implantado na Escola Municipal Selvino Damian Preve no município de Santa Carmem, em Mato Grosso e recebeu 791 laptops para os alunos e professores.

De acordo com Sobrinho (2017, p. 289-305) o PROUCA constatou que equipar as escolas públicas com computadores para melhorar o ensino de alunos e professores não foi eficaz por vários motivos, dentre eles a falta de manutenção dos laptops por parte do Governo Federal e internet lenta fazendo com que os alunos se distraíssem. Mesmo com essas dificuldades foram encontrados pontos positivos com

⁵ Programa de alfabetização audiovisual comemora 10 anos com festival e seminário. Disponível em: <www.guia21.sul21.com.br/cinema/programa-de-alfabetizacao-audiovisual-comemora-10-anos-com-festival-e-seminario>. Acesso em 02/05/2018.

⁶ Coordenadora da Secretaria de Cultura do município de Porto Alegre. Disponível em: <www.ufrgs.br/proext-siteantigo/news/7deg-festival-escolar-de-cinema-educando-novos-olhares-para-o-futuro>. Acesso em 20/11/2018.

a chegada do PROUCA na escola como a formação dos professores para o manuseio do aparelho e assim utilizá-lo nas atividades educacionais.

Em outros estados existem programas voltado para o incentivo da aprendizagem que chamam a atenção do aluno na sala de aula. No Estado de São Paulo, o programa “Acessa Escola: Tecnologia acessível para alunos da rede”⁷ oferece, segundo o site da Secretaria da Educação, acesso a computadores e à internet para alunos, equipe escolar e comunidade. São cerca de 70 mil computadores distribuídos nas 4.234 salas de aula das escolas de Ensino Fundamental e Médio de todo o Estado. Estimulando o uso das tecnologias como recurso pedagógico para professores e alunos desenvolverem as habilidades e as competências previstas no currículo.

Ainda conforme informações no site da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo outros programas que envolvem alunos e professores por meio do audiovisual é o “Cinema Vai à Escola” e “Escola em Cena” que promovem o acesso a filmes e espetáculos para estudantes da rede estadual.

O “Cinema Vai à Escola”, leva os alunos nas unidades da cidade para assistir filmes relacionados ao conteúdo do currículo escolar e também para espetáculos culturais com o objetivo de deixar as aulas cada vez mais atrativas, levando mais informação aos alunos.

Já o projeto “Escola em Cena” tem como objetivo o acesso de alunos a espetáculos culturais. O projeto orienta os professores sobre as atividades de forma significativa ao desenvolvimento do currículo. Os professores recebem orientações com material de apoio para trabalharem em sala de aula.

3.2. O AUDIOVISUAL NO AMAPÁ

Apesar de no Brasil o audiovisual ter se estendido com ferramenta de ensino nas escolas, no Amapá, ainda há um longo caminho a ser percorrido para que as mídias ganhem espaço no modo de ensinar.

Segundo Cantuária e Quaresma (2017, p.18) foi só no ano 2000 que o audiovisual ganhou destaque no estado como uma ferramenta institucional fortemente utilizada pelos governantes. Mais adiante, as produções independentes começaram a surgir.

⁷ Tecnologia acessível para alunos da rede. Disponível em: <www.educacao.sp.gov.br/acessa-escola>. Acesso em 15/06/2018.

Em 2004, ainda de acordo com Cantuária e Quaresma (2017, p.18) foi formado por alunos da Universidade Federal do Amapá o Festival Imagem e Movimento (FIM) com objetivo de buscar “filmes que não se encontravam no circuito comercial, além de buscarem criar um espaço alternativo que fugisse do eixo teatro-música”.

A partir disso, começa uma jornada pela valorização do audiovisual por meio dos grupos de profissionais como um todo que acreditam na produção como modo de interação social e cultural que pode ser desenvolvido em qualquer área.

Instalou-se então um quadro de produção independente no estado do Amapá o suficiente para despertar uma série de questões a respeito do documentário e audiovisual como um todo, e para gerar produtos e pesquisas (CANTUÁRIA; QUARESMA, 2017, p.19).

Em 2017, o Governo do Estado do Amapá (GEA) em parceria com a Agência Nacional do Cinema (ANCINE) lançou o primeiro edital⁸ voltado para o desenvolvimento do audiovisual que visa à produção de longa-metragem, documentário, telefilme ficção, curtas-metragens entre outras obras como forma de desenvolver o audiovisual no Amapá.

No ano de 2015, o jornalista André Cantuária que na época era voluntário do Grupo de Estudos e Produção Audiovisual do Amapá (GRAAPA) desenvolvido dentro da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) foi fazer a cobertura fotográfica do festival “Curta o Curta” na escola Raimunda dos Passos Santos. Nesse ano, o mesmo assistiu o curta-metragem “Em Busca da Felicidade” que contava a história de um rapaz que rodava o bairro para comprar açaí. O jornalista ficou admirado com a qualidade do roteiro e filmagens percebidos no filme.

Voltando para 2017, com a abertura do primeiro edital, Cantuária teve a ideia de desenvolver a história contada no curta-metragem “Em Busca da Felicidade” que tinha assistido em 2015. Mais adiante, apontaremos os desdobramentos dessa história.

3.3. A COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL E A EDUCAÇÃO

Segundo Melo e Tosta (2008, p.11) para compreendermos a relação entre essas duas interfaces, a comunicação e a educação, precisamos compreender “as

⁸ 1º edital de produção audiovisual FSA do Amapá 001/2017. Disponível em: <www.portal.ap.gov.br/audiovisual/Edital.pdf>. Acesso em: 08/11/2018.

singularidades de cada uma”. Só assim é possível pensar e trabalhar o audiovisual no ensino escolar.

Partimos da premissa que a comunicação é estudada em áreas distintas. Melo e Tosta defende a ideia de que este é um campo genuinamente interdisciplinar que envolve a sociologia, a filosofia, a psicologia e etc. Há vários conceitos que a caracterizam.

Mas, de modo geral, a comunicação se baseia na maneira em que as pessoas se comunicam e trocam informações entre si. Seja através da fala ou objetos que expressam certo entendimento pelo receptor da mensagem que está sendo canalizada. Um simples diálogo entre dois ou mais indivíduos pode ser entendido como comunicação, como bem diz Baldissera (2000):

A comunicação se caracteriza por ser/exigir relação (requer ligações/encontros/tensões, ainda que possam ser em níveis mínimos, entre, pelo menos, dois: relação “eu”-“outro”)” (BALDISSERA, 2000, p. 20).

Além dessa característica, Melo e Tosta (2008, p.12) ainda defende os diversos tipos de comunicação existentes que podem ser “gestual, visual, simbólica, falada, escrita, de massa, digital e etc.”.

A partir das ideias expostas, entende-se que a comunicação acontece quando dois ou mais indivíduos tenham uma determinada relação de comunicação que pode ser entendida por todos do grupo. Dessa maneira, entendemos que a escola é a interface que possibilita a relação da comunicação e a educação, uma vez que, numa sala de aula o ensino é praticado de forma conjunta, onde é possível que as pessoas se relacionem.

É necessário compreender a linguagem de cada sistema aqui estudado para determinarmos as relações, os limites e as possibilidades de estudo dessas áreas que são distintas, mas que podem convergir de tal maneira que uma possa agregar valor a outra.

Melo e Tosta (2008) diz que ao longo do tempo a comunicação vem sofrendo uma sequência de mudanças em seu significado, pois não se restringe só na relação física entre os indivíduos e objetos, mas na diversidade de novos artefatos que vão surgindo de acordo com o desenvolvimento humano e tecnológico. No livro “Mídia e educação” Melo e Tosta (2008) classificou esses conceitos em três parâmetros:

1) a trivialização do objeto (uma comunicação ou um comunicado); 2) os meios físicos de transporte, vias estradas de ferro e rodagem, rios, canais; 3) os meios tecnológicos de transmissão de informação, isto é, a mídia (imprensa, cinema, rádio e televisão) (MELO E TOSTA, 2008, p. 12).

Tendo como base o conceito de comunicação que é a ação de passar uma informação ou ideia sobre determinado assunto, partimos para o estudo da educação.

De acordo com Vianna (2006, p.130), “a educação, em sentido amplo, representa tudo aquilo que pode ser feito para desenvolver o ser humano e, no sentido estrito, representa a instrução e o desenvolvimento de competências e habilidades”. Nesse sentido, a educação pode ser advinda de outras maneiras, não só pela escola que é a principal instituição instaurada pelo estado quando se trata de educar os indivíduos.

Apesar de só a escolar não garantir totalmente a educação ela surge como uma instituição preventiva em relação à ignorância como determinou Melo e Tosta (2008).

A escola surge como instituição profilática contra a ignorância com, o objetivo de difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados e sistematizados pela humanidade, tendo como figura central o professor: aquele que organiza o processo de ensino-aprendizagem, transmitindo seu acervo cultural aos alunos. A ele caberia assimilar os conhecimentos que lhe são transmitidos (MELO; TOSTA, 2008, p.16).

Seguindo a ideia dos autores, as escolas foram “organizadas em classes”, como as conhecemos até hoje, assumindo o ensino sistematizado denominado pelo filósofo alemão Friedrich Herbart de “Pedagogia Tradicional”. Muitos estudiosos buscaram aprimorar as metodologias de ensino na escola, mas, segundo Melo e Tosta (2008) foi o pedagogo Celestín Freinet que se referiu diretamente à comunicação para entender a inter-relação desses dois campos de estudo.

Freinet foi capaz de pensar uma pedagogia que despertasse em seus alunos uma visão crítica dos meios de comunicação. E mais do que isso: propôs que, além de meros receptores, os alunos poderiam também ser produtores – idealizando metodologicamente o que viria a ser o “jornal escolar” (MELO; TOSTA, 2008, p.18).

Partindo desse conceito, enfim, podemos discutir a contribuição da comunicação para o ensino dos alunos nas escolas. E o audiovisual surge como uma ferramenta de ensino indispensável a partir do momento que analisamos os métodos de ensino empregado nessas instituições.

Ao retratarmos a educação na escola, a maneira como o professor ensina pode fazer com que aumente o interesse do aluno ou simplesmente desperte o desinteresse por matérias que não o agradam. O comportamento do estudante vem da influência do próprio professor. Para Morales (2006, p.25), os métodos utilizados

na sala, os exercícios, as práticas podem influenciar não só no aprendizado dos conteúdos ou habilidades dos alunos, mas também em suas atitudes com relação à matéria ao estudo e ao trabalho.

Há muitos problemas no aprendizado dos alunos. É responsabilidade do professor de buscar os métodos que podem ajudar no ensino de forma que estimule o interesse na sala de aula.

Conforme Morales (2006, p. 112, 113) as perguntas orais realizadas pelos alunos em sala de aula podem ser uma ferramenta para o aprendizado, uma vez que isso possibilita o professor a identificar as origens dos problemas do aprendizado e da compreensão. Já para Belloni (2009, p. 70) a modernização pode ser um caminho para ajudar a melhorar as políticas públicas educacionais.

Mas cabe ao professor exercer a sua posição de mediador e ficar sempre atento às mudanças comportamentais dos alunos diante das mídias digitais. Não tem como o professor adotar uma negação à mídia. Ela esta intrínseca na vida do aluno por viver em uma sociedade midiática. Com isso, o professor com seu ofício deve procurar entender as mídias para entregar a sua pedagogia.

Sobre essa questão, Melo e Tosta (2008, p. 24) defende duas situações para que esta ação aconteça:

Seja porque os alunos estão expostos à mídia permanentemente e trazem marcas de sua influência no cotidiano escolar, seja porque o professor, não desconhecendo essa realidade, incorpora em sua prática docente o que a mídia oferece como conteúdo a ser discutido em sala. Assim ele deve exercer seu papel de mediador na elaboração crítica e criativa de critérios de leituras das formas simbólicas ofertadas pelos meios de comunicação e tecnologias digitais (MELO; TOSTA, 2008, p. 24).

A inter-relação da comunicação com a educação na escola acontece quando o professor estabelece uma relação com o aluno e esse aluno, por sua vez, com o colega. Morales (2006, p.149) defende que “nós nos relacionamos com os alunos e lhes transmitimos mensagens de várias maneiras, e também lhes dizemos algo quando fazemos com que eles se relacionem e se comuniquem entre si”.

Segundo Belloni (2009, p. 71), desde o ano de 1993 vem sendo estudado por alunos de escolas públicas de Brasília, Rio de Janeiro e Florianópolis o Programa Formação do Telespectador que se apresenta por meio de um kit pedagógico, com vídeos e impressos, diversos temas sobre a televisão e seus programas com o objetivo de fazer com que os alunos desenvolvam um senso crítico da relação que eles estabelecem com a televisão. Além disso, o programa visa:

Contribuir para que a escola possa assumir, com qualidade, mais esta tarefa que certamente lhe cabe: educar para a mídia. Tarefa, alias, tão importante que consta da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, exigindo que a instituição escola – ou seja, professores, especialistas e autoridades – prepare-se para estudar a televisão e suas mensagens do mesmo modo que estuda a literatura (BELLONI, 2009, p. 71).

Diante da realidade do ensino nas escolas e o avanço tecnológico na área da comunicação é necessário a renovação da escola, buscando novas metodologias para integrar ao ensino de modo que resgate o interesse do aluno no aprendizado, já que hoje é a internet que fornece infinitas possibilidades.

A respeito disso, Belloni diz que “o avanço tecnológico no campo das comunicações torna indispensável e urgente que a escola integre essa nova linguagem audiovisual, que é a linguagem dos alunos, sob pena de perder o contato com as novas gerações”.

No meio disso, surge uma nova área de atuação que ainda está em desenvolvimento chamado por Melo e Tosta (2008, p.11) de “educomídia” que pode ser, segundo os autores, um profissional formado e ter uma atuação que busque a convergência entre a escola e a mídia.

Na visão de Maria, Aguiar e Bomfim (2012, p.5) educomídia é a “união dos campos de educação e dos canais midiáticos com o objetivo de potencializar o aprendizado”. Já Soares (2004) denomina essa nova área em ascensão de educomunicação e a conceitua como um conjunto de ações destinadas a:

1 - integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação (cumprir o que solicita os PCNs no que diz respeito a observar como os meios de comunicação agem na sociedade e buscar formas de colaborar com nossos alunos para conviverem com eles de forma positiva, sem se deixarem manipular. Esta é a razão de tantas palestras sobre a comunicação e suas linguagens); 2 - criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos (o que significa criar e rever as relações de comunicação na escola, entre direção, professores e alunos, bem como da escola para com a comunidade, criando sempre ambientes abertos e democráticos. Muitas das dinâmicas adotadas no Educom apontam para as contradições das formas autoritárias de comunicação); 3 - melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas (Para tanto, incluímos o rádio como recurso privilegiado, tanto como facilitador no processo de aprendizagem, quanto como recurso de expressão para alunos, professores e membros da comunidade) (SOARES, 2004, p.2).

Hoje, para falarmos do audiovisual no ambiente escolar é necessário que, antes, discusemos sobre a sociedade que está culturalmente midiaticizada. Desde 2001, Belloni já orientava que “a escola deve integrar as tecnologias de informação e comunicação por que elas já estão presentes em todas as esferas da vida social”.

O audiovisual é um forte aliado dentro de uma escola, tanto para o aluno quanto para o professor, fazendo com que ambos se sintam estimulados neste ambiente de ensino por meio das possibilidades de estudos que essa ferramenta possui. E uma dessas possibilidades é a interdisciplinaridade ou até mesmo a construção de algum produto audiovisual como curtas-metragens ou minidocumentários que podem garantir maior interação entre os alunos e professores.

O professor poderá trabalhar com filmes na sala de aula, partindo de diversas abordagens. A interdisciplinaridade também é uma possibilidade interessante, na medida em que mais professores de diferentes disciplinas estejam integrados as atividades (NAPOLITANO, 2013, p. 37).

Para Napolitano (2013, p.15) “uma das justificativas mais comuns para o uso do cinema na educação escolar é a ideia de que o filme ilustra e motiva alunos desinteressados e preguiçosos para o mundo da leitura”. Já para Duarte (2002, p.82) o cinema é uma das mais importantes artes visuais da atualidade, com um imenso poder de atração e indiscutível potencial criativo.

Os projetos audiovisuais nas escolas ajudam na formação de alunos que se habilitam a conhecer esse mundo em que as imagens passam informações, e em seguida logo são interpretadas por eles. É uma linguagem nova que servirá para a formação futura dos estudantes. Côrtes (2003, p. 32) menciona que “a linguagem audiovisual constrói continuamente suas características, transformando-se à medida que novas formas de captação e registro de sons e imagens vão sendo descobertos / criados”.

Assim como em alguns projetos o “Curta o curta” se estabelece na vida de estudantes que tem a chance de poder conhecer sobre as técnicas que o audiovisual possui, por ser algo que está presente o tempo todo na vida das pessoas, como na televisão e filmes. As produções audiovisuais é a representatividade de que apenas um olhar diferente sobre algo a se produzir pode transformar toda uma vida.

As atividades produzidas nos dois projetos desse estudo de caso oferecem oportunidade de os alunos trabalharem em equipe, discutindo sobre o tema de produção, captação de imagens, edições dentre outros.

Concomitantemente, Napolitano (2013, p.28) diz que o cinema na sala de aula pode ser estudado de três maneiras; pelo conteúdo, pela linguagem e pela técnica. Abordaremos aqui esta última que nos vale de cunho comparativo aos

gêneros midiáticos produzidos nas escolas Raimunda dos Passos Santos e Raimunda Virgolino:

Trata-se de um campo de atividades a mais para o professor, que pode debater sobre diversos processos, etapas, tratamentos técnicos e tecnológicos dos materiais e efeitos presentes nos filmes, independentemente do seu conteúdo (NAPOLITANO, 2013, p. 30).

Ainda na ideia do autor, “trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e levada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer e a ideologia são sintetizados numa mesma obra de arte”.

A comunicação entre aluno e professor é essencial. E dentro do ambiente escolar, o audiovisual pode ajudar nesse sentido com a produção de filmes, buscando sempre o ensino e aprendizagem. O papel do professor é indispensável, como defende Napolitano (2013, p.14), “é preciso que o professor atue como mediador entre a obra e os alunos, ainda que ele pouco interfira naquelas duas horas mágicas de projeção”.

Mas segundo Duarte (2002, p.20) o audiovisual ainda é considerado no âmbito educacional uma ferramenta sem muita significância, onde seus recursos não são tão explorados ou não são vistos com tanta importância quanto às atividades tradicionais de uma escola.

Por incrível que pareça, os meios educacionais ainda veem o audiovisual como mero complemento de atividades verdadeiramente educativas, como a leitura de textos, por exemplo, ou seja, como um recurso adicional e secundário em relação ao processo educacional propriamente dito (DUARTE, 2002, p.20).

Os filmes são essenciais para estudos em sala de aula, apresentações, enfim, mas não servem somente para apresentá-lo sem haver uma discussão sobre a temática. A importância dessa ferramenta audiovisual é uma das mais importantes para a formação de conhecimento que é repassado para os alunos que fazem parte de projetos onde estarão também produzindo seu próprio material.

Para Ferro (1992, p.79), “o filme não é só um produto, mas um agente da história, porque a imagem cinematográfica vai além da ilustração: no seu verso está expressa a ideologia dos realizadores e da sociedade”.

As tecnologias possuem papéis fundamentais por serem cheias de informações. E os estudantes, inserido nesse meio globalizado, desenvolvem

conhecimento no que diz respeito à linguagem utilizada a partir do que eles vejam na televisão, internet ou filmes.

Atualmente, não podemos mais adiar o encontro com as tecnologias; passíveis de aproveitamento didático, uma vez que os alunos voluntários e entusiasticamente imersos nesses recursos – já falam com outra língua, pois desenvolveram competências explicitadas para conviver com eles (CÔRTEZ 2009, p.18).

Por isso é importante que as escolas se modernizem e utilizem os recursos disponíveis que podem ser trabalhados para formar alunos críticos frente a uma sociedade midiaticizada na qual ele está inserido.

Os meios de comunicação possuem informações privilegiadas como vemos no rádio, na TV e com isso o telespectador tem a necessidade em se informar através desses meios que para ele o fará adquirir ainda mais conhecimento. Mas não se deve apenas se informar com o que vemos na TV, por exemplo. Acerca disso Baccega (2003) afirma:

Enquanto ainda falamos em educação para os meios, ou leitura crítica dos meios, o campo comunicação/educação já está constituído. Já não se trata mais, portanto, de discutir se devemos ou não utilizar os meios de comunicação no processo educacional ou de procurar estratégias de educação para os meios. Trata-se de constatar que, educadores primeiro, são eles que estão construindo a cidadania (BACCEGA 2003, P. 37).

Com isso, o papel do professor é o principal elemento nesse processo de comunicação com o aluno, é ele que vai repassar os mais variados conhecimentos. Então o aluno deve estar atento a isso. Primeiro ele deve seguir o que foi passado pelos educadores e depois utilizar outros meios para se informar, com isso não só irá adquirir conhecimentos como também a comunicação com o professor não se perderá.

No caso da mídia e a escola, é fato que as mídias digitais são uma potência na questão de que em seu campo possuem um domínio de informações, e na visão de Braga e Calazans (2001, p. 67), a escola se encontra atrás das mídias por serem mais velozes. A escola é inevitavelmente mais lenta na revisão de programas e currículos. Enquanto isso, a mídia disponibiliza imediatamente os conhecimentos que se destacam.

Por um lado, esses conhecimentos aparecem descontextualizados, dispersos, em forma de “varejo”. Por outro lado, a escola, ao tentar sintonizar com o ritmo da mídia, arrisca desenvolver um enfoque marcado pelo modismo e pela informação mais chamativa ou espetacular.

Naturalmente essa questão se coloca mais no nível do ensino fundamental (de formação geral, para todos), e menos no das formações especializadas de nível secundário ou superior, como defendeu Melo e Tosta (2008, p. 67).

Produzir usando as ferramentas que o audiovisual possui é uma forma de alunos se comunicarem com colegas e professores, onde a temática usada é a própria realidade do local onde vivem que podem ser mostrados através de projetos voltados para a produção de curtas-metragens.

O audiovisual é imprescindível para a formação de alunos que acreditam no seu potencial. Na escola, um projeto que trabalha com isso atrai alunos e professores, até a comunidade ao redor. No livro *Técnicas Audiovisuais de Educação*, Nélio Parra cita o termo comunicação como uma forma de trocar ideias e a interação com outras pessoas.

O termo comunicação, em seu sentido lato, sugere a ideia de comunhão, de estabelecimento de um campo comum com as outras pessoas, de divisão de informações, de ideias, de sentimentos. Podemos dizer que comunicar é o processo pelo qual um indivíduo transmite estímulos a outros indivíduos, a fim de modificar seu comportamento (PARRA, 1970, p.11).

Trabalhar com o audiovisual na escola pode chamar a atenção daqueles alunos que perdem o interesse sobre os mesmos assuntos estudados em sala. Para Napolitano (2013, p.15), o desinteresse escolar é um fator complexo que envolve aspectos institucionais, culturais e sociais extremamente amplos e não se reduz apenas as insuficiências da escola e do professor.

Mas o cinema se tornou essencial na aprendizagem. E muitas escolas utilizam como forma de melhorar o conhecimento dos alunos. É importante observar o que essa arte passa para o aluno quando lhe é apresentado, o que eles podem discutir sobre. A Aprendizagem é o que vem de significativo.

Os caminhos do cinema e da educação se cruzam no horizonte das expectativas pedagógicas e é irrefutável a contribuição de um ao outro ao longo da história, e enquanto a educação prepara o cidadão ao futuro, o cinema pode auxiliar a mostrar os vários caminhos para que esta jornada termine a contento (ANACLETO; MICHEL; OTTO, 2007, p.2).

O audiovisual como ferramenta de ensino fortalece ainda mais o trabalho do professor oferecendo ao aluno não só o conhecimento, mas também a distração com o trabalho em equipe.

Considerando que o aluno passa mais tempo fora da escola, imerso em centenas de informações que chegam até ele através das mídias digitais. É fácil pensar na desvantagem que a escola tem nesse sentido. Nélio Parra analisa os

meios de comunicação como sendo o principal atrativo do indivíduo fora da sala de aula.

Examine-se apenas o fenômeno das telenovelas para se aquilatar o grande potencial dos meios de comunicação à massa. Ora, o aluno que fora da escola encontra uma série de atrativos naqueles meios, não poderá, evidentemente, manter a mesma atenção em aulas onde a monotonia domina e a falta de atividade possibilita a evasão física ou em pensamento para os estímulos agradáveis do mundo exterior (PARRA, 1970, p.15, 16).

Há três tipos de dimensões no campo educacional que fala sobre sociedade, estabelecimento e sala de aula. O nosso foco é sobre a questão dessa última. Braga e Calazans (2001, p. 45) destaca a terceira dimensão no campo educacional da sala de aula.

A “sala de aula”, com o espaço de ensino/aprendizagem, da pedagogia, do exercício da profissão do professor, da didática, da psicologia da aprendizagem relaciona-se com a sociedade em função das motivações trazidas pelos estudantes, de suas inserções sociais e prontidão para o aprender, dos modos de percepção culturalmente desenvolvidos sobre as coisas e as pessoas” (BRAGA E CALAZANS, 2001, p. 45).

Ou seja, os alunos trazem toda uma vivência que possuem fora e levam para dentro da sala de aula, envolvendo as pessoas da comunidade. Como exemplo, exaltamos o projeto Curta o Curta que busca envolver a comunidade do bairro Novo Horizonte com as atividades de produção e exibição dos curtas-metragens, onde os familiares de alunos participam e ao mesmo tempo adquirem o conhecimento repassado pelos estudantes através das produções desenvolvidas na escola.

3.4. METODOLOGIA UTILIZADA NA PESQUISA

Para abordar o problema desta monografia, buscamos compreender a utilização do audiovisual para o ensino a partir de uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos, monografias e sites de autores como Marcos Napolitano (2013) com o livro “Como usar o cinema na sala de aula”, Rosália Duarte (2002) “Cinema e Educação”, José Marques de Melo (2008) com o livro “Mídia e Educação”, José Luiz Braga e Regina Calazans “Comunicação e Educação: questões delicadas na interface”, além de Maria Baccega com o livro “Televisão e Escola – Uma mediação possível?”.

Na preparação para a coleta de informações deste estudo de caso nosso primeiro trabalho prático foi realizar uma visita às escolas Raimunda dos Passos Santos e Raimunda Virgolino para fazer o reconhecimento do local onde são realizados os projetos audiovisuais. Neste primeiro contato identificamos as fontes

que deram suporte para a realização da pesquisa. Dentre os entrevistados estão professores, parceiros dos dois projetos, coordenadores pedagógicos das escolas, alunos, ex-alunos, familiares e jurados que participaram do festival “Curta o Curta”.

A seguir, listamos com nome e profissão os entrevistados que colaboraram com a pesquisa:

- Neusa Olivia – Professora de Língua Portuguesa e Literatura e coordenadora do projeto “Curta o Curta”;
- Jhonatan Costa – Coordenador pedagógico da Escola Raimunda dos Passos Santos;
- Pedro Silva – Professor de História;
- Fábila Arrelias – Professora de Biologia;
- Júlio França – Professor de Língua Portuguesa;
- Luan Macêdo – Fotógrafo, editor de vídeo e jurado no Festival “Curta o Curta” em 2014;
- Sandro Brito – Ator e jurado no Festival “Curta o Curta” em 2015 e 2017;
- Bárbara Faleiro – Jornalista, produtora audiovisual e jurada no Festival “Curta o Curta” em 2015;
- Pablo Carvalho - Aluno da Escola Raimunda dos Passos Santos, participante do projeto “Curta o Curta” em 2017;
- Hainary Gonçalves - Aluna da Escola Raimunda dos Passos Santos, participante do projeto “Curta o Curta” em 2017;
- Everton Santos - Aluno da Escola Raimunda dos Passos Santos, participante do projeto “Curta o Curta” em 2017;
- Valdirene Carvalho – Mãe do aluno Pablo Carvalho;
- André Cantuária – Jornalista, produtor audiovisual e oficinairo do projeto “Curta o Curta” 2017;
- Andréia Martel – Professora de História e coordenadora do projeto “Ciências Humanas no Cinema”;
- Edilene Rocha – Coordenadora pedagógica da Escola Raimunda Virgolino;
- Guajarina Sousa - Ex- Professora de Língua Portuguesa da Escola Raimunda Virgolino;

- Adrienne Marques – Ex- aluna da Escola Raimunda Virgolino;
- Tiago Freitas - Ex- aluno da Escola Raimunda Virgolino;
- Rafael Aleixo – Oficineiro do projeto GRAAPA;
- Jhenni Quaresma – Jornalista, produtora audiovisual eicineira do projeto Curta o Curta 2017.

Após esse trabalho, com o auxílio da orientadora, focamos na elaboração dos roteiros das entrevistas semiestruturadas, com perguntas pertinentes a solucionar o problema e fundamentais para o tema investigado. Para cada entrevistado elaboramos um roteiro específico, de acordo com a área de atuação em cada projeto.

Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista faz com que as informações apareçam de forma livre onde as respostas não precisam seguir normas.

Além de utilizarmos a entrevista semiestruturada, nos apossamos também da história oral como fonte metodológica para melhor nos relacionarmos com as fontes, conduzindo as entrevistas dentro do nosso objeto de estudo, de forma livre e dinâmica. De acordo com Augusto (2012):

Uma das vantagens da História Oral é a de conduzir obrigatoriamente o historiador a uma abertura permanente com relação às suas fontes, o material com o qual se serve para o seu trabalho. Impedindo que o pesquisador não deixe e até “proíba” que as próprias fontes falem do objeto de estudo e da realidade que busca conhecer (AUGUSTO, 2012, p.36).

No início iríamos aplicar questionários e formulários, mas seguindo orientação, foi decidido que seria melhor utilizar a entrevista semiestruturada e fazer a aplicação de questionários para assim obtermos os melhores resultados para a pesquisa. O questionário foi elaborado exclusivamente pelas autoras desta pesquisa, seguindo todas as orientações para a formulação das perguntas mais adequadas ao tema estudado.

Após o questionário e os roteiros serem corrigidos pela orientadora, fomos liberadas para campo. É importante destacar que, antes de começarmos as coletas de informações quali-quantitativas elaboramos um termo de autorização de

entrevista e imagem, onde todos os entrevistados da pesquisa nos deram consentimento através da assinatura para o uso das informações coletadas.

Solicitamos junto à coordenação do curso de Jornalismo da Unifap dois ofícios que foram encaminhados para a diretoria das escolas que autorizou a nossa pesquisa com as pessoas envolvidas diretamente nos dois projetos.

As entrevistas deram início no dia 10 de outubro de 2017 e se estenderam até o dia 05 de fevereiro de 2018 nas duas escolas.

As aplicações dos questionários foram realizadas de forma presencial somente na escola pública estadual Raimunda do Passos Santos, no dia 14 de dezembro de 2017, durante o horário da manhã e tarde, com duas turmas do 3º ano da manhã – 311 e 312 - e com uma turma do 3º ano da tarde - 321. No total foram aplicados 51 questionários entre os alunos envolvidos no projeto “Curta o Curta” do ano de 2017.

Na escola pública estadual Raimunda Virgolino foi realizada somente entrevista com a coordenadora pedagógica, oficinairos do projeto GRAAPA, ex-alunos e ex-professores da instituição, visto que, o projeto só existiu durante o ano de 2015 na escola.

Para organizar as entrevistas criamos um diário de campo onde anotamos todo o passo a passo da pesquisa. Nesse diário, consistem informações necessárias como nome de cada entrevistado, bem como data, local e hora de cada entrevista que foram devidamente decupadas.

Durante todos os momentos da nossa pesquisa de campo utilizamos gravadores, celulares e câmera fotográfica para a captação de áudio e fotografias. Além de acompanharmos a realização do V Festival “Curta o Curta” realizado no dia 21 de dezembro de 2017 na escola Raimunda dos Passos Santos. Neste dia, observamos o evento como pesquisadoras. Entrevistamos jurados, alunos e familiares.

4. O PROJETO “CURTA O CURTA”

4.1. LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL RAIMUNDA DOS PASSOS SANTOS

A escola onde é desenvolvido o projeto audiovisual “Curta o Curta” fica localizada na Avenida Lourenço Araújo de Sá, número 2162, bairro Novo Horizonte - zona norte de Macapá – AP. O local é periférico e muito conhecido pelo alto índice de violência como furtos e assaltos.

4.2. O SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO “CURTA O CURTA”

A ideia de trabalhar com o audiovisual na escola Raimunda dos Passos Santos surgiu em 2009, sob a coordenação da professora Neusa Olivia que percebeu a necessidade da escola ter um trabalho que instigasse e envolvesse os alunos do 3º ano do ensino médio de forma dinâmica e que ficasse como legado para a instituição de ensino, visto que, não havia formatura nessa época. O referido projeto era um jornal eletrônico chamado “Além do Mundo” que foi produzido durante os três anos seguintes na escola.

Em 2012 o Governo Federal criou o programa Ensino Médio Inovador (ProEMI) que tinha como finalidade desenvolver projetos práticos multidisciplinares nas escolas públicas de todo país, dando auxílio técnico e financeiro às instituições de ensino que se inscrevessem no programa.

A partir da necessidade proveniente do governo federal de estimular a criação de um projeto que integrasse todas as disciplinas nas escolas públicas e, principalmente, do interesse pessoal da professora Neusa Olivia de continuar trabalhando com o audiovisual na Raimunda dos Passos Santos foi que nasceu o projeto “Curta o Curta” com o objetivo de fazer com que os alunos produzissem curtas-metragens durante todo o ano letivo, onde teriam que escolher temas, criar roteiros, gravar, filmar, atuar e editar.

Mas, para que toda a dinâmica de produção dos curtas funcionasse de forma satisfatória era necessário que os alunos tivessem oficinas de vídeo, roteiro, filmagem e edição. Porém, a verba do programa Ensino Médio Inovador que custearia essa parte do projeto só foi repassada no ano de 2012 para a escola e, até hoje, mesmo sem a ajuda do governo, o projeto se sustenta pela vontade dos coordenadores, professores, alunos e colaboradores.

Atualmente, o “Curta o Curta” é considerado o maior projeto audiovisual desenvolvido na escola Raimunda dos Passos Santos e já existe a seis anos, contendo única interrupção no ano de 2016 pelo fato da coordenadora ter saído de licença da escola, mas retornando no ano de 2017.

Desde o surgimento do “Curta o Curta” que a escola enfrenta dificuldades de desenvolver bem o projeto. Quando existia o Ensino médio inovador, os últimos horários das aulas eram destinados, especificamente, à produção de curtas-metragens. A partir de 2013, com o corte da verba do programa para a escola,

ocasionado pela crise que assola o Brasil, houve a necessidade de reformular o projeto.

Em entrevista, a professora Neusa Olívia declarou que em 2013 foi necessário tirar verba da escola para promover algumas oficinas aos alunos, mas a ideia não deu muito certo por conta do alto custo do serviço e da demora no repasse do valor aos contratantes.

Sem o auxílio federal, mas com grande desejo de dar continuidade no projeto audiovisual na escola, a professora proporcionou aos alunos uma aula das suas disciplinas durante todo o ano de 2014 e 2015. Buscou se aprimorar na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), fazendo um curso promovido pelo Grupo de Audiovisual do Amapá. Com um tempo, outros professores da escola começaram a contribuir com o projeto que já vinha dando resultados, mesmo com todos os problemas.

Em 2017, os professores Pedro Silva (História), Fábria Arrelias (Biologia), Adriana Pantoja (Artes) e Júlio França (Português) reforçaram o projeto na escola.

Também em 2017 o projeto ganhou reforço externo dos jornalistas e produtores audiovisuais locais, Jhenni Quaresma e André Cantuária, que contribuíram, principalmente, com a parte técnica, promovendo oficina de fotografia, áudio, vídeo e edição aos alunos.

O "Curta o Curta" é destinado somente para os alunos do 3º ano da escola. A dinâmica do projeto começa com a escolha do tema, depois roteiro, filmagens, gravação e edição. O processo termina sempre no mês de dezembro, onde geralmente acontece o festival com a premiação dos melhores curtas-metragens produzidos durante todo o ano letivo.

Como já citado, é pertinente informar que o projeto de extensão da UNIFAP, criado em 2014, intitulado GRAAPA - Grupo de Estudos e Produção Audiovisual do Amapá - "Paisagens Culturais Amapaenses" é voltado para a promoção de atividades que visam fomentar a divulgação, educação, bem como, a realização de produtos midiáticos (vídeos e afins) resultado de experimentação com linguagens híbridas a partir do audiovisual e novas mídias, com particular atenção à questão ambiental, sobre "paisagens culturais amapaenses".

A proposta deste projeto é de oportunizar e fornecer subsídios para a formação dos estudantes, professores de rede pública assim e do cidadão comum nas práticas sociais relativas ao audiovisual e as novas mídias. Focando-se o

diálogo entre as artes e convergência de meios na promoção da cultura da memória como instrumento para desenhar o futuro desejável. O que se dará de forma interdisciplinar, envolvendo Arte, Cultura e Sociedade.

Esse projeto de extensão ajudou a desenvolver tanto o projeto “Curta o Curta”, quanto o “Ciências Humanas no Cinema” por meio de curso para professores, palestras e oficinas para alunos. Em 2014 o projeto de extensão promoveu o curso para professores da rede pública de ensino denominado “História e Linguagem do Cinema e do Audiovisual”, onde a coordenadora Isabel Augusto estabeleceu relação com a professora Neusa Olivia. E em outubro de 2015 o projeto realizou oficinas na escola Raimunda Virgolino.

As contribuições do Grupo de Audiovisual do Amapá com as escolas aqui estudadas se deram por meio de palestras, seminários, oficinas, participação no júri do festival, bem como atividades cineclubistas.

5. O PROJETO “CIÊNCIAS HUMANAS NO CINEMA”

5.1. LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL RAIMUNDA VIRGOLINO

A escola onde foi desenvolvido em 2015 o projeto audiovisual “Ciências Humanas no Cinema” fica localizada na Rua Vila das Oliveiras, número 837, no bairro Pedrinhas – zona sul de Macapá – AP.

5.2. O SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO “CIÊNCIAS HUMANAS NO CINEMA”

Segundo Andréia Martel, coordenadora do projeto “Ciências Humanas no Cinema”, a ideia de trabalhar com o audiovisual na escola Raimunda Virgolino surgiu a partir de vários fatores. Em 2015, ela fez uma especialização de Mídias para a Educação pela Universidade Federal do Amapá. E a primeira proposta que teve foi de implementar uma rádio escolar na Raimunda Virgolino.

Através de algumas pesquisas a professora descobriu que era possível conseguir recursos para desenvolver essa primeira proposta que, em entrevista, afirmou ter ido até a secretaria de educação de Macapá – AP, mas não encontrou o núcleo específico para tratar dessa parte burocrática. Logo depois, Andréia Martel, que era professora de História na escola, começou a trabalhar o cinema com os seus alunos.

Foi aí que surgiu o projeto “Cine História” que mais tarde se denominou “Ciências Humanas no Cinema” que, assim como o projeto “Curta o Curta”, também surgiu da necessidade das escolas públicas de ensino apresentarem um projeto, visando se enquadrar no programa ensino médio inovador proposto pelo Governo Federal.

Em 2015 a escola recebeu a notícia de que o programa do governo seria implementado na instituição. Foi elaborado pela professora Martel e outros professores das ciências humanas da escola a proposta do projeto audiovisual que tinha como objetivo a produção de minidocumentários, curtas, videoclipes e afins. Segundo a professora, “a ideia era que os alunos passassem por todas as etapas de produção como a escolha do tema, roteiro, filmagem e edição”. O projeto foi apresentado aos organizadores do ProEMI, mas a escola não foi beneficiada com o valor necessário para o desenvolvê-lo.

Apesar das primeiras dificuldades de concretizar o projeto na escola, a professora não desistiu. E, em parceria com a Universidade Federal do Amapá, através do Projeto de Extensão “Grupo de estudos e produção audiovisual do Amapá” (GRAAPA), foi desenvolvido no período do dia 26 a 29 de outubro de 2015 oficinas para a produção do minidocumentário “Caminhos da democracia”. Assim, os alunos do 3º ano da escola puderam aprender sobre a produção de roteiro, manuseio de câmeras, captação de áudio/vídeo e edição. Após esse episódio, Martel foi transferida e o projeto não teve continuidade na escola.

Durante a realização da coleta de dados para esta monografia descobrimos por meio da professora Andréia Martel que todo o material produzido no projeto “Ciências Humanas no Cinema” foi perdido em decorrência de uma falha em seu computador que precisou ser formatado.

O que existe sobre o desenvolvimento do projeto na escola são fotos das oficinas ministradas através do Projeto de Extensão GRAAPA da UNIFAP e relatos de alunos, professores e da coordenação pedagógica que nos foram fornecidos por meio da entrevista semiestruturada.

Atualmente a escola Raimunda Virgolino se enquadra no ensino médio integrado. A maioria das pessoas que foram envolvidas no projeto “Ciências Humanas no Cinema” já não fazem mais parte do corpo docente da escola.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO

6.1. A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NAS ESCOLAS

Apresentamos os resultados de como o audiovisual é utilizado como ferramenta de ensino nas escolas estudadas. Para os resultados do “Curta o Curta”, desenvolvido na escola Raimunda dos Passos Santos iremos utilizar a referência “escola A” e para os resultados do “Ciências Humanas no Cinema”, que foi realizado em 2015 na escola Raimunda Virgolino utilizaremos a referência “escola B”.

Ressaltamos que foram realizadas entrevistas semiestruturadas na escola Raimunda dos Passos Santos com os professores, coordenadores pedagógicos, alunos e seus familiares envolvidos no projeto “Curta o Curta” 2017. O questionário foi submetido exclusivamente com os alunos desta instituição. Já na escola Raimunda Virgolino, a coleta de dados da pesquisa foi realizada com os profissionais que participaram do projeto, como professores, coordenadores e ex-alunos por meio da entrevista semiestruturada. Não houve aplicação do questionário nesta escola pelo fato do projeto só ter existido no ano de 2015.

Tanto na escola A quanto na escola B, a construção do produto audiovisual se deu pela escolha do tema, roteiro, filmagens (captação de imagem e vídeo) e por fim a edição.

6.1.1. Escolha do tema

Uma produção audiovisual começa com o surgimento de várias ideias, sobre qual assunto será apresentado no filme, seja ele longa/curta-metragem ou documentário. Não importa o tipo, a ideia vem em primeiro lugar.

Na escola A, o processo inicia com os alunos sendo divididos em grupo de no máximo 10 integrantes. Após esse método, começa a discussão sobre a escolha do tema que será abordado na produção.

Geralmente é apresentado pelos alunos assuntos da realidade em que eles vivem. Por isso, é bastante comum eles retratarem a violência, o racismo, a homofobia, por exemplo, já que moram e estudam em um bairro periférico com alto índice de violência urbana. Os temas são livres. No final, são os alunos que decidem sobre o assunto a ser desenvolvido na produção, como explicou Neusa Olivia em entrevista oral concedida em outubro de 2017:

É sempre muito livre, não tem aquela marra de “você têm que falar disso”, mas é lógico que a gente dá sugestão como, por exemplo, “vamos tentar

colocar no filme de vocês algum elemento que remeta lá para a violência doméstica” ou de repente vamos pensar a questão do feminino. Existem temas que a gente vai discutindo, mas nada é fechado são eles que no final decidem. Não é à toa que sai comédia, sai drama... Só que esses dramas, como não temos aparato, eles caminham sempre para a comédia, já que não tem a estrutura que aquela cena necessita para ser dramática. A gente ver um erro de continuidade lá atrás, não tem como não rir da situação. Os temas são sempre livres. No final são eles que decidem, mas sempre tem o nosso crivo. (NEUSA OLIVIA, RAYLANA DANTAS e WENDY RAMOS, Macapá: 10 de outubro de 2017. Apêndice B: p. 61).

Do ponto de vista técnico, a pesquisa mostrou que há risco em deixar a autonomia da escolha do tema sobre total responsabilidade dos alunos, pois existem assuntos que, ao serem trabalhados em uma produção audiovisual se tornam complexos pelo fato de não haver recursos adequados para que o processo seja desenvolvido com excelência, como explicou em entrevista o editor de áudio/vídeo e fotógrafo, Luan Macêdo, jurado no festival Curta o Curta no ano de 2014: “mostrar uma realidade parece simples, mas quando tu coloca ela num filme se torna muito complexa” (Apêndice B, p. 66).

Figura 1. Entrevista com Luan Macêdo, fotógrafo e editor



Fonte: Raylana Dantas e Wendy Ramos

Na escola B, a dinâmica para escolher o tema a ser abordado na produção também ficava sob a responsabilidade dos alunos que se dividiam em grupo e discutiam sobre os mais variados assuntos, até chegarem num senso comum. No ano de 2015 foi escolhido pelos alunos diante de professores e oficinairos do projeto GRAAPA que seria rodado o minidocumentário denominado “Caminhos da Democracia”.

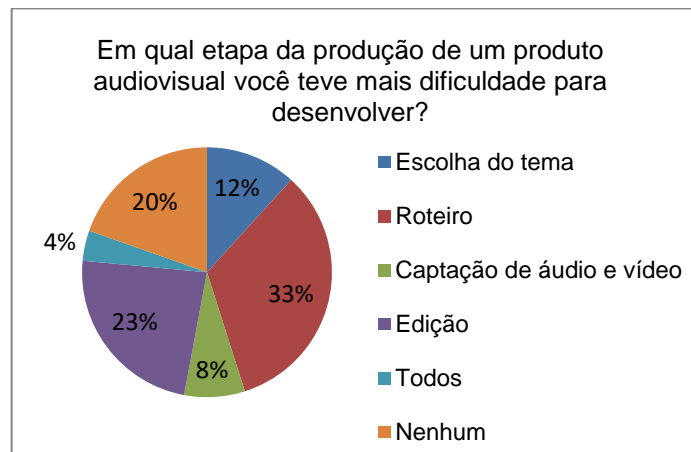
6.1.2. Roteiro

Segundo Napolitano (2013, p.234), a criação do roteiro parte do desenvolvimento dramático do argumento escolhido. Nele contém o conjunto de sequências, a descrição das cenas e os diálogos que as compõem. Faz a unidade, a coerência e a tensão dramática da história que pode ser original - quando a história é escrita especialmente para o filme ou adaptado – quando é inspirado em uma obra diferente, como um livro, por exemplo. O profissional que cria o roteiro é o roteirista, podendo ou não ser o diretor do filme.

Simplificando, é a parte do processo de uma produção audiovisual onde são descritas todas as cenas, os personagens e os lugares onde será gravado o filme. É o momento em que todo o passo a passo da produção deve ser claro e definido em detalhes.

No que tange ao roteiro da escola A, a pesquisa mostrou por meio do questionário (figura 2) que é nesta etapa que os alunos têm mais dificuldade na construção de um produto audiovisual.

Figura 2. Resultado da pesquisa



Fonte: Raylana Dantas e Wendy Ramos

Nesta fase do processo os alunos são acompanhados por um professor de língua portuguesa que auxilia na criação da narrativa, bem como na estrutura linguística e coerência do texto para ser produzido. Há também a participação dos oficinairos que explicam as técnicas necessárias para a elaboração desta fase do curta.

Na escola A, o aluno Everton Santos nos falou sobre a orientação que teve com os professores para a construção do roteiro realizado em Macapá por meio de entrevista concedida no dia 21 de dezembro de 2017.

Eles deram diversas ideias na verdade foi mais ou menos assim a gente entregou um roteiro para eles e eles explicaram para a gente o que que a gente tinha que mudar o que a gente não tinha que fazer (EVERTON SANTOS, RAYLANA DANTAS e WENDY RAMOS, Macapá: Dezembro de 2017. Apêndice B, p. 79).

Na entrevista concedida em 18 de janeiro de 2018, André Cantuária, oficinairo do projeto “Curta o Curta” revelou que houve uma evasão considerável da participação dos alunos no projeto. Tanto que até dificultou a realização das oficinas seguintes, como de fotografia, áudio e vídeo, pois a maioria dos alunos não se interessava pela parte “chata” do projeto. Já que nela havia a necessidade de pensar e escrever um roteiro.

A partir dessa afirmação, destacamos uma fala da professora de Biologia da escola, Fabia Arrelias, que informou por meio da entrevista semiestruturada que “tudo o que eles não têm que ler, tudo o que eles não têm que escrever chama a atenção deles” (Apêndice B, p. 71).

Dessa forma, podemos concluir que o aluno de hoje, diante das mídias digitais, já não está tão ligado no método tradicional de ensino. É preciso inovar, e o audiovisual surge como uma nova opção na vida educacional deles.

Já na escola B, o resultado apurado com um ex-aluno participante do projeto “Ciências Humanas no Cinema” indicou que o roteiro foi a melhor etapa do processo: “a gente teve umas aulas sobre o processo de produção, mas o que mais me chamou atenção foi a parte de criar roteiro”, disse em entrevista Tiago Freitas (Apêndice, p. 86)

Os alunos da escola B foram acompanhados durante todo o processo de criação do roteiro pela equipe de oficinairos do projeto GRAAPA. Primeiramente com a parte teórica, em seguida com a elaboração do roteiro para o minidocumentário “Caminhos da Democracia”.

6.1.3. Captação de áudio e vídeo

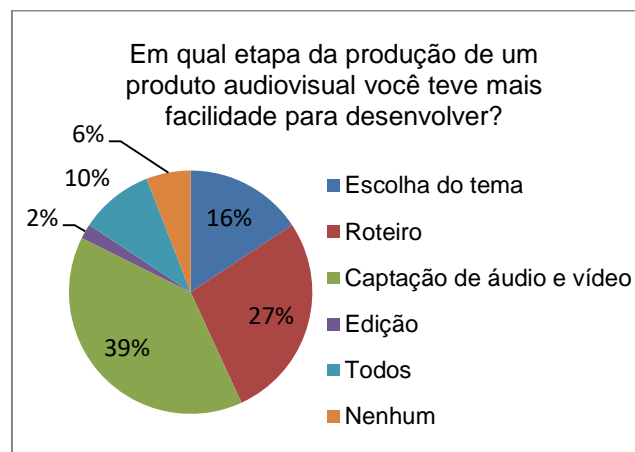
Em contrapartida com o desenvolvimento do roteiro, é com esta etapa de produção que os alunos da escola A mais se identificam, pois, é agora que eles saem na prática para a captura de áudio e vídeo. Ou seja, é o momento que eles ficam diante dos equipamentos para realizarem as filmagens da história construída no roteiro.

Nesta fase há muitos pontos a serem destacados, como por exemplo, a escola não disponibiliza os materiais adequados para as filmagens. Apenas uma câmera fica à disposição de todos os grupos de alunos participantes do projeto. Os restantes dos materiais utilizados, como câmeras profissionais e microfones são dos coordenadores do projeto e dos própriosicineiros que auxiliaram no processo do “Curta o Curta” 2017.

Os resultados dos questionários aplicados com os alunos que participaram do projeto “Curta o curta” no ano de 2017, corrobora que é nessa etapa que os alunos têm mais facilidade para desenvolver um produto audiovisual, apesar de todas as dificuldades com o material e técnicas adequadas. A figura 3 demonstra essa realidade.

Como há precariedade de materiais, os alunos utilizam os próprios celulares para algumas cenas, outros emprestavam material de conhecidos. Esse processo se dava de forma bastante improvisada, pois eles faziam as gravações no contra turno do horário escolar e em locais como, praça, shopping, casa de algum colega ou até mesmo na escola. Enfim, são vários os cenários de acordo com cada roteiro desenvolvido pelos alunos com supervisão dos professores integrantes do projeto e oficineiros.

Figura 3. Resultado da pesquisa



Fonte: Raylana Dantas e Wendy Ramos

O celular foi a principal ferramenta que os alunos da escola A utilizavam. Era nele que os estudantes viam o roteiro que estava sendo filmado e que faziam algumas gravações de apoio. Até a lanterna do aparelho era utilizada para iluminar o ambiente e assim obter uma boa fotografia. Como mostram as fotos capturadas

(figuras 4 e 5) durante os bastidores dos curtas-metragens produzidos no ano de 2017.

Figura 4. Alunos vendo o roteiro no celular



Fonte: Raylana Dantas e Wendy Ramos

Figura 5. Iluminação realizada com celular



Fonte: Raylana Dantas e Wendy Ramos

A professora Neusa Olivia explicou a questão que envolve a utilização do celular por meio da entrevista concedida no dia 10 de outubro de 2017 às autoras Raylana Dantas e Wendy Ramos:

Só temos uma câmera para todos os grupos, mas é aquela coisa o celular amigo, celular é um grande parceiro nessas horas. A gente tem uma câmera e geralmente ela é dividida pelas equipes que já disputam também com a galera que vai fazer o jornal, a câmera da escola que conseguimos em 2012 então nossos filmes tem sérios problemas de áudio porque a gente não tem instrumentos necessários (NEUSA OLIVIA, RAYLANA DANTAS e WENDY RAMOS, Macapá: Outubro de 2017. Apêndice, p. 58).

Na escola B, os ex-alunos entrevistados na pesquisa afirmaram não ter participado do processo de filmagem do documentário produzido. Tiago, ex-aluno e participante do projeto afirmou em entrevista concedida no dia 26 de janeiro de 2018 que “na época do projeto, a escola só tinha acesso a internet e alguns computadores, tirando isso, não tinha mais nada” (Apêndice, p. 88). É nesse momento que existe a necessidade de terceiros entrarem com o apoio técnico e científico para o incentivo do projeto.

6.1.4. Edição

Sobre esta fase de produção, Napolitano (2013, p.232) defende que a edição é o “procedimento final que prepara o filme a ser exibido, organizando o material filmado na ordem narrativa preestabelecida pelo roteiro”. É a etapa mais técnica, pois envolve conhecimento e habilidade em informática e programas adequados de

edição de áudio e vídeo. Esta fase reúne todos os elementos usados durante o processo de produção como roteiro, imagens, áudios e trilha sonora.

Também são necessários computadores e softwares adequados para esse processo. Dessa forma, a escola A não disponibilizava de computadores adequados, dificultando assim na produção dos curtas. Entretanto, com o auxílio dos professores e oficinairos os alunos conseguiam fazer a edição de seus trabalhos para a apresentação no festival.

Outro ponto a ser destacado é a improvisação quanto ao uso de aplicativos de edição disponibilizado de graça na internet que podem ser realizados até pelo celular. Foi a forma mais adequada que os alunos encontraram para continuarem a desenvolver o projeto na escola.

O fotógrafo e editor de vídeo, Luan Macêdo, disse em entrevista que “falta o sistema de ensino entender que as mídias digitais estão aí para favorecer esse ensino tradicional que existe” (Apêndice, p. 67). O profissional diz que o audiovisual é muito acessível para qualquer um que tenha um celular e internet.

O oficinairo André Cantuária da escola A, declarou em entrevista que a edição do vídeo dos curtas do ano de 2017 acabou não sendo executada com o auxílio dele, haja vista que a demora na entrega do roteiro afetou todo o planejamento. “Quando os alunos começaram a gravar já era para estarmos na edição. Eles só tiveram duas semanas para editar o material e apresentar no festival”.

Ao fazer referência à figura 3, na página 33 desta monografia, quando perguntado por meio do questionário sobre a etapa que os alunos mais têm facilidade em desenvolver durante a produção audiovisual, apenas 2% dos alunos apontaram a edição como sendo a mais tranquila de ser realizada. Isso mostra a deficiência que o projeto tem nesta área.

Mas, mesmo com pouco recurso e dificuldade enfrentada pelos alunos foi possível concluir a edição do material coletado durante as filmagens do “Curta o Curta” 2017. Se apropriar das tecnologias acessíveis foi a melhor solução encontrada para ultrapassarem essa etapa.

Referente à escola B, esta etapa do projeto não chegou a ser executada. De acordo com Andréia Martel, coordenadora do “Ciências Humanas no Cinema” que visava produzir o minidocumentário “Caminhos da democracia” no ano de 2015 alegou que a instituição não tinha tecnologia e nem estrutura suficiente para a execução dessa fase da produção. Havia na escola alguns computadores

disponíveis, mas não era possível instalar os programas necessários para edição devido a escola não ter autonomia suficiente para executar esse procedimento nos equipamentos.

Além disso, ainda de acordo com a coordenadora do projeto, todo o material captado durante as filmagens do minidocumentário da escola B foi perdido em virtude de um problema técnico no seu notebook.

6.1.5. Oficinas desenvolvidas nas escolas

Para que ambos os projetos fossem bem desenvolvidos nas escolas era necessário que os alunos e professores passassem por treinamentos antes de começarem as etapas de produção. Eles teriam que saber, ao menos, o básico de fotografia, filmagem, edição e atuação, já que eles também eram os atores. Esta é uma fase que requer recursos financeiros para execução e nem sempre as escolas têm condições para arcar com esses gastos.

Diante disso, na escola A, a pesquisa mostrou que a instituição só conseguiu auxílio financeiro no ano de 2013 promovido pelo programa “Ensino Médio Inovador” do Governo Federal e em 2017 em parceria com outras instituições para realizar as oficinas.

Havia necessidade de pagar profissionais capacitados para ministrarem as oficinas, já que os professores não tinham a competência necessária para repassar os conhecimentos técnicos da área do audiovisual aos alunos e assim terem um bom desenvolvimento do projeto na escola.

Isso só reforça a importância dos projetos de extensão realizados nas universidades, onde o discente tem a oportunidade de executar a teoria estudada no curso de forma lúdica e prática, bem como, incentivar projetos voltados para o cinema nas escolas, sem grandes gastos. A universidade precisa se aproximar cada vez mais do ambiente escolar. Dessa forma, todos só têm a ganhar.

Na escola A, as oficinas foram realizadas pelos jornalistas Jhenni Quaresma e André Cantuária que entraram no projeto a partir da parceria com a Universidade Fluminense. O objetivo deles, proposto pela universidade, era trabalhar com o cinema nas escolas. Como já conheciam o “Curta o Curta” juntaram o útil ao agradável e passaram a colaborar no projeto junto com os professores envolvidos.

Já na escola B, as oficinas foram ministradas pelosicineiros do projeto GRAAPA desenvolvido na Universidade Federal do Amapá. Inclusive, a acadêmica

Raylana Dantas, uma das autoras desta monografia era monitora desse projeto de extensão no período que as oficinas foram ministradas em 2015. Além dela, houve a contribuição de Rafael Aleixo, Jhenni Quaresma e da coordenadora do projeto de extensão da universidade, a professora Isabel Augusto.

Acerca das oficinas na escola A, a pesquisa revelou que no ano de 2013 as oficinas foram pagas através do recuso escolar. A professora Neusa Olivia destacou que neste ano a escola investiu em produtores locais para ministrarem as oficinas aos alunos, mas essa estratégia acabou não dando certo devido não ter verba necessária para custear os valores cobrados pelos produtores. Neusa Olivia destacou ainda que o desenvolvimento do projeto é muito no interesse dos alunos.

No ano de 2017, quando iniciamos a pesquisa, a escola A já tinha executado esta fase da produção. Mas a entrevista com osicineiros revelou que foram ministradas quatro oficinas para os alunos, como disse Jhenni Quaresma em 30 de janeiro de 2018 às acadêmicas:

Nos primeiros semestres a gente deu oficina de roteiro e fotografia. No segundo foi só fotografia e áudio. Eles ficavam praticando e o grupo que já tinha o roteiro desenvolvido ia gravando. Teve alunos que chegaram a “brigar” por causa do confronto de ideias sobre o roteiro. Outros que queriam aprender mais sobre fotografia por que queria ser melhor do que o aluno do outro grupo. Tinha também aquela galera que não queria nada com nada e que estavam ali só pela nota que valia para eles (JHENNI QUARESMA, RAYLANA DANTAS e WENDY RAMOS, Macapá: 30 de janeiro de 2018. Apêndice: p. 89).

O trabalho dosicineiros possibilitou que os alunos tivessem contato com equipamentos profissionais como câmeras e gravadores. Também foi apresentado a eles 4 tipos de microfones e sua devida utilidade. Aprenderam sobre os diferentes tipos de lentes. Além de todo o ensinamento técnico profissional, os alunos puderam aperfeiçoar as técnicas básicas de manuseio do celular, como plano, iso, diafragma e enquadramento. Tudo para um bom desenvolvimento do projeto na escola.

A escola B desenvolveu esta etapa por meio do auxílio do Projeto de Extensão GRAAPA (UNIFAP). No ano de 2015, foram realizadas na instituição de ensino oficinas com o objetivo de ensinar os alunos a produzir minidocumentários sobre temas relacionados às disciplinas estudadas neste ano na escola. Como mostra a figura 6. Participaram da Oficina, planejada e coordenada pela Professora Isabel Augusto através do GRAAPA para a Escola Raimundo Virgolino, os alunos do referido Grupo de Extensão estudantes de Jornalismo Mauro Santos (que auxiliou também na preparação da Apostila específica para a Oficina de Minidocumentário);

Rafael Aleixo e Jhenni Quaresma como oficinairos e Raylana Dantas e Fred De Luna (Arquitetura) como suporte na organização do mesmo.

Figura 6. Oficina do GRAAPA durante a oficina em 2015



Fonte: Arquivo GRAAPA

O então acadêmico de Jornalismo da UNIFAP e oficinairo do projeto de extensão em 2015, Rafael Aleixo, ao ser questionado por meio de entrevista sobre qual foi a contribuição dos professores em relação às oficinas, a resposta foi positiva. O acadêmico destacou a disponibilidade da escola em receber as oficinas e a participação ativa dos alunos.

Após esta etapa trabalhada com o auxílio dos oficinairos, a escola B passou a desenvolver o roteiro do minidocumentário e começou as filmagens. Mas nem todos os alunos tiveram a oportunidade de participar das fases seguintes de produção devido à carência de equipamentos e estrutura da escola que não era das melhores.

A oficinaira do projeto de extensão, Jhenni Quaresma, falou por meio da entrevista semiestruturada sobre a contribuição dos professores durante as oficinas realizadas na escola. A mesma informou que, ao todo, foram três dias de oficina, e a única professora que participou efetivamente desta parte da produção foi a professora Andréia Martel.

Ao ser questionada sobre os recursos que utilizaram para realizar as oficinas na escola B, Jhenni informou que foram utilizados alguns recursos do GRAAPA (UNIFAP) e outros da escola, como caixa de som, data show e computadores para a parte mais teórica. Para as aulas práticas das oficinas, os alunos utilizaram o celular. “Tivemos algumas aulas no auditório da escola onde foi explicado sobre o documentário, tipos e o que dava para eles produzirem ali no ambiente deles de acordo com os recursos que eles tinham”, informou Quaresma (Apêndice, p. 90).

6.2. LIMITES E POSSIBILIDADES DO USO DO AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA DIDÁTICA

Trabalhar com o audiovisual como ferramenta didática de ensino nas escolas não é uma tarefa fácil, principalmente por ser uma área de atuação que necessita de capacitação de pessoal e a utilização de equipamentos profissionais nem tão acessíveis. Requer sacrifícios, mas que podem possibilitar grandes conquistas ao saber dos alunos, sua relação com o professor, bem como a conquista de uma possível profissão, caso o interesse pela produção audiovisual continue a partir da escola.

O questionário aplicado com os alunos da escola A revelou por meio da pergunta “*em sua opinião, o que deve ser melhorado no projeto Curta o Curta?*” (Apêndice C, p.114) que as maiores limitações enfrentadas pelos estudantes é com relação aos equipamentos necessários para produzir e profissionais capacitados para acompanhar todo o processo audiovisual na escola.

Por causa da falta de equipamentos o projeto não pode se expandir para todos os alunos das escolas. Geralmente, só as turmas do terceiro ano do ensino médio podem participar.

A professora Neusa Olivia da escola A falou em entrevista sobre a dificuldade de abrir o projeto audiovisual para todas as turmas por causa da falta de equipamento, mas validou o interesse dos alunos que ainda não puderam participar do Curta o Curta.

O legal do projeto é quando a gente ver os meninos do sexto ano. Eles ficam pelos cantos observando, curiosos. E eles já têm isso de perguntar para os professores “e aí quando é que a gente vai começar a fazer esses filmes?” Essa é a melhor parte de ver essa galera muito animada querendo participar (NEUSA OLIVIA, RAYLANA DANTAS e WENDY RAMOS, Macapá: 10 de outubro de 2017. Apêndice: p. 64).

Ao coordenador pedagógico, Jhonatan Costa, da escola Raimunda dos Passos Santos no ano de 2017 foi perguntado se a instituição possuía estrutura necessária para melhor desenvolver o projeto audiovisual. Obtivemos como resposta que, nenhuma escola do estado possui estrutura suficiente para esse tipo de trabalho. “Trabalha-se com o que tem e com que os professores e alunos conseguem” (Apêndice, p. 81).

Também foi perguntado ao coordenador da escola sobre a importância de trabalhar com o cinema no ambiente escolar e se essa ferramenta pode contribuir com a relação de ensino entre alunos e professores.

Sobre essas questões, Jhonatan afirmou que os alunos podem, a partir do cinema, colocar em prática a sua vivência. O que é muito bom para despertar o interesse pelo desenvolvimento do senso crítico dos estudantes, dizendo que algumas produções, inclusive, servem (ou podem servir) como instrumento didático, devido aos temas abordados e ao material rico em conteúdo, promovendo assim, a aprendizagem.

Já na escola B, foi constatado mediante entrevista semiestruturada realizada com ex-alunos, ex-professores e com a coordenadora pedagógica da escola que faltou coletividade da instituição em geral para que o projeto voltado para o audiovisual pudesse se desenvolver no ambiente escolar, bem como, estrutura, capacitação e equipamentos necessários para que o projeto tivesse continuidade.

Todos os entrevistados a respeito do “Ciências Humanas no Cinema” alegaram que um dos motivos para a decadência do projeto na escola foi a falta de apoio à professora Andréia Martel, que era coordenadora do projeto em 2015. Esta professora já tinha um embasamento teórico sobre o cinema por ter participado do curso exclusivo para os professores da rede pública, chamado “História e linguagem do cinema e do audiovisual”, promovido pelo GRAAPA em 2014 na UNIFAP.

Como já citado nesta monografia, o projeto audiovisual na escola Raimunda Virgolino não teve continuidade. Na verdade, nem chegou a ser concluído no ano de 2015. Com isso, entrevistamos a ex-professora de língua portuguesa da escola, Guajarina Sousa, e perguntamos sobre sua opinião a respeito da não continuidade do projeto. Tivemos como resposta o seguinte trecho da entrevista concedida as autoras da pesquisa.

Todo projeto precisa de engajamento. Só a professora Andréia não conseguiria levar adiante e foi isso que basicamente aconteceu. Em um determinado momento ela se viu sozinha. Ela era professora, não estava exclusiva para o projeto. Além de estar em sala de aula ela tinha que completar hora/aula no laboratório de informática, coordenar o “Ciências Humanas no Cinema” e ainda alinhá-lo com outro projeto que era sobre o Enem. E assim ela acabou só (GUAJARINA SOUSA, RAYLANA DANTAS e WENDY RAMOS, Macapá: 24 de Janeiro de 2017. Apêndice: p. 85).

Além de Guajarina Sousa, o ex-aluno da escola Raimunda Virgolino, Tiago Freitas, também atribuiu a decadência do projeto a falta de apoio da escola à coordenadora do “Ciências Humanas no Cinema”. Na entrevista Tiago afirmou que “basicamente era só a professora Andréia Martel que estava disposta a dar o tempo dela para que a gente pudesse fazer algo diferente. Eu não via o interesse, nessa parte, dos outros professores. Era só ela...” (Apêndice, p. 87).

Infelizmente, os professores que colaboraram com o projeto em 2015 não tinham conhecimento técnico adequado para trabalhar com a produção de filmes na sala de aula. A professora Andreia Martel era a única encarregada de fazer funcionar um projeto que exigia, além de recursos financeiros e estruturais; a integração de toda a escola.

A coordenadora pedagógica da escola Raimunda Virgolino, Edilene Rocha, ao ser questionada, em entrevista, sobre a contribuição do audiovisual para o ensino das escolas públicas respondeu que a interdisciplinaridade seria uma saída para um melhor desenvolvimento do projeto na instituição de ensino (Apêndice, p. 112).

Figura 7. Entrevista com Edilene Rocha



Fonte: Raylana Dantas e Wendy Ramos

Mesmo com todas as limitações enfrentadas pela escola, destacamos algumas possibilidades. Além das oficinas realizadas em parceria com a Universidade Federal do Amapá, por meio do projeto de extensão, foi ofertado aos alunos Tiago Freitas e Adrienne Marques, participantes do “Ciências Humanas no Cinema”, duas bolsas de iniciação científica do CNPq para o Ensino Médio oferecidas por meio de edital pela UNIFAP, onde os dois estudantes puderam aprender mais sobre o universo do cinema com aprofundamento de estudos em Ciências Humanas e Sociais. E sobre essa possibilidade, a coordenadora da escola declarou em entrevista que:

Eles tiveram um bom desenvolvimento nas outras disciplinas a partir do momento que fizeram esse projeto da professora Andreia. Eles tiveram um acompanhamento de perto, passo a passo, todo o desenvolvimento, então, cresceram enquanto aluno, enquanto ser humano. Viveram uma outra prática, estão na faculdade. Saíram do universo do ensino médio para ir para o mundo do ensino superior para ver como é que acontece esse mundo acadêmico e a professora Isabel abriu essa porta para esses dois alunos junto com a professora Andreia (EDILENE ROCHA, RAYLANA DANTAS e WENDY RAMOS, Macapá: 05 de fevereiro de 2018. Apêndice: p. 113).

Sobre a experiência com a bolsa de iniciação científica, a ex-aluna da escola Raimunda Virgolino, Adrienne Marques, declarou em entrevista que o contato com a universidade foi muito bom por que despertou o interesse pela vida acadêmica, onde ela pôde perceber que existem inúmeras possibilidades para trabalhar o cinema. Dentre as atividades desenvolvidas no período que foi bolsista, Adrienne disse ter feito artigos, *papers* e muita pesquisa sobre o cinema e audiovisual.

Já aos professores participantes do projeto “Curta o Curta” do ano 2017 foi perguntado, por meio da entrevista semiestruturada, sobre a utilização do audiovisual como ferramenta de ensino na escola.

Para o professor de história da instituição, Pedro Silva, ao responder à pergunta falou que não vê o audiovisual como a solução para os problemas da educação no Brasil, mas acredita que ao utilizar o vídeo como ferramenta de ensino alinhada à tecnologia barata e acessível e algo que a escola pode se apossar para melhorar a dinâmica de ensino dos alunos (Apêndice, p. 70).

Figura 8. Entrevista com Pedro Silva



Fonte: Raylana Dantas e Wendy Ramos

No mesmo sentido, a professora Fábila Arrelias de biologia disse que o uso do audiovisual contribui muito com o ensino na escola, pois consegue perceber a necessidade dos alunos em aprender, adotando novas metodologias:

Eu digo pelas minhas aulas quando uso só livros. Agora quando eu pego e passo um ‘videozinho’, pego umas imagens e monto um negocinho legal de mídia, eles adoram, ‘professora é isso, é aquilo’ eles se interessam porque estão vendo. É mais prático. A gente trabalhar com a questão da multimídia da informação, do visual com eles do que só no gogó é muito diferente (FABIA ARRELIAS, RAYLANA DANTAS e WENDY RAMOS, Macapá: 14 de dezembro de 2017. Apêndice, p. 73).

Ao professor Júlio França de língua portuguesa foi perguntando se o projeto audiovisual na escola reforça a comunicação entre alunos e professores. A resposta

foi sim e ainda destacou que a responsabilidade dos alunos é maior em produzir, acompanhar e saber como é feito. “Eu acho que eles conseguem aprender mais fazendo do que a gente explicando” concluiu o professor (Apêndice, p. 73).

Para a professora Guajarina que atuou na escola Raimunda Virgolino no ano de 2015, perguntamos sobre a percepção que teve acerca do interesse dos alunos em participar da produção audiovisual na escola. Obtivemos como resposta o uso do celular dentro da sala de aula, como mostra o trecho da entrevista a seguir:

Os alunos começaram a perceber que o celular serve para muitas outras coisas que não apenas ficar ali. Isso foi importante para nós por que tínhamos uma dificuldade com relação ao uso do celular dentro da sala de aula. E de repente o celular passou a ser uma ferramenta de fato. Eles começaram a manusear o aparelho com outra visão. Isso foi muito importante na produção audiovisual, na produção de texto, da oralidade. Trabalhamos alguns vícios de linguagem para que eles pudessem fazer uma boa locução e a interagirem melhor uns com os outros. Isso foi interessante (GUAJARINA SOUSA, RAYLANA DANTAS e WENDY RAMOS, Macapá: 24 de Janeiro de 2018. Apêndice: p. 85).

A professora Guajarina continuou dizendo que dentro do projeto foi levantado a questão do celular para fins de ensino, principalmente sobre o que é permitido, o que é possível e do que é ético fazer a partir desse aparelho. Então, não foi apenas trabalhar o vídeo, mas levantar questões éticas. Isso fez com que o próprio aluno se motivasse para o debate.

Além de procurar entender como se dá a relação de ensino e aprendizagem entre alunos e professores por meio do audiovisual, procuramos saber também a opinião dos profissionais da comunicação que estão envolvidos neste estudo de caso como forma de apresentar possibilidades a partir do uso do audiovisual no ambiente escolar.

A jornalista e produtora audiovisual, Bárbara Faleiro Machado que no ano de 2015 foi jurada no festival “Curta o Curta” e que hoje reside em Minas Gerais declarou, por meio de entrevista online no dia 23 de fevereiro de 2018, que é possível trabalhar o audiovisual em carácter multidisciplinar, envolvendo as disciplinas como: Português, Sociologia, Geografia, Artes, Ciências, etc., melhorando a apreensão do conteúdo, o comportamento e frequência escolar, o diálogo entre aluno-aluno, aluno-professor, aluno-escola, e estimulando a compreensão e experimentação (busca de mais conhecimentos e aplicação prática interna e externa aos muros da escola) dos conteúdos letivos (Apêndice, p. 108).

A produtora continuou afirmando que o audiovisual não só ajuda a desenvolver talentos e o respeito a si e ao próximo, mas também ajuda estabelecer o diálogo, auxiliando na compreensão e administração de conteúdos de forma que os alunos possam colocar em prática os conhecimentos adquiridos e se esforcem a buscar além do que lhes é apresentado no currículo escolar. Além de estimular a responsabilidade, amizade, senso crítico e a solidariedade.

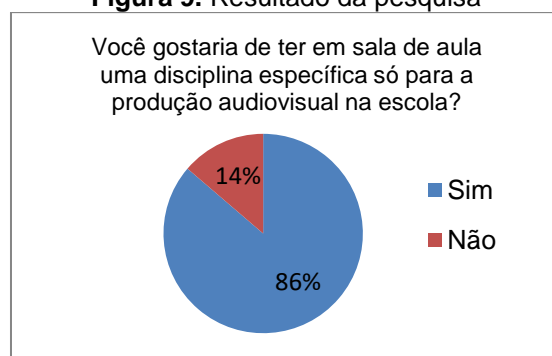
O fotógrafo, editor de vídeo e jornalista, André Cantuária, que deu todo o suporte técnico ao projeto “Curta o Curta” do ano de 2017, ao ser questionado sobre o uso do audiovisual no ambiente escolar disse em entrevista que:

As tecnologias devem ser utilizadas para o bem. Se for para desenvolvermos algo que possa ser utilizado na educação, e tendo essas convergências de poder trabalhar com o áudio, com o vídeo, com a mídia, com tudo em uma ferramenta só, é fundamental nos apropriarmos desses meios que estão disponíveis para tentar mudar desse ensino tradicional. Cada vez mais temos que nos adaptar às novas mídias, a usar e abusar delas de forma que possa ajudar a modificar a educação (ANDRÉ CANTUÁRIA, RAYLANA DANTAS e WENDY RAMOS, Macapá: 10 de Janeiro de 2018. Apêndice: p. 96).

André continuou a entrevista dizendo que o feedback depois do resultado, para alguns foi uma experiência única. Têm alunos que mantêm contato com ele até hoje. Teve um que o procurou por que gostaria de saber qual era o curso que ele poderia fazer voltado para o audiovisual.

Como resposta ao aluno, Cantuária orientou que ele poderia cursar Jornalismo já que é um área que trabalha o que ele desejava. “Então, só por isso já é um retorno muito interessante”, pontuou o oficinairo que acredita que o cinema deveria se tornar uma disciplina, pois o projeto na escola não é para tornar o aluno um cineasta, um diretor de fotografia ou algo relacionado, é para ele ver que ali existe uma possibilidade, assim como o teatro e a música.

Figura 9. Resultado da pesquisa



Fonte: Raylana Dantas e Wendy Ramos

Como mostra a figura 9, a análise realizada nos questionários aplicados aos alunos da escola A, foi constatado que um número considerável de alunos gostaria de ter em sala de aula uma disciplina específica para o estudo do audiovisual na escola.

Como falamos no final do tópico sobre o audiovisual no Amapá, André Cantuária, no ano de 2015 assistiu o curta “Em busca da Felicidade” na escola Raimunda dos Passos Santos e ficou impressionado com a qualidade da produção.

Em 2017, ele resolveu desenvolver a ideia inicial realizada pelos alunos da escola, criando um novo roteiro e submeteu ao primeiro edital voltado para o desenvolvimento do audiovisual no Amapá. Para a surpresa de todos, o filme foi aprovado para produção com um orçamento de 50 mil reais.

As filmagens aconteceram em julho de 2018 e contou com a participação de Jailson Almeida, um dos alunos da escola Raimunda dos Passos Santos que produziu o curta “Em Busca da Felicidade” na escola. Questionamos André Cantuária sobre essa participação especial no filme “Açaí” e tivemos como resposta a citação seguinte:

O Jailson Almeida era um dos alunos que produziram o filme “Em busca da felicidade”, onde a gente se baseou para fazer o “Açaí”, e ele foi o editor, também filmou algumas cenas no filme deles, e com a gente ele fez a produção de locação, onde levou nos lugares, fez os contatos com as pessoas onde íamos rodar, então, ele foi o nosso produtor local (ANDRÉ CANTUÁRIA, RAYLANA DANTAS e WENDY RAMOS, Macapá: 10 de Janeiro de 2018. Apêndice: p. 103).

Por fim, questionado sobre o porquê da importância do projeto “Curta o Curta” para o filme “Açaí”, André destacou, por meio de entrevista, a parceria com o projeto e a paixão dos professores pelo cinema na escola.

Mesmo sendo um trabalho realizado por profissionais do audiovisual, a ideia original, nasceu na escola, entre os alunos e isso, querendo ou não, tem uma relação muito importante até para a escola, de eles verem esse produto, e assim observar que é algo que nasceu ali, de um projeto de dois professores que acreditam e gostam de cinema. Que mostram para os alunos que existem outras possibilidades de trabalho, de profissão e acaba despertando esse lado artístico. Então foi uma ideia que nasceu na escola, na sala de aula e que a gente pegou se apropriou de uma forma positiva local (ANDRÉ CANTUÁRIA, RAYLANA DANTAS e WENDY RAMOS, Macapá: 10 de Janeiro de 2018. Apêndice: p. 103).

O jornalista falou em entrevista que resolveu manter a essência do filme. Toda a produção foi realizada no bairro novo horizonte. A proposta final é que o lançamento do filme aconteça na escola como forma de agradecimento e parceria com o projeto “Curta o Curta”.

6.3. O FESTIVAL “CURTA O CURTA”

No período da pesquisa, o festival “Curta o Curta” foi realizado no dia 21 de dezembro de 2017. Nele foram exibidos os curtas produzidos durante o ano e que foram aprovados para concorrerem às premiações do festival. Ao todo, 7 (sete) produções foram selecionadas e apresentadas na ordem a seguir:

1. Do Topo ao Poço (Turma 311)
2. A Senha (Turma 121)
3. Chico Picadinho (Turma 311)
4. Like (Turma 321)
5. Não me Chama de Amor (Turma 312)
6. Para Sempre, a História que Ninguém Contou (Turma 312)
7. Procurando Nelson (Turma 311)

Os curtas-metragens concorriam a quatorze categorias, sendo a de melhor filme, melhor filme na escolha popular, melhor capa (esta categoria foi definida por curtidas no facebook), melhor sonorização, melhor fotografia, melhor edição, melhor produção, melhor roteiro, melhor ator, melhor ator coadjuvante, melhor atriz, melhor atriz coadjuvante, melhor direção e por fim, o troféu especial do júri.

O evento estava previsto para começar às 18 horas, mas como a escola não possui auditório para realizar esse tipo de atividade o evento só começou às 19 horas por causa da noite que tornou o refeitório da instituição no ambiente ideal para a realização do V festival “Curta o Curta”.

Figura 10. Divulgação do V “Curta o Curta”



Fonte: Raylana Dantas e Wendy Ramos

A divulgação do evento foi realizada pela internet, como ilustrado na figura 10 que demonstra uma postagem realizada no Facebook. Alunos, professores e oficinairos compartilharam nas redes sociais, a arte referente ao festival.

Apesar dos poucos dias de divulgação o evento lotou a o refeitório da escola com alunos, professores, técnicos, familiares, simpatizantes e até ex-alunos. Era a “noite de gala” dos estudantes como denominou a professora coordenadora do projeto, Neusa Olivia. Com direito a tapete vermelho e muita pipoca. A elegância dos alunos na noite do festival era o que mais chamava atenção. Era o momento deles.

O evento não só era a materialização do projeto ao qual se dedicaram durante todo o ano, mas a satisfação de poder celebrar com todos aqueles que participaram de cada produção.

Como nos anos anteriores, o festival era apreciado por um corpo de jurados que avaliavam cada curta-metragem. Dentre eles estavam especialistas como fotógrafos, editores, atores e jornalistas.

Figura 11. Jurados no V Festival “Curta o Curta”



Fonte: Raylana Dantas e Wendy Ramos

No ano de 2015, a jornalista e produtora audiovisual, Bárbara Faleiro, foi jurada no festival. Sobre o evento daquele ano a produtora classificou os curtas de modo surpreendente: “me encantei com o grau de criatividade, comprometimento, envolvimento, responsabilidade e originalidade com que os alunos construíram os roteiros, a produção, edição, fotografia, trilha, inclusive, a apresentação” (Apêndice, p. 107).

Em 2017, Sandro Brito, um dos jurados do festival, ao ser questionado sobre a qualidade dos curtas exibidos no festival revelou que:

Me chama muito atenção a qualidade desses trabalhos, apesar deles não terem um aparato técnico muito bom, mas a criatividade prevalece nesses meios. Normalmente são jovens adolescentes que eles se utilizam da própria criatividade pra conseguir nessa questão do audiovisual, porque um celular que muitas das vezes não tem grande capacidade de filmagem e

tudo mais eles conseguem fazer vídeos muito bonitos (SANDRO BRITO, RAYLANA DANTAS e WENDY RAMOS, Macapá: 21 DE Dezembro de 2017. Apêndice: p. 75).

Apesar da escola não ter aparato técnico profissional e estrutural para melhor desenvolver o projeto na instituição, é possível trabalhar o audiovisual com as ferramentas que estão ao seu alcance. A internet e o celular são exemplos disso, pois são materiais de fácil acesso, manuseio e baixo custo.

6.3.1. A visão das autoras acerca dos curtas exibidos no festival 2017

Após a apresentação de todos os curtas-metragens, os jurados do festival se isolaram em uma sala para avaliarem as produções. O processo durou cerca de 40 minutos. Durante esse tempo, aproveitamos para entrevistar alguns alunos e familiares sobre a expectativa para o resultado do festival. Dentre as produções apresentadas, notamos uma que se destacou referente ao conjunto da obra.

O filme “Para sempre, a história que ninguém contou”, tem como sinopse “a história de Caio, um jovem dividido entre agradar o pai ou seguir seu próprio caminho. A chegada de um novo amigo o levará a tomar uma decisão. Será que Caio fez a escolha certa? ”. O filme tem um desfecho surpreendente.

Com relação à parte técnica do curta, o roteiro foi bem desenvolvido, ângulos e enquadramentos das filmagens deram a realidade que a construção precisava. Outro ponto analisado foi a atuação dos alunos que surpreendeu a todos que assistiram. Os personagens conseguiram passar reverência e sentimentos como tristeza e solidão.

A partir dessa análise, entrevistamos os alunos que produziram o filme em questão antes do resultado final do festival. Questionamos o grupo se a produção do filme foi trabalhosa. Obtivemos como resposta o trecho abaixo da entrevista com Hainary Gonçalves, diretora do filme Para sempre, a história que ninguém contou.

A gente sabe que o tema (homossexualidade) abordado no nosso curta ainda é bastante impactante na sociedade, e por conta disso, tivemos um pouco de trabalho na produção, principalmente, na parte do roteiro que era a forma como iríamos repassar a mensagem do nosso trabalho. A ideia do tema foi proposto pelo Pablo, mas o roteiro teve contribuição de todo o grupo (HAINARY GONÇALVES, RAYLANA DANTAS, WENDY RAMOS, Macapá: 21 DE Dezembro de 2017. Apêndice: p. 77).

A estudante completou ainda que o grupo recebeu ajuda, principalmente, da professora Neusa Olivia e da professora Fábria Arrelias que deram todo suporte para que o trabalho fosse bem desenvolvido por eles. (Apêndice, p. 77).

Sobre a expectativa do resultado do festival, os alunos estavam bastante esperançosos por terem conseguido produzir e apresentar um ótimo trabalho. O aluno Pablo Carvalho descreveu bem essa sensação “estamos bem confiantes, principalmente, por conta do resultado final do curta e do tema que foi abordado. Quando pensamos em trabalhar com essa temática sabíamos que a chance de ganhar seria grande por que o assunto é bem polêmico (Apêndice, p, 77).

Figura 12. Valdirene prestigiando o filho no festival



Fonte: Raylana Dantas e Wendy Ramos

A mãe de Pablo, a autônoma Valdirene Carvalho falou em entrevista sobre a participação do seu filho dentro de um projeto voltado para o audiovisual na escola. A expressão dela era de felicidade e satisfação em ver o filho produzindo e atuando em um filme.

Ele me surpreendeu bastante, pois ele é um menino muito quietinho, que não curte muitas ideias, mas quando ele me disse que a escola iria fazer um curta ele se empenhou bastante. Começou a estudar muito, procurando histórias, temas polêmicos que foi onde ele se destacou (VALDIRENE CARVALHO, RAYLANA DANTAS, WENDY RAMOS, Macapá: 21 DE Dezembro de 2017. Apêndice: p. 78).

Depois de uma longa espera, eis que os jurados retornam com os resultados do festival. Enquanto era anunciado os curtas vencedores observamos a euforia dos alunos na expectativa de serem premiados. Cada anúncio era uma gritaria. Deu para sentir o quanto eles amam e levam a sério esse projeto na escola. Agora, apresentamos a categoria e os vencedores da noite do V festival “Curta o Curta” 2017.

- Melhor Filme: Para Sempre, a História que Ninguém Contou.
- Melhor Filme escolha popular: Procurando Nelson.
- Capa (curtidas no facebook): Para Sempre, a História que Ninguém Contou;
- Melhor sonorização: Chico Picadinho;

- Melhor fotografia: Like;
- Melhor edição: Para Sempre, a História que Ninguém Contou;
- Melhor produção: Para Sempre, a História que Ninguém Contou;
- Melhor roteiro: A Senha;
- Melhor ator: Helbert Santos (Like);
- Melhor ator coadjuvante: Weverton Barbosa (Para Sempre, a História que Ninguém Contou);
- Melhor atriz: Bianca Saldanha (Chico Picadinho);
- Melhor atriz Coadjuvante: Leandra Monte (Like);
- Melhor direção: Hainary Gonçalves (Para sempre, a História que Ninguém Contou);
- Troféu Especial do Júri - Moisés Sanches (quando criança) (protagonista de Para sempre, a História que Ninguém Contou).

Como pode ser notado, o filme mais premiado da noite do V festival foi o “Para sempre, a História que Ninguém Contou”. A equipe do curta-metragem levou o troféu de melhor filme, melhor edição, melhor produção, melhor direção, melhor ator coadjuvante, troféu especial do júri e o de melhor capa de filme numa disputa que ocorreu na rede social facebook.

Acompanhamos as gravações do filme “Like” que foi o segundo maior filme premiado do festival. Ao todo, o curta-metragem ganhou 3 (três) premiações, incluindo melhor fotografia, melhor ator e melhor atriz coadjuvante. Na figura 14, temos a equipe de produção do referido curta-metragem na noite do festival com as premiações que ganhou.

Figura 13. Troféus do V festival “Curta o Curta”



Fonte: Raylana Dantas e Wendy Ramos

Figura 14. Equipe de produção do curta “Like”



Fonte: Raylana Dantas e Wendy Ramos

O festival “Curta o Curta” faz parte do calendário anual da escola, onde alunos, professores, coordenação pedagógica e a comunidade do bairro novo horizonte se reúnem para prestigiar os curtas-metragens produzidos pelos estudantes

O projeto tem um canal no Youtube com o nome “RPS Play”, onde os alunos publicam todos os curtas-metragens produzidos na escola Raimunda dos Passos Santos. O canal possui 31 vídeos que podem ser acessados através do link: <https://www.youtube.com/channel/UCE92k3hU7MWHKxlytmZQyGQ>.

Quem tem a oportunidade de prestigiar o evento pela primeira vez fica bem impressionado, pois é uma atividade que a escola consegue movimentar, mesmo com poucos recursos. “É um projeto que faz a diferença na vida dos alunos”, como informou em entrevista o oficinairo do projeto no ano de 2017, André Cantuária (Apêndice, p. 96).

7. CONCLUSÃO

Diante de toda pesquisa exposta nesta monografia, concluímos que o audiovisual como ferramenta didática é muito eficiente para estimular os alunos no ambiente escolar, já que ela pode ser trabalhada de forma prática e assim envolver os mais variados assuntos, por meio de um produto audiovisual.

O processo de construção das produções criadas nas escolas é o que difere e resgata o interesse do aluno frente aos assuntos fundamentais do conteúdo programático das escolas, pois lhe é apresentado como uma nova forma de ensino. E tudo que foge às metodologias tradicionais chama a atenção dos estudantes.

A utilização das mídias, como internet e, principalmente, o celular são fundamentais para essa nova realidade trabalhada no ambiente escolar. Nas escolas estudadas, o audiovisual foi bem aceito pelos alunos, e com resultados positivos e prometedores. Eles puderam perceber que o celular pode ser utilizado não só no sentido de rede social, mas para a produção de conteúdos de forma criativa. Entretanto, a falta de apoio pedagógico, estrutural e de equipamentos são os maiores empecilhos para garantir o sucesso de um projeto voltado para o cinema na escola.

Mesmo com as dificuldades a pesquisa mostrou que é possível existir um projeto audiovisual em uma escola. O desenvolvimento das mídias é o que torna isso possível, uma vez que um simples celular pode ser utilizado de diferentes modos na produção; desde a criação do roteiro, com pesquisas na internet, até a edição do produto audiovisual que pode ser feito com aplicativos disponíveis de forma gratuita.

Apesar dos projetos estudados não terem bons equipamentos para produzir, ainda assim, observou-se que é possível obter ótimos resultados dentro do possível de cada instituição. Percebe-se há uma interação e dedicação dos alunos em participar, criar e produzir.

A inserção de uma disciplina específica voltada para o audiovisual de forma que os alunos possam aprender produzindo é uma alternativa que deveria ser pensada por agentes responsáveis pela educação no Brasil. Mas sem tirar o dever da escola que, de modo independente, pode se apropriar dos melhores artifícios para buscar inovar com os alunos, principalmente os adolescentes que perdem o interesse muito fácil.

Saber relacionar os instrumentos da comunicação com o ensino pedagógico é o caminho que o audiovisual, num mundo onde esta linguagem é hegemônica como o atual, seja nas telinhas ou telonas, precisa para ser utilizado como ferramenta de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- Anacleto, A; michel. S.A; otto, J. *Cinema e home vídeo entertainment: o mercado da magia e a magia do mercado*. Np. 2007.
- Augusto, Isabel Regina. *Limites e possibilidades da história oral*. 2012. p. 35-44. v. 15, Artigo Revista Ágora (Vitória), 2012.
- Baccega, Maria. *Televisão e Escola – Uma mediação possível?* Editora SENAC. São Paulo, 2003.
- Baldissera, R. *Reflexões sobre comunicação, relações públicas e complexidade. I ABRAPCORP*. Disponível em: <vertent.net/abrapcorp/www/trabalhos/gt2/gt2_baldissera.pdf>. Acesso em 12/06/2018.
- Belloni, Maria Luiza. *O que é mídia-educação*. 3. Ed. Ver. Campinas, SP. Autores associados, 2009.
- Braga, José Luiz e Calazans, Maria Regina Zamith. *Comunicação e educação: questões delicadas na interface*. São Paulo. Hacker, 2001.
- Brasil. *Lei nº 12.249, de 11 de julho de 2010*. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12249.htm>. Acesso em 10/05/2018.
- Cine perifa*. Disponível em: <www.inventarcomadiferenca.org/projetos-parceiros/cine-perifa>. Acesso em 02/05/2018
- Côrtes, H.S. *A Importância da tecnologia na formação de professores*. Revista Mundo Jovem. Porto Alegre, n. 394, p.18, mar de 2009.
- Côrtes, H.S. *A Linguagem audiovisual*. 2003, p. 32.
- Duarte, Rosália. *Cinema e educação*. Editora Autêntica, 2002.
- Ferro, Marc. *Cinema e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.p.79.
- Guia 21. *Programa de alfabetização audiovisual comemora 10 anos com festival e seminário*. Disponível em: <guia21.sul21.com.br/cinema/programa-de-alfabetizacao-audiovisual-comemora-10-anos-com-festival-e-seminario>. Acesso em: 10/05/2018.
- Houaiss, Antônio: *Dicionário da língua portuguesa*, editora Objetiva, 2001. Disponível em: <pt.m.wikipedia.org/wiki/Audiovisual>. Acesso em 20/06/2017.
- Linha do Tempo Audiovisual Brasileiro*. Disponível em: <www.ancine.gov.br/pt-br/timeline>. Acesso em: 04/11/2018.
- Maia, Paulo Eduardo; Aguiar, Assis Rafaela Fernanda de. Bomfim, Filomena Maria Avelina. *Vertentes agência de notícias: o registro da identidade regional através*

de uma educomídia. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ouro Preto, MG, 2012.

Manzini, Eduardo José. *Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros*. 2004. p. 11-25. Programa de Pós-Graduação em Educação, Unesp, Marília, 2004.

Melo, José Marques de; Tosta, Sandra Pereira. *Mídia e educação*. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2008.

Morales, Pedro Vallejo. *A relação professor-aluno o que é, como se faz*. São Paulo. Edições Loyola, 2006

Napolitano, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo. Editora Contexto, 2013.

O Cinema no Brasil. Disponível em: <www.ocinemabrasil.blogspot.com>. Acesso em 04/11/2018.

Parra, Nélio. *Técnicas audiovisuais de educação*. São Paulo. 1970.

Pretto, Nelson. *Uma escola sem futuro: análise das práticas audiovisuais das universidades brasileiras*. In: 17º Reunião Anual da ANPED, Caxambu/MG 1994, p. 92.

Projeto Inventar com a Diferença – cinema, educação e direitos humanos. Disponível em: <www.inventarcomadiferenca.org/>. Acesso em 02/05/2018

Soares, Ismar de Oliveira. Mas, afinal, o que é *educomunicação*? Disponível em: <www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>. Acesso em 25/04/2018.

Sobrinho, Veridiana de Araújo. *Programa um computador por aluno (PROUCA) Na escola municipal Selvino Damian Preve*. 2017. p. 289-305. V. 8. Artigo Científico. Revista Eventos Pedagógicos - Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT, 2017.





Tecnologia acessível para alunos da rede. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/acessa-escola>>. Acesso em 15/06/2018.

Vasconcelos, Eduardo Henrique Barbosa de; Matos, Renata de Freitas. *Do prenúncio ao recomeço: A história do cinema brasileiro no início e no final do século XX*. Disponível em: <www.revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index/php/oficinadohistoriador/article/view/File/11915/8322>. Acesso em 12/11/2018.

Vianna, Carlos Eduardo Souza. *Evolução histórica do conceito de educação e os objetivos constitucionais da educação brasileira*. Revista janus, lorena, ano 3, nº 4, 2º semestre de 2006.

ANEXOS

Anexo A - Ofício encaminhado às escolas para autorização da pesquisa.

	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Universidade Federal do Amapá – UNIFAP Pró-Reitoria de Ensino de Graduação - PROGRAD Coordenação do Curso de Jornalismo		
Ofício 075/2017-CCCSOCIAL/UNIFAP			CONTRIBUINDO COM O DESENVOLVIMENTO DO AMAPÁ
Macapá-AP, 10 de Janeiro de 2017.			
A Ilma. Sra. Diretora da Escola Estadual Raimunda Virgolino			
Prezada			
<p>Solicitamos autorização para realização de entrevista, coleta de dados e captação de imagens as acadêmicas do curso de jornalismo da Universidade Federal do Amapá para o Trabalho de Conclusão de Curso da discente Raylana Dantas e Silva e Wendy Cristina da Silva Ramos. As discentes são orientandas da professora doutora Isabel Regina Augusto, pertencente ao quadro de professores efetivos do colegiado de jornalismo da Universidade Federal do Amapá.</p>			
<p>Cabe ressaltar que todas as informações fornecidas serão utilizadas apenas para a finalidade de Trabalho de Conclusão de Curso. Agradecemos antecipadamente.</p>			
Atenciosamente,			
			
Isabel Regina Augusto Orientadora e Coordenadora em Exercício			
Recebi o original em: 02/02/18 Bárbara Araújo			
Coordenação do Curso de Jornalismo E-mail: jornalismo@unifap.br Contato:	CAMPUS MARCO ZERO – Macapá Rod. Juscelino K. de Oliveira – Km 02 Jardim Marco Zero CEP 68903-419 www.unifap.br		

Anexo B - Imagem adquirida através do projeto de extensão GRAAPA na oficina realizada na escola Raimunda Virgolino



APÊNDICES**Apêndice A - Termo de autorização de entrevistas**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

Eu, _____, RG _____, CPF _____, residente à Rua _____, Bairro _____, na cidade de _____ declaro para devidos fins que me sinto esclarecido sobre os objetivos do trabalho denominado “o uso do audiovisual como ferramenta didática de ensino nas escolas públicas de Macapá” desenvolvido pelas acadêmicas de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá, Raylana Dantas e Silva e Wendy Cristina da Silva Ramos para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob a orientação da Professora Dra. Isabel Augusto, do Colegiado de Jornalismo da referida Universidade.

Declaro ainda que autorizo uso e veiculação da minha imagem ciente de que elas não serão utilizadas para comercialização ou quaisquer outros fins lucrativos.

Assinatura do Entrevistado

Macapá - AP, _____ de _____ de 2018.

Apêndice B - Decupagem das entrevistas realizadas na pesquisa.

Entrevista Neusa Olivia – Professora de Literatura e coordenadora do projeto “Curta o Curta” da Escola Estadual Raimunda dos Passos Santos.

Data/hora/local da entrevista: 10 de outubro de 2017. 14h25min. Sala dos professores da Escola Raimunda dos Passos Santos.

Há quanto tempo existe o projeto Curta o Curta?

Eu trabalho com o audiovisual aqui desde 2009 só que no caso era com o jornal eletrônico eu percebi que os alunos do terceiro ano na época eu trabalhava a noite e eles saíam da escola e não tinham algum elemento que ficasse deles aqui mais forte na época não tinha nem se quer formatura e como eu já queria trabalhar com o audiovisual surgiu a ideia do jornal então primeiro jornal eletrônico que a gente chama.

O projeto ele aconteceu em 2009 com os alunos da noite esse jornal ele continuou com os alunos de terceiro ano. Quando foi em 2012 surgiu um programa chamado ensino médio inovador e as escolas de ensino médio, algumas escolas elas foram obrigadas a desenvolver esse projeto ensino médio inovador, a escola tinha que apresentar projetos para se adequar a esse programa que nós tínhamos que participar em várias áreas no meu caso de linguagem eu já gosto muito de cinema então pensei nesse projeto voltado para os meninos produzirem curtas- metragens então ele surge em 2009 dentro de um projeto chamado “além do mundo” e aí ele seria voltado só para alunos de terceiro ano, os menino teriam que fazer todo o processo, eles são os criadores em todos os processos eles editam, eles atuam eles são os diretores, eles criam os roteiros então eles passariam por todo o processo.

Dentro do projeto esses meninos deveriam passar para oficinas, quando existiu o programa “ensino médio inovador” viria uma verba para a escola, verba essa que a gente só recebeu no ano de 2012 então dentro dessa verba a escola teria que administrar, e dentro do projeto eles teriam que ter oficina de roteiro, edição, fotografia, filmagem, e ainda teriam que aprender a atuar. Só que é lógico, como nós recebemos dinheiro só em um único ano a gente nunca conseguiu desenvolver em todos os anos todo esse processo. Por exemplo, em 2013 a gente conseguiu que eles tivessem oficina de teatro e dentro do projeto tem essa questão a gente deveria sempre chamar os produtores locais então quem são nossos artistas? Quem são nossos atores? Vamos chamá-los, a gente conseguiu em 2013, mas foi com recurso

da escola a escola que bancou, na época era a professora Andreia ai nós chamamos três atores daqui e eles vieram ministrar, mas mesmo assim foi muito complicado porque como era verba da escola nós não conseguimos pagar certinho primeiro demos uma quantia depois demorou muito tempo pra vim à outra isso é muito chato então essas três etapas eles nunca realmente... Dentro do projeto nem uma turma conseguiu a gente conseguiu nesse mesmo ano chamar um rapaz aqui do bairro pra dar umas oficinas de edição, mas todo processo oficina de edição, de teatro e de roteiro nunca houve é muito mesmo no “vamos fazer” é no interesse.

Apesar de todas as dificuldades os alunos tem interesse em colher histórias, produzir, participar?

Sim, eles têm isso, é perceptível, lógico que cada turma é um mundo ali você vai encontrar alunos que estão muito empolgados que querem fazer e vai encontrar aqueles que fazem, mas não estão tão empolgados assim, até porque pra alguns é algo bem diferente não é todo mundo que vai se encantar pelas mesmas coisas, mas de maneira geral eu sempre vejo como muito positivo e se a gente tivesse realmente a estrutura seria ainda mais positivo.

Porque interessante que esses alunos quando são os elementos práticos eles se envolvem muito é impressionante, isso na hora de ir para a prática fugir da sala de aula eles sempre se interessam muito.

Como é feita a escolha dos temas?

Essa questão da construção do roteiro ela é toda feita em conjunto a gente sempre respeita que eles contêm o que eles querem contar, é logico que a gente sempre tem que passar por um crivo porque por exemplo, vamos começar em 2012 que foi o primeiro ano nós conseguimos produzir 11 curtas-metragens lógico que a qualidade não é hollywoodiana impossível de ser porque nós não temos dinheiro para isso.

Então assim quando a gente começou a fazer... Os roteiros nascem assim numa conversa as turmas são divididas em grupos vamos supor temos 40 alunos dá para fazer quantos filmes daqui? Então a gente divide dessa maneira é mais fácil de gerenciar, você gerenciar uma equipe, por exemplo, com 18 alunos é muito difícil então interessante cada curta-metragem tenha no máximo 10 alunos participando que é mais fácil de gerenciar e você perceber que realmente todo mundo está trabalhando. A gente vai conversar “e aí vocês querem contar uma história sobre o que”? O que vocês querem falar para o mundo”? Porque depois a gente joga no

Youtube daí vai para o mundo. Então É sempre muito livre, não tem aquela marra de “você têm que falar disso”, mas é lógico que a gente da sugestão como, por exemplo, “vamos tentar colocar no filme de vocês algum elemento que remeta lá para a violência doméstica” ou de repente vamos pensar a questão do feminino. Existem temas que a gente vai discutindo, mas nada é fechado são eles que no final decidem. Não é à toa que sai comédia, sai drama... Só que esses dramas, como não temos aparato, eles caminham sempre para a comédia, já que não tem a estrutura que aquela cena necessita para ser dramática. A gente ver um erro de continuidade lá atrás, não tem como não rir da situação. Os temas são sempre livres. No final são eles que decidem, mas sempre tem o nosso crivo.

Voltando lá em 2012, era impressionante eles só queriam falar de violência, é um reflexo da realidade deles. Não pode ser algo tão escrachado é cinema, uma outra linguagem, como que a gente vai tocar as pessoas? Fazer elas refletirem.

Vocês enfrentam dificuldades com relação aos materiais necessários para as produções?

Dificuldade total. Só temos uma câmera para todos os grupos, mas é aquela coisa o celular amigo, celular é um grande parceiro nessas horas. A gente tem uma câmera e geralmente ela é dividida pelas equipes que já disputam também com a galera que vai fazer o jornal, a câmera da escola que conseguimos em 2012 então nossos filmes tem sérios problemas de áudio porque a gente não tem instrumentos necessários. Esse ano como a gente está com a parceria com André Cantuária e Jhenni Quaresma o material vai ser de primeira porque eles estão auxiliando nesse sentido, eles estão dando oficina para esses meninos então vai ser diferente a questão do material só que vai ser só esse ano, ano que vem eles não estarão mais aqui.

Então essa questão de material é assim “ah meu primo tem uma câmera ele vai emprestar”, “como vamos gravar esse áudio”? “Ah celular, depois o editor se vira”, é assim, então a gente não tem material. É o espírito do projeto que a gente consiga envolver um maior número possível (de pessoas), por exemplo, eles são um grupo em sala de aula eles podem chamar para o filme quem eles quiserem o pai, a mãe o tio, irmão (o projeto já tem uma relação com a comunidade). É muito interessante quando a gente está vendo os filmes que eles se reconhecem “olha ali é o canto da minha casa, ali é a sua mãe fulano de tal” é engraçado que os pais também se envolvem as casas dos pais são cenário, a rua, o bairro é cenário isso que é bacana

que todo mundo se envolve. “Ah Olívia a gente precisa de uma criança meu primo de cinco anos pode participar”? Pode. E os professores também participam todo mundo se envolve de alguma maneira.

Você acredita que o uso do audiovisual como ferramenta utilizada dentro da sala de aula contribui para a relação de ensino e aprendizagem entre alunos e professores?

Com certeza, olha as mídias estão aí, a gente precisa trabalhar com elas a internet é um elemento fundamental para a gente, e a visibilidade, o empoderamento é você se reconhecer. Nós estamos em um bairro periférico a gente sabe que aqui o acesso à cultura, de maneira geral, então, a internet é um meio de chegar a esse acesso e deles terem vez e voz, então a internet está aí como meio para divulgar e se fazer ouvir. É importantíssima, a gente precisa dela.

Como funciona a dinâmica do festival?

A produção é o ano todo depende do ano geralmente o festival é dezembro ou janeiro depende do ano, é aberto para toda a comunidade escolar, todo mundo, rola até uma pipoca. Só que é aquela coisa não temos auditório então a gente faz mesmo o festival no refeitório da escola a gente marca pra seis horas, mas nunca começa as seis porque a gente precisa que esteja de noite então a gente já vê a questão de estrutura dificulta todo o processo.

A gente mostra os filmes, sempre temos um corpo de jurados que vai avaliar e escolher melhor ator, melhor atriz, uma premiação simbólica com troféu, tapete vermelho lá atrás um fundo com as capas dos filmes. Eles se sentem muito importantes nesses dias, um outro elemento que já percebemos, esse menino vem impecáveis, as meninas vêm com salto alto e aí mais uma vez a gente percebe como o acesso à cultura é tão restrito se são esses eventos que existem então nós vamos estar o melhor possível é mais um momento que a gente consegue participar o quanto a falta de estrutura e acesso mesmo a cultura a conhecer outras coisas então aquilo que a gente tem vamos tombar lá.

Sobre o desenvolvimento do projeto

Não houve o “Curta o Curta” em 2016, trabalhei até julho com eles o roteiro, só que a professora que me substituiu não quis dar continuidade. Até 2015 eu estava trabalhando com aluno de 3º ano então o “Curta o Curta” só era desenvolvido a tarde porque nem um outro professor do 3º ano da manhã ou noite se disponibilizou a desenvolver também não é problema nenhum porque nem todo mundo tem essa

habilidade para lidar com projetos não é tão simples. Então como era com os 3º anos língua portuguesa e literatura são cinco aulas semanais eu sempre tirava uma aula só pro “Curta o Curta” então durante essa uma aula tinha essa questão do roteiro, antes em 2012, 2013 como ainda tinha o programa “Ensino Médio Inovador” eles tinham aulas específicas, pra isso foi montado um horário e os dois últimos horários era para essas oficinas pra tentativa de oficina, em 2014 e 2015 eu tirava sempre uma aula minha pra gente trabalhar o projeto, em 2017 eu não estou com alunos de terceiro ano eu estou coordenando, como a Jhenni e o André entraram no barco a gente pela primeira vez vai ter alunos do 3º ano da manhã e o 3º ano da tarde participando, as oficinas ministradas pela Jhenni e pelo André de manhã pra turma 311 e 312 e a tarde para a turma 321. Então essas oficinas nesse ano estão acontecendo no turno das turmas com horários específicos. Uma vez na semana pessoal da manhã é sempre a terça, pessoal da tarde sempre as quintas como eles já estão nesse processo de produção de filmagem eles estão se encontrando mais vezes, eles fizeram todo um cronograma para os alunos da manhã e da tarde para gravar dentro desse cronograma.

Hoje (2017), quem está diretamente envolvido no projeto?

Os alunos, eu (Neusa Olivia), André (oficineiro), Jhenni (Oficineira) e os professores Anderson Pedro Silva, Fabia Arrelias, Adriana Pantoja, Júlio França.

Anteriormente não tinha o “Curta o Curta” no turno da manhã porque nenhum outro professor se interessou desenvolver então quando junta uma força tarefa para isso é muito melhor.

E esse ano a estrutura de pessoas, mas ainda tem muita dificuldade, André estava aqui semana passada e teve que gravar com três equipes ele passou a tarde toda aqui isso complica não ter o material, mas é uma galerinha que se vira.

Sobre o projeto ensino médio inovador a desculpa é a crise e foi cortado infelizmente, mas lembrando que só recebemos verba em 2012.

Uma coisa que a gente percebeu esse ano a gente tem um aparato técnico, mas eu achei que esse ano houve muita dificuldade em relação aos alunos eu percebi isso eu senti que esse ano os meninos estão empolgados, mas não como os outros anos eu já até conversei isso com o André e Jhenni que se eles tivessem aqui com as oficinas deles com outras turmas 2012, 2013, 2014, 2015 os meninos teriam feito essas produções ainda melhores do que eles conseguiram dentro das nossas possibilidades. Trabalhar com adolescente não é fácil todos os anos sempre tem as

dificuldades, mas eu senti o envolvimento dos alunos muito mais e esse ano que temos um aparato técnico muito bacana eu senti essas turmas entusiasmadas, mas não da maneira que nós gostaríamos.

Quais alunos participam, de que série?

Só as turmas do 3º ano. Se estender para outras turmas é complicado que precisaríamos de um aparato muito grande não é tão simples gerenciar a escola toda para o festival. Um problema, por exemplo, quantos filmes sairiam? 16 turmas imaginam quantos ‘curtas’ para cada turma a gente teria um número muito maior de professores e só temos uma câmera abrir para toda escola é muito complicado. O legal do projeto é quando a gente ver os meninos do sexto ano eles ficam pelos cantos observando, curioso e eles já tem isso de perguntar para os professores “e aí quando é que a gente vai começar a fazer esses filmes”? Essa é a melhor parte de ver essa galera do sexto ano muito animada já querendo participar.

Entrevista Luan Macêdo – Fotógrafo e editor de vídeo - Jurado do Festival Curta o Curta no ano de 2014.

Data/hora/local da entrevista: 04 de dezembro de 2017. 16h00mim. Biblioteca Pública Elcy Lacerda.

Como você conheceu o projeto “Curta o Curta”?

Como eu conheci o projeto curta o curta foi através de convite da professora Olivia com a professora Adriana Pantoja de lá professora de artes eu já fazia alguns trabalhos de fotografia com a Adriana e ela já conhecia meus trabalhos dentro do Festival Imagem-Movimento e foi aí que eu conheci o Curta o Curta.

O que você acha de um projeto voltado para o audiovisual na escola?

Tem uma importância muito grande a bastante tempo. Quem trabalha nessa militância é a professora Lucila Diniz eu conheci o audiovisual na escola através dela tem uma associação de documentaristas e curta metragistas aqui no Amapá (ABD) e ela faz parte como eu sou associado por lá e eu conheci o trabalho dela por lá.... É importante tanto para a cena local pelo audiovisual que tem crescido nos últimos dez anos e eu acho que só tem uma desestrutura o audiovisual na escola para ser uma indústria de cinema na Amazônia.

Como você classifica as produções do festival realizado na escola Raimunda dos Passos Santos?

Então, no dia da amostra foi muito bacana eu lembro que foi de cinco a dez produções apresentadas pelos alunos. Eu não lembro muito bem, mas acho que fui jurado tem uns dois anos. Na verdade, foi em dezembro de 2014. E aí a gente assistiu os filmes. Eu, pelo menos, gostei bastante. Alguns filmes tinham uma boa fotografia, uma boa coloração. E olhando como editor de vídeo o áudio estava muito bem trabalhado, bem sincronizado... isso me chamou bastante atenção porque como editor, a gente sabe que na Amazônia, aqui em Macapá não tem equipamento de qualidade com preço acessível, principalmente em escola pública, esse material é muito escasso assim e muito raro de se encontrar, então, eles fizeram um excelente trabalho com o material que tinham. A edição do vídeo que eu acho dos filmes de som é muito trabalhosa e eles estavam muito bem executados tecnicamente e aí eu vejo que do geral todo foi bastante difícil que a gente assistiu os filmes e depois a gente se trancou mais de uma hora pra decidir analisar tudinho era um trabalho assim eu pelo menos estava exigindo os detalhes para poder julgar, mas a gente começava a discutir sobre cada detalhe. Por exemplo, a gente avaliou o som, e tinha que falar quais os sons que estavam mais bem trabalhados entre todos esses filmes, aí é que alguns jurados na época tinham uma visão diferente sobre o que é o som no cinema.

Você lembra quais eram os requisitos para escolher os vencedores do festival?

O que ajudou bastante a gente como jurados é que a maioria dos jurados já tem experiência com cine clubismo e o cineclube. Eles trazem essa experiência de olhar direito o que é uma fotografia de vídeo, o que é uma atuação, o que é a parte do áudio, o que é trilha e que trilha é diferente de captação do áudio, o que era o roteiro, o que era direção, e tudo isso eu lembro que tinha uma classe específica e tinha o melhor filme, tinha ator coadjuvante eu acho que eram essas as classes som, edição, ator coadjuvante, atriz, atriz coadjuvante, melhor filme, melhor fotografia era bem baseado no perfil do Oscar.

A gente tinha que entrar em consenso a gente analisava cada um por exemplo, o melhor som a gente falava de todos os filmes destacava os melhores teve alguns que não estava bem trabalhado, o som e a gente excluiu assim de cara mesmo. O maior problema de escolha foi o melhor filme, a gente deu atenção maior a um só filme com ator edição estava bem trabalhado esse filme só que a gente não deu para ele o melhor filme. A gente deu para um que não tinha levado o prêmio porque

a gente achava também que seria um modo de todos estarem premiados em alguma classe em alguma classificação específica, foi a nossa discussão maior porque a gente tentava distribuir, mas também tentava achar um ponto positivo dentro do filme. Claro que a gente sabia qual era o melhor filme com a melhor fotografia, não íamos deixar de premiar aquele só para privilegiar o outro. Discutíamos e tentávamos achar um ponto que desse para dizer “esse aqui já é o melhor filme, e essa premiação a gente dá para o outro como melhor fotografia”. Isso demorou bastante. Querendo ou não, é um ponto negativo nesse projeto porque cria uma disputa, e a gente sabe que essa idade de ensino médio as pessoas são muito competitivas, querendo ou não deixar de premiar alguém de escola pública que fez um trabalho para competir com todo mundo e também era um trabalho que estava bem feito, mas não estava no nível dos outros. A gente conversou bastante sobre isso e eu acho que o resultado foi até ótimo que a gente conseguiu dar bastante atenção. A gente demorou, mas a galera também esperou até o final. As amostras de filmes terminaram umas 21 horas, só fomos ter um consenso quase perto de meia noite. Eu lembro que demorou bastante para chegarmos em um consenso.

O que mais lhe chamou atenção nas produções? Teve algum trabalho em especial?

Eu não lembro o nome dos filmes especificamente, mas eu lembro de uma que contava a história de um menino que ia comprar açaí e ele conseguiu fazer no roteiro dele. Eu sei que ele saía da casa e ia comprar açaí, ele andava tanto na história do filme até a galera entender ele já tinha andado bastante. Na narrativa ele contava que ia comprar açaí, demorava muito para chegar na casa dele e quando chegava em casa estava faltando farinha e aí tinha que voltar a história de novo e o roteiro em si estava bem desenhado. Essa construção é bem legal porque trabalhar isso na escola é engraçado. Quando o professor trabalha o audiovisual na escola, ele não percebe a relevância do resultado, ele sabe que talvez saia coisas boas ou coisas ruins, mas uma sacada como essa de o aluno trazer sua experiência no filme tipo mostrar uma realidade ao mesmo tempo ela parece simples, mas quando tu coloca isso num filme é muito complexo e o roteiro eu lembro que era bem simples e o modo que foi trabalhado era muito difícil que eles trabalhassem posições de câmera, e essas posições parecia que ele nunca chegava na amassadeira de açaí. Se eu não me engano, esse aluno ganhou o festival como o melhor ator. Ele foi

escolhido nesse trabalho porque na atuação fazia muitas expressões diferentes e que era normal no nosso cotidiano. Percebemos que ele tinha levado a sério o trabalho. É o que eu lembro desse projeto, mas não lembro o nome do filme.... Quando a gente recebeu o convite para ser jurado, a proposta era de assistir uma vez e lá no dia só entregar o resultado, só que não rolou isso. Soubemos que os alunos entregaram os trabalhos em cima da hora aí não deu para assistir antes fazer uma prévia, mas eu só assistir essa vez e esse filme me marcou, de todos, assim que era o menino que andava na bicicleta ia comprara açaí e quando voltava ainda faltava a farinha e fazia o mesmo trajeto e ai tipo foi bem fechado.

Ao fazer uma análise geral das obras, você acredita que o audiovisual pode ser trabalhado dentro da sala de aula como ferramenta de ensino?

Pode não, deve. Tanto que o audiovisual é bastante complexo quando ele é bem trabalhado na escola, traz resultado não só pra escola, mas para comunidade. O que está faltando hoje em dia é a escola entender ou o sistema de ensino entender que as mídias digitais estão aí para favorecer esse ensino tradicional que existe. Por exemplo, o audiovisual é muito acessível. Qualquer um que tem celular e grava por exemplo eu tenho uma experiência assim eu pego meu celular posso até gravar uma cena aqui mas é algo que me chame bastante atenção e eu sinto que os alunos tem isso também de filmar e fotografar seu cotidiano e guardar esse material. Uma experiência minha tem muito aplicativo de edição de vídeo para celular eu uso muito o filmora (editor de vídeos) que é um aplicativo que tu baixa e dá para editar vídeos...

Quando eu trago a minha realidade para um projeto dentro da sala de aula ele tem uma contribuição muito grande tanto só para a interação dentro da sala de aula mas para a conversa, mas as vezes para conversar mesmo “como tu fez esse teu vídeo” e aí sim vem o cineclube dentro da sala de aula. “ah como é que eu fiz essa fotografia? ” “Aonde foi? ”, Que horas? ” Quando a gente se desprende muito até do roteiro, mas o cara sabe da intenção de um roteiro para o audiovisual, mas quando o professor dá liberdade ele se desprender do roteiro e trabalhar a sua própria visão dentro do audiovisual principalmente no início eu acho que há muito mais chances da gente ter a gente no futuro que produza audiovisual do que um professor que obriga simplesmente p cumprir a carga horaria.

Na sua opinião, como o audiovisual pode integrar a escola e a comunidade?

Tinha bastantes alunos, mas só que tinha familiares de alunos familiares que ajudaram na produção dos vídeos. Eu acho que isso é até uma falha não só do audiovisual, mas de quem está à frente do projeto, que é divulgar isso especificamente pra comunidade. Eu acho que é aí que está o erro porque era um trabalho de escola que dava liberdade para trazer pessoas de fora, mas só que eu acho que a escola deveria trabalhar uma comunicação só pro festival, eu vejo dessa forma não como uma interação espontânea entre escola e esse projeto e a sociedade e a comunidade deveria se abrir mais por exemplo exibindo na rua acho que seria mais escola e sociedade na frente da própria escola seria legal uma mostra eu acho que eles conseguiriam envolver mais a escola e a comunidade.

Entrevista Anderson Pedro Silva - Professor de História da escola Raimunda dos Passos Santos.

Data/hora/local da entrevista: 14 de dezembro de 2017. 08h45min. Biblioteca da Escola Raimunda dos Passos Santos.

Como o projeto “Curta o Curta” é desenvolvido dentro do seu horário de aula?

O projeto Curta o Curta já foi feito de diversas maneiras primeiro começou com a professora Olivia que fazia só na disciplina dela de língua portuguesa, literatura aí depois eu entrei pra deixar um pouco mais multidisciplinar no ano que eu entrei diretamente avaliando os meus alunos que eram os mesmos que o dela do terceiro ano, a gente pedia para os alunos escolherem alguns dos temas trabalhados em sala de aula no projeto que existia do Governo Federal (ensino médio inovador) e naquele ano o tema foi feminismo, racismo e não lembro qual foi o outro. Aí os alunos tinham que de alguma forma colocar algumas das questões trabalhadas nas minhas aulas nos ‘curtas’ deles não precisava ser um tema central, mas tinha que trabalhar de algum modo.

Você acompanha todas as etapas do projeto? Sobre participar das etapas de produção como: edição, filmagens, etc.

As edições esse ano não mais. Porque a qualidade dos ‘curtas’ vem melhorando, das imagens também e nem sempre dá tempo da gente estar junto dos alunos nessa parte, na verdade a gente nem pode participar da edição porque é um dos prêmios do festival então não pode ter professor envolvido a gente só nos primeiros anos que era muito limitada essa questão tecnológica era meio que todo mundo se

ajudava se tinha alguém nas turmas na época que era a Olivia que sabia editar e acabava editando de todo mundo só que foi ficando grande o festival a gente já não se envolve nisso mas acompanhando nas filmagens a gente vai a gente leva as vezes.

Os alunos trabalham em equipe?

A gente tem feito ultimamente os 'curtas' só para os terceiros anos sempre no final do ano então a gente acaba não tendo um retorno da melhoria desse aluno no que a gente gostaria que ele melhorasse porque no ano seguinte ele já não está mais na escola, mas teve um tempo em que foram os alunos dos primeiros anos que fizeram com a Olivia ela saberia falar melhor isso. Esse ano a gente voltou a abrir esse precedente para os alunos dos primeiros anos, mas eu posso dizer imediatamente assim que sem dúvida melhora o entrosamento professor-aluno, aluno com aluno, aluno entre turmas porque as vezes os alunos de uma turma participam do 'curta' da outra, aluno do fundamental e vice-versa.

O que você procura trabalhar em sala de aula?

Porque é uma área bastante especializada eu sou professor de história eu gosto de cinema mas gostar é uma coisa entender é outra tem termos técnicos demais pra gente ficar falando assim de maneira 'eu acho que é isso, não' a Olivia chegou a fazer de roteiro e quero fazer algo mais específico porque que nem sempre dá pra contar com apoio de pessoa de fora esse ano a gente teve ajuda extraordinária do André e Jhenni que estão aqui só que a dinâmica, rotina de uma escola é complicada e as vezes só o professor que trabalha na escola que sabe que pode se virar então é bom a gente saber o mínimo.

Sempre teve participações de alunos de outras series que nem foram avaliados participaram porque queriam mesmo e porque não tinha no grupo que ia ser avaliado ninguém que quisesse representar a gente percebeu alunos desse tipo assim que melhoraram que foram acompanhando fizeram o curta de uma vez sem ser avaliado quando chegaram no 3ª ano estavam bem desenvolvidos bem à vontade para fazer.

Você acredita que o audiovisual pode ser trabalhado dentro da sala de aula como ferramenta de ensino?

Acredito. Não acho que seja solução para os problemas de educação no Brasil, lógico. Acho que não tem nenhum especialista que pode afirmar com certeza qual é o futuro da educação, mas com certeza utilizar essa ferramenta a de linguagem que é o vídeo que já é antigo, mas agora com a tecnologia mais barata e acessível eu acho que é uma coisa que a gente tem que lançar mão apresentar trabalho por exemplo com jogral pode até acontecer ainda agora, mas porque não usar o vídeo? Que trabalha a oralidade do aluno a capacidade dele de sintetizar porque a capacidade de escrever um texto uma redação pressupõe que você pense antes que você organize suas ideias vídeo é a mesma coisa aliás você vai escrever antes você tem que fazer um roteiro antes a escola tem um jornal além dos curtas aonde essa questão da organização dessas ideias é muito mais rigorosa do que nos curtas lógico nem todo mundo é obrigado a se adaptar a todas as novidades que surgem na tecnologia usada para a educação mas eu to disposto, a professora Olivia está disposta a Fabia, a professora Adriana de artes também vamos usar a gente usa.

Entrevista Fábila Arrelias - Professora de biologia da escola Raimunda dos Passos Santos.

Data/hora/local da entrevista: 14 de dezembro de 2017. 09h10min. Sala dos professores da Escola Raimunda dos Passos Santos.

Como o projeto “Curta o Curta” é desenvolvido dentro do seu horário de aula?

Bom, esse ano eu entrei pra coordenar duas turmas do ‘Curta’ e a princípio eu estava trabalhando com eles os filmes e a gente selecionou um filme que tinha várias temáticas então a gente resolveu debater em sala sobre essas temáticas e tipo todos envolvidos com as disciplinas primeiro era a questão sobre doenças sexualmente transmissíveis muito popularmente questão do bullying que acontece nas escolas e aí a gente resolveu fazer desse jeito mas assim a gente fazia tudo extra sala de aula, porque que tinha que seguir meu conteúdo então a gente se reunia fazia debates sobre os conteúdos e via como a gente podia caminhar pra não interferir no meu conteúdo e nem atrasar a questão da produção do curta.

Você acompanha todas as etapas do projeto? Sobre participar das etapas de produção como: edição, filmagens, etc.

Eu só não acompanhei as oficinas porque elas aconteciam no mesmo horário de aula e aí normalmente eu estava em sala e as oficinas eram justamente para aprenderem a manusear a câmera, da lapela questão de ângulo as cenas o

enquadramento dessa parte eu não participei, mas do restante, produção de roteiro, ensaio, gravação, a edição como ficou encargo deles a gente não se envolveu na edição.

Como é realizada a avaliação do trabalho em equipe dos alunos?

As equipes têm seu líder e aí eu me dirijo sempre ao líder e aí o relatório, todo encontro tem relatório para repassar quem vem, quem não vem, quem faz, quem não faz, na hora de sentar para fazer o roteiro sentou os líderes e eu sentei com um grupo para ver o que eles achavam e aí para que todo mundo pudesse dar opinião e para que o andamento fosse mais democrático possível.

Você busca inovar nas aulas usando assuntos atuais?

Muito. Tipo o 3º ano, mas no 1º ano eu gosto de trabalhar com filmes com eles e aí assim voltado para minha área vejo algum filme nem que seja um detalhezinho que está no sub no sub no subentendido para ver se eles conseguem captar essas coisas eu acho interessante porque querendo ou não o menino adora mídia tudo o que ele não tem que ler, tudo o que ele não tem que escrever que ele possa só assistir ele chama atenção então é uma maneira lúdica da gente está passando o conteúdo para os alunos. E aí eu vejo uma estratégia bem prática e bem chamativa para o aluno principalmente os de hoje que não gosta muito de sala de aula, quadra, assunto, copiar. Quando eu passei o filme eu até passei um filme chamado “Preciosa” muito fenomenal ele só que é muito pesado eu passei para os meninos e assim a gente prende a atenção deles, quando tu estás na sala tu falas dez palavras e eu tenho que está chamando a atenção para alguém ficar em silêncio para alguém guardar o celular para parar de tirar selfie aquelas coisas que eles fazem.

Trabalhar com o aluno usando filmes como ferramenta de ensino é positivo?

Quando o professor está envolvido, sim, quando o professor está envolvido aproxima bastante e assim o que eu vejo de legal a gente poder passar pro aluno que o mundo não é só aquela que ele põe no celular, um questionamento que um aluno fez “ah, é que filme brasileiro é tudo porcaria”, “ah não vou fazer o trabalho” a gente teve muito embate sobre isso que aluno não queria fazer porque ah o filme era besteira, isso aquilo outro.

Como o projeto ajuda nas disciplinas? Como é feita a adaptação dos assuntos?

Professor de língua portuguesa trabalharia redação com o aluno em relação a produção do roteiro, de história no caso o professor Pedro trabalharia história da

arte, da música, do cinema. No meu não tem muito eu tento incluir mais pegando os filmes e colocando a minha disciplina no meio, assim olha dá para a gente aprender isso aqui assistindo um filme. Outro dia eu passei para os meninos o “Aviador”, “ah professora mas conta história de avião”. Não conta história da aviação assistam o filme. Assistimos umas duas vezes e nada eu falei agora vou falar um segredo para vocês “o filme fala sobre o TOC o Leonardo di Caprio tem TOC assistam o filme com um olhar diferente agora”, aí eles foram percebendo “ele não gosta das coisas assim tudo tem que ser organizado”. Vocês têm que ter um olhar diferente cinema é magico só que aí a gente tem que embutir que encucar esses meninos porque não assistem. Filmes para eles é filme de terror ah, mas filme de terror. “Assistam outro filme que tu gostas também”

Aí eles não têm esse costume, esse habito sempre falo. A gente fez um sarau aqui na escola, participação mínima no sarau teve aluno tocando violino, outro recitando poesia tudo muito cult não veio ninguém. Teve a festa do Halloween encheu a escola. O que a gente tem que passar para o aluno? Empurrar goela abaixo no moleque até que uma hora ele vai se adaptar porque infelizmente na nossa idade eles não tem esse habito de todo tempo ir no cinema assistir um filme. “ah não, lançou lá Guerra Civil, Liga da Justiça vou assistir, está lá ‘Extraordinário’ quase ninguém vai querer assistir ele passa uns valores diferentes nós temos que botar o moleque, olha tu tens que assistir, ”se não, não adianta. Olha uma coisa que eu gosto, trabalhar com música eu passo paródia para os meus alunos eu gosto muito disso porque biologia não é só ‘ah, mata uns bichinhos faz dessecação, aprende o nome de algum bichinho, aprende nomes de algumas plantinhas, não. Da para a gente trabalhar a parte didática bem lúdica com os meninos, eu trabalho música, filme também me ajudou bastante em relação a isso.

Sobre o uso das mídias

A gente tem que saber usar e ensinar para eles como usar. Olha essa questão da produção do “curta” eles começaram a tirar fotos, fazer algumas edições tão aprendendo então se eles souberem manusear ajuda muito, nem a gente não sabe a gente que é adulto não saber manusear imagine eles que ainda são adolescentes, crianças e querem ver um monte de besteira e não sabe. Mas a partir do momento em que a gente se qualificar para mostrar como que usa eles deslancham porque eles gostam disso.

Você acredita que o audiovisual pode ser trabalhado dentro da sala de aula como ferramenta de ensino?

Contribui. Eu digo pelas minhas aulas se eu for usar só livro, agora quando eu pego eu passo um 'videozinho' pego umas imagens monto um negocinho legal de mídia os meninos adoram. "professora é isso e aquilo outro" eles se interessam porque eles estão vendo é muito mais prático a gente trabalhar com a questão da multimídia da informação do visual com eles do que só no gogo é muito diferente você está numa sala só no gogo e entrar numa sala e ir para uma sala com um audiovisual espetacular é totalmente diferente é muito mais prático.

Outro dia eu estava trabalhando sobre DSTS aí eu peguei as piores imagens possíveis sobre DSTS. "aí professora que nojo" eu falei 'oh se eu só to falando isso vai ser só mais uma aula só vai ser só mais uma coisa que talvez nem entre no ouvido de vocês aí aquilo impacta deixa o menino impactado. Então eu acho de suma importância a questão do audiovisual na sala de aula não só para mim, mas para todas as disciplinas que vai ter sempre uma coisa que vai chamar a atenção dele e aí ele vendo ele vai dizer "não é como imaginei é pior ou então é melhor do que imaginei".

Entrevista com Júlio França – Professor de Português da escola Raimunda dos Passos Santos.

Data/hora/local da entrevista: 14 de dezembro de 2017. 15h00. Sala dos professores da escola Raimunda dos Passos Santos.

Você acredita que os professores devem buscar algum tipo de qualificação na área do cinema para trabalhar com os alunos dentro da sala de aula?

Na verdade, tem que saber pelo menos o básico. Eu percebo que aqui na escola a maioria dos professores não tem esse conhecimento só pela forma como é trabalhado os filmes que basicamente é pedido para fazer relatório, resenha, resumo e só. Eles não falam sobre produção, fotografia, essas coisas.

Você acredita que o projeto na escola reforça a comunicação entre alunos e professores?

Sim. Até por que a responsabilidade deles é maior em produzir, acompanhar, em saber como é feito. Eu acho que eles conseguem aprender mais fazendo do que a gente explicando.

O uso do audiovisual como ferramenta de ensino utilizada dentro da sala de aula pode ou não contribuir para a relação de ensino e aprendizagem entre alunos e professores?

Sim, pois a maioria dos alunos já gostam de cinema. As vezes eu passo como atividade para assistir e discutir depois, sem ter um objetivo específico.

Quais são as maiores dificuldades do projeto na escola?

Principalmente a questão de preparar os profissionais por que, assim, a Olivia que buscou apoio e tal, por que da parte da escola mesmo não tem quase nada, se eu não me engano tem só uma câmera. Esse ano vai ser melhor por que tem outro pessoal dando apoio e material. Mas o que dificulta é isso. Se é para editar, tem uns computadores aí, porém, não são bacanas. Tem uma câmera, mas não é das melhores. O problema maior é a falta de material e de treinamento.

Entrevista Sandro Brito – Jurado no Festival Curta o Curta do ano de 2015.

Data/hora/local da entrevista: 21 de dezembro de 2017. 18h40min. Sala dos professores da escola Raimunda dos Passos Santos.

Como você conheceu o projeto Curta o Curta?

A professora Olivia em 2014 ela estava necessitando de professores para ministrar um curso livre de teatro, e aí ela entrou em contato com a Cássia Modesto que é uma atriz que na época participava do mesmo grupo que eu e me fez o convite para vim ministrar. Na época eu era diretor da Cássia em um espetáculo e ela fez o convite para ajudá-los dando a oficina. Eu passei 3 meses ministrando essa oficina pra eles de atuação sendo que a gente tinha um horário bem curto então eu tinha que ser bem preciso na metodologia que eu ia em contato com eles nisso eu passei nas minhas metodologias algo que era muito parecido que era assim a gente começou analisar a minissérie "Capitu" e aí nessa minissérie eles fizeram com formato teatral toda essa questão de atuação de adereços e muito mais e fizeram a filmagem como se eles estivessem dentro de um galpão hoje a gente fala de um teatro experimental mas na época era teatro mesmo é como se fosse um teatro de invasão e tudo mais e aí a gente começou analisar e eu comecei a conversar com eles como seria essa pratica dentro do universo escolar porque eles não tinham experiência o tempo que a gente tinha era muito curto para passar algo pra eles que eles pudessem se aprofundar mas a gente queria mostrar algo de qualidade, na época era pra ser realizado o festival de teatro depois desse curso livre só que

infelizmente não deu certo foi quando a professora Olivia falou do 'curta' e aproveitou os alunos para poder realizar o 'curta' se não me engano era o segundo ou o terceiro 'curta' na época e ai foi mais ou menos assim que eu conseguir ter esse contato com a escola. Em 2015 foi jurado.

O que você acha de um projeto voltado para o audiovisual na escola?

Eu acredito que o audiovisual hoje ele está com uma força muito maior do que o teatro, já começa por aí. Hoje a gente tem um curso de teatro dentro da universidade mas nós não temos nenhuma disciplina que seja voltada pro audiovisual então como é que a gente começa a pensar uma questão que é dessa especificidade da nossa terra, hoje o audiovisual ele está muito forte, hoje se pegar atores do teatro e colocar no audiovisual esses atores eles terão dificuldade porque a encenação pro audiovisual ela é muito especifica então todo o aparato que o teatro pede normalmente não funciona dentro do audiovisual, a pessoa do audiovisual tem que ter muita prática mesmo para que ela possa dialogar com isso então eu acredito que dentro do universo escolar isso é uma pratica que é muito importantíssimo principalmente porque faz com que os jovens eles possam utilizar também as mídias de uma nova forma hoje o teatro caminha junto com o audiovisual se a gente for pensar se a gente for analisar uma das artes que caminham juntos é o teatro e aí o teatro hoje também está se adaptando ao audiovisual quando você pega a questão performática hoje a performance ela abraça. Hoje nós temos dentro do teatro, teatro que é feito a partir de filmagens o ator está na rua e o projetor está lá no palco e as pessoas conseguem ver isso. Vários grupos de são Paulo têm essa prática.

Como você classifica as produções do festival realizado na escola Raimunda dos Passos Santos?

Eu estava até conversando com o professor Wellington que é a primeira vez que ele vem como jurado e eu acredito que é uma qualidade muito grande perto do que eu já vi. Eu já participei de outros festivais nacionais que eram festivais de 'curtas' que eu fui assisti enquanto eu estava de passagem por algumas cidades e me chama muito atenção a qualidade desses trabalhos, apesar deles não terem um aparato técnico muito bom mas a criatividade prevalece nesses meios normalmente são jovens adolescentes que eles se utilizam da própria criatividade pra conseguir nessa questão do audiovisual porque um celular que muitas das vezes não tem grande capacidade de filmagem tudo mais eles conseguem fazer vídeos muito bonitos tem um vídeo que na época até deu melhor fotografia ele pegou uma visão do trapiche

de São José de crianças brincado na lama que é regional mas eles pegaram de uma poética muito grande. Então o que mais me chamou atenção dentro desses vídeos que eu assistir na época era a poética que era trabalhada dentro desses minis curtas porque é algo que no teatro dificilmente a gente consegue sabe se a gente for pegar assim questão de emoção de poética de estética a estética deles era uma estética muito boa.

Ao fazer uma análise geral das obras, você acredita que o audiovisual pode ser trabalhado dentro da sala de aula como ferramenta de ensino?

Sim, muito o audiovisual é uma potência muito grande até para questão política mesmo porque dá voz esses jovens, esses adolescentes muita das vezes eles são reprimidos dentro desse contexto educacional eles não podem falar eles não podem fazer determinadas coisas e dentro do audiovisual é um novo olhar para eles lá podem colocar a voz deles dentro desses curtas.

O que falta para melhorar o projeto?

Eu acredito que falta uma questão de investimento, na época eu lembro que um investimento que vinha do governo federal só que esse investimento não caiu então foi aos trancos e barrancos que eles conseguiram montar isso e hoje eles estão continuando depois de dois três anos eles continuam fazendo aos trancos e barrancos com a força e com vontade, criatividade, mas eles não deixaram isso acabar e isso é o mais importante.

Acredita que de alguma forma esse é papel da escola?

Sim, é um projeto independente o fato de já ser independente já é algo maravilhoso porque não necessariamente para existir não precisa recursos, normalmente a arte hoje principalmente arte contemporânea as pessoas só fazem se existir recurso. O teatro hoje em Macapá ele está caindo de produção justamente por isso porque o teatro só é feito se tiver recurso e aí o que acontece hoje o governo não está nem aí para a arte sabe? Tanto governo federal tanto estadual não tem recurso então os artistas eles precisam querendo ou não ter um diálogo com a sociedade com que a sociedade querendo ou não é o maior investidor nisso. Hoje se você ver artistas de rua eles estão na rua porquê? Porque a sociedade é que paga eles e o governo não então eu acredito que é de muita importância esse trabalho dentro desse contexto escolar justamente pelo fato de ser independente sabe porque não precisa de recurso nenhum a força de vontade, a criatividade elas já são a base de tudo.

O mais engraçado que eu percebi foi a forma com que eles lidam com os que já passaram. Ainda agora sentado ali assistindo os curtas de 2014 para cá que passaram uns vídeos eles aplaudindo os trabalhos que foram realizados, eles comentando então é uma valorização mesmo dos próprios alunos pelo trabalho e esforço deles.

Entrevista Pablo Carvalho e Hainary Gonçalves – Alunos da escola Raimunda dos Passos Santos e participantes do Festival Curta o Curta 2017.

Data/hora/local da entrevista: 21 de dezembro de 2017. 20h30min. Refeitório da escola Raimunda dos Passos Santos.

Como foi a produção do curta de vocês, deu muito trabalho?

(Hainary) a gente sabe que o tema (homossexualidade) abordado no nosso curta ainda é bastante impactante na sociedade, e por conta disso, tivemos um pouco de trabalho na produção, principalmente, na parte do roteiro que era a forma como iríamos repassar a mensagem do nosso trabalho. A ideia do tema foi proposto pelo Pablo, mas o roteiro teve contribuição de todo o grupo

A partir do roteiro, quando vocês foram para as filmagens, tiveram alguma dificuldade?

Não, em nenhum momento a gente teve dificuldade. Foi bem rápido para a gente gravar por que tivemos a ajuda de pessoas bem capacitadas da sala para nos ajudar nessa parte.

Sobre a composição de atores, foi definido o que cada um iria fazer?

Na verdade a gente já tinha uma base. Os protagonistas foram o Cauê e o Pablo. Os restantes, como figurantes e tal, a gente teve que definir no momento das gravações.

E qual é a expectativa de vocês para o resultado do festival?

Estamos bem confiantes, principalmente, por conta do resultado final do curta e do tema que foi abordado. Quando pensamos em trabalhar com essa temática sabíamos que a chance de ganhar seria grande por que o assunto é bem polêmico.

Vocês tiveram a ajuda dos professores, da escola para conseguir produzir o curta?

Sim! A gente teve a ajuda, principalmente, de duas professoras que foi a Olivia e a professora Fábria que nos deram todo suporte para que o nosso trabalho fosse desenvolvido.

Entrevista Valdirene de Oliveira Carvalho – Mãe do aluno Pablo Carvalho, participante do festival “Curta o Curta” 2017.

Data/hora/local da entrevista: 21 de dezembro de 2017. 20h40mim. Refeitório da escola Raimunda dos Passos Santos.

O que você achou da atuação do seu filho em um projeto voltado para o audiovisual na escola?

Ele me surpreendeu bastante, pois ele é um menino muito quietinho, que não curte muitas ideias, mas quando ele me disse que a escola iria fazer um curta ele se empenhou bastante. Começou a estudar muito, procurando histórias, temas polêmicos que foi onde ele se destacou.

Você percebeu o desempenho dele na sua casa?

Sim! Ele é muito esforçado, procura sempre estudar bastante para adquirir o máximo de informações sobre o que ele se propõe a fazer.

O que você acha de um projeto voltado para o audiovisual dentro da escola?

Muito bom. São ideias como essa que trazem para os jovens mais interesse e oportunidade de conhecer melhor o mundo, de ter novos rumos e experiências através da criação de filmes do que ficar parado sem pensar em nada.

As notas do seu filho melhoraram após ter participado do projeto na escola?

Olha, eu nunca tive queixa dos professores dele com relação a isso na escola. Mesmo participando do projeto ele conseguiu manter um bom desempenho nas disciplinas.

Sempre que tem programação como essa na escola a senhora estar presente?

Sim, sempre que eu tenho a oportunidade de prestigiar o meu filho na escola eu venho participar.

A senhora estar confiante que seu filho possa ganhar alguma premiação no curta em qual participou?

Sim! Até por que fiquei bem impressionada com a qualidade do que eu assistir e do assunto que foi abordado pela equipe dele.

Entrevista Everton – Aluno da escola Raimunda dos Passos Santos. Participante no Festival Curta o Curta 2017.

Data/hora/local da entrevista: 21 de dezembro de 2017. 20h50mim. Escola Raimunda dos Passos Santos.

Você participou do projeto “curta o curta”?

Sim, é a primeira vez que eu participo do projeto. Eu fiz parte do filme “Do Topo ao Poço”, do curta no caso e eu era editor, roteirista do filme.

Qual dessas áreas (de produção) teve mais dificuldade?

A edição do filme foi uma das mais difíceis porque eu tinha muita restrição no programa do computador aí eu não sabia mexer muito bem aí tive que pedir ajuda para um outro rapaz eu não sabia mesmo.

A escola deu a vocês suporte para a edição, tiveram ajuda de professores?

Sim, tivemos ajuda de vários professores inclusive do Pedro que é o professor de história ele foi um dos cabeças ele e a professora Fabia de biologia eles foram os cabeças e a escola trouxe um grupo de alunos que estavam cursando não sei se já tinham terminado a faculdade nessa área e eles vieram deram suporte explicaram para a gente instruíram a gente como era para a gente trabalhar em cima do curta.

E isso ajudou para que você conseguisse desenvolver tanto roteiro quanto as edições?

Sim, eles deram diversas ideias na verdade foi mais ou menos assim a gente entregou um roteiro para eles e eles explicaram para a gente o que que a gente tinha que mudar o que a gente não tinha que fazer.

O que você acha desse projeto na escola? É uma área que te interessa?

Foi uma grande contribuição porque as pessoas perderam mais aquele foco do cotidiano do estudo e eles entraram no projeto muito legal um projeto que estava ali pra refletir nas nossas atitudes de hoje fez com que os próprios alunos batessem cabeça em um tema que provavelmente era muito restrito como os dos meninos que falou sobre a homossexualidade a não aceitação da homossexualidade, o nosso (curta0 de um rapaz que ele era muito ruim não gostava de dar as coisas pra ninguém ele era um cara muito soberbo e que se transformou em um homem mais humilde pelo que ele passou e isso ajuda com que as pessoas reflitam mais lá na frente no dia a dia.

O professor ajuda vocês a pensarem no tema. O tema tem a ver com a disciplina do professor. Como foi essa escolha do tema?

Os professores deram temas supostamente fariam sucesso e também que fariam as pessoas refletissem como a: homossexualidade, gravidez na adolescência, a prisão nos telefones que hoje em dia é muito assim a gente está preso nos telefones e que era para a gente refletir era como se tudo fosse uma reflexão do nosso presente

para o nosso futuro, se a gente quer realmente viver aquilo que a gente estava vivendo hoje os professores nos ajudaram muito.

O que você achar de usar esses meios (as mídias) como forma de aprendizado?

A gente pega muita informação na internet e a gente absorve pra gente a gente não sabe se aquilo lá sendo certo ou não e sempre é bom a gente ter duas fontes de conhecimento como se fosse a internet e o livro a gente tem que se aprofundar melhor e é muito legal a gente usar a internet porque a internet é instantâneo a gente ter resposta instantânea são várias respostas mas a gente tem que absorver principalmente as melhores e as que a gente acha não temos que ficar no achismo a gente tem que ter certeza mas pelo mesmo a que a gente acha que tem. As vezes quando o professor passa um assunto muito complicado na sala de aula porque acontece de a gente entender um assunto é normal a gente não entender. A gente vai na internet ver no youtube alguma coisa sobre o assunto aí a gente ver lá um monte de vídeo aula sobre o tema então o youtube não está ali a internet não está ali só para te dá algumas informações fúteis, a internet está ali pra te dá algumas informações importantes que tu vai precisar levar pra tua vida como alguns assuntos entre outros.

Continuação do áudio 05:05 minutos

Entrevista Jhonatan Costa – Coordenador pedagógico da escola Raimunda dos Passos Santos.

Data/hora/local da entrevista: 03 de Janeiro de 2018. 13H30min. Coordenação Pedagógica da escola Raimunda dos Passos Santos.

Você acompanha o projeto Curta o Curta?

Sim!

O que você acha de um projeto como esse na escola?

Uma grande oportunidade dos nossos alunos por em prática talentos artísticos/cênicos, assim como melhorar seu nível de conhecimento e aprendizagem, principalmente no campo da linguagem.

Na sua opinião, qual a importância de trabalhar o cinema dentro da sala de aula?

Os alunos podem, a partir do cinema, colocar em prática a sua vivência. O cinema os ajuda a enxergar essa realidade com uma visão crítica, o que é muito bom para despertar o interesse pelo desenvolvimento do senso crítico.

A escola possui estrutura necessária para desenvolver melhor o projeto audiovisual?

A nossa escola (e nenhuma do estado) tem estrutura suficiente para esse tipo de trabalho. Trabalha-se com o que tem e com o que os professores e alunos conseguem.

A coordenação fez algum planejamento para adaptar o projeto às disciplinas?

Sim! Antes o projeto era desenvolvido apenas na disciplina de língua portuguesa até que foi aderido para a interdisciplinaridade, envolvendo outras disciplinas e assim poder abordar outros temas.

Qual a avaliação da coordenação da escola em relação a participação dos alunos no projeto?

Muito bom! Os alunos gostam e se envolvem bastante. Até ex-alunos que já saíram da escola continuam participando do projeto.

Como coordenador da escola você acredita que o audiovisual trabalhado no ambiente escolar contribui para a relação de ensino entre alunos e professores?

Sim, com certeza! Algumas produções, inclusive, servem (ou podem servir) como instrumento didático, devido aos temas abordados e ao material rico em conteúdo, promovendo a aprendizagem.

Você acredita que é possível inserir o audiovisual como uma disciplina obrigatória na escola?

Acredito que pode ser uma ferramenta imprescindível, e que os professores precisam ser devidamente treinados para usarem com mais propriedade.

Entrevista Adrienne Marques – Ex-aluna da escola Raimunda Virgolino e participante do projeto “Ciências Humanas no Cinema”.

Data/hora/local da entrevista: 18 de janeiro de 2018. 16h30min. Universidade Federal do Amapá

Como foi participar do projeto?

Foi muito bom participar do projeto aprendi bastante coisa nele eu soube através da professora e foi ela que trouxe a ideia para a gente e apresentou mesmo eu acho que foi daí ela apresentou em sala de aula foi como atividade para a gente.

Você recorda se toda turma aceitou o projeto?

Aceitaram todo mundo aceitou tipo foi bem recepcionado lá todo mundo gostou participou, produziu.

O que você aprendeu com o projeto?

Eu lembro que passavam várias técnicas como produzir documentários, vídeos, entrevistas eu lembro que ensinaram técnicas de edição, fazer roteiro eu lembro muita coisa que ensinaram.

Qual o tema seu grupo escolheu para produzir o minidocumentário?

A gente escolheu alienação midiática a gente produziu um vídeo ia produzir um vídeo só que eu nem sei se foi concluído, eu lembro que a gente fez e apresentou ele, teve roteiro.

Chegaram a gravar?

Não o nosso não era tipo a gente não lembro de ter a gente. O nosso foi meio que uma colagem assim com várias ideias assim que a gente ia meio que questionando eu não lembro se no final do vídeo a gente falava alguma coisa, se apresentava porque foi há muito tempo eu lembro que a gente fez algo do tipo.

O que mais interessou no projeto?

A questão de abordar os temas assim porque tu aprendes muita coisa quando tu vais abordar assim você fica assim na hora e é muito, muito legal você aprende muita coisa muita, eu lembro de aprender muita coisa sobre o meu tema no caso o que a gente tinha escolhido.

Como foi trabalhar em equipe?

Foi boa eu acho que era porque meu grupo a gente meio que socializava bastante a gente era amigo e a gente bem convivência foi bem interessante.

Você sentiu alguma diferença entre o método tradicional de ensino e o audiovisual na sala de aula, é mais interessante o audiovisual ou permanecer do jeito que tá é melhor?

Não, eu acho mais interessante o audiovisual eu lembro porque a nossa professora de história a Andreia ela passava muita coisa ligada a mídia e tal ao universo do cinema e tal era muito, muito interessante eu gostava muito das aulas dela.

Quais foram as maiores dificuldades para desenvolver o projeto na escola?

A dificuldade era porque eu não conhecia nada foi meio confuso assim aprender novas coisas assim acho que a dificuldade maior foi assim para mim. Forneceram materiais eu lembro foi muito bem organizado, como câmeras, fora a gente tinha o nosso celular então a gente não precisou muito dessas coisas e gente usou muito celular para pesquisar eu lembro de ter editado daí só ia montar porque a gente não sabia montar e eu não lembro se foi concluído ou não acho que ficou para a gente concluir só que não deu tempo que já estava encerrando e tal.

O projeto ajudou você a compreender mais os assuntos escolares os temas que eram escolhidos para a gravação?

Muito, porque você vai pesquisa sabe e não é uma coisa que está no teu comum assim não é uma coisa que você fala no ensino médio no terceiro ano “alienação” fica tipo ‘o que é?’ Tanto que a gente teve tantos embates sobre isso e tal agente falou muito sobre isso e a gente não sabia o que era em si a gente só gostava do tema da estimativa do jeito que chamava a nossa atenção que prendia.

A que você atribui sobre o projeto não ter sido concluído na escola?

Eu não sei eu acho foi a questão do tempo porque era curto acredito que foi que fez ir para a frente eu lembro que a gente combinava de terminar o “projeto” e aí não teve tempo para fazer isso e a gente estava na época de Enem então estava todo mundo mais interessado nessas coisas.

Você pode falar sobre a experiência de ter ganhado uma boa de IC?

Era de iniciação científica e aí eu lembro que foi a nossa professora que falou para a gente a Andreia que ela tinha esse projeto do audiovisual acho que ela era ligada nisso e aí ela meio que conseguiu que a gente entrasse. A gente escrevia artigo, papers, projeto de pesquisa tinha muita pesquisa ...

De alguma forma essa experiência científica te ajudou a produzir algum material na escola?

Ajudou porque despertava mais interesse tu olhas assim é um ambiente acadêmico, ambiente escolar tu ver que é totalmente são dois mundos diferentes tipo acadêmico e o escolar tipo muito além para mim e era meio que difícil eu tinha muita dificuldade. Muito boa assim desperta o interesse na vida no ambiente acadêmico ver que tem tantas coisas que dá para ti fazer.

Você acredita que o audiovisual ele pode ser trabalhado com mais frequência no ambiente escolar?

Sim, eu acho que deve porque toda a minha turma era interessada no projeto, na matéria da professora eu gostava muito. Tinha outros professores que tinham interesse no projeto agora lembrar nome eu não lembro a Andreia foi a mais que tive contato.

Na escola como eram as aulas dos professores eles levavam vocês para assistir filme na sala de vídeo?

Poucos professores faziam isso, poucos bem poucos.

Chegou a manusear câmera?

Não!

Sobre a edição do minidocumentário

A gente chegou para essa etapa, mas não concluiu porque faltou tempo mesmo porque foi uma semana se não me engano foi pouco tempo. E eram poucas aulas que cederam poucos professores cederam e como a gente estava nessa época de Enem.

Entrevista com Guajarina Sousa – Ex professora de Língua Portuguesa e Literatura na escola Raimunda Virgolino. Foi colaboradora do projeto “Ciências Humanas no Cinema” em 2015.

Data/hora/local da entrevista: 24 de janeiro de 2018. 15h45min. Prédio da Livraria Clássica. Sala F

Como se deu a instalação do projeto “Ciências Humanas no Cinema” na escola?

Foi a professora Andreia Martel que coordenou e motivou tudo e falou com todos os professores, não só de humanas. E aqueles que tivessem interesse, se adequariam com a sua disciplina. Mas o foco do projeto ficou mais para a área de humanas, até por conta da afinidade do projeto. No período a professora Andreia estava fazendo um curso voltado para essa temática de mídias na escola. Ela ficou interessada e achou que na escola seria oportuno, até por que a escola tem um laboratório de informática educativo (LIED) que, como em todas as escolas, é super utilizado. Foi então que ela tentou movimentar nesse sentido; com projetos, com programas. Foi a partir disso que surgiu o projeto maior que era para nos desenvolvermos atividades para fomentarmos o laboratório de informática e movimentar os alunos por meio do audiovisual.

Como se deu a sua participação no projeto?

O projeto já estava bem desenvolvido, estruturado. Eu só via aquilo que era importante para a minha disciplina de língua portuguesa e literatura. Trabalhamos nesse sentido. O que ainda ficou ao critério de todos foi a seleção dos filmes que nos iríamos trabalhar, como que cada disciplina, cada professor dentro da sua área iria encaminhar para o audiovisual.

Na área de produção do filmes, você teve alguma participação?

Mas na parte estrutural, de correção, de dar um toque na questão da locução dos alunos, como voz, e como que eles deveriam trabalhar essa questão.

Você teve alguma qualificação na área do audiovisual para trabalhar com essa temática na escola?

Qualificação propriamente dita não. Eu não tenho nenhum documento dizendo que eu fiz, mas como eu sou leitora, sempre trabalhei essa questão da voz, da presença, e busquei contribuir dessa forma.

Enquanto o projeto estava sendo desenvolvido na escola, você percebeu o interesse do aluno em participar do processo de produção?

O que eu vi é que os alunos começaram a perceber que o celular serve para muitas outras coisas que não apenas fica ali. Isso foi importante para nós por que tínhamos uma dificuldade com relação ao uso do celular dentro da sala de aula. E de repente o celular passou a ser uma ferramenta de fato. Eles começaram a manusear o aparelho com outra visão. Isso foi muito importante na produção, na produção de texto, da oralidade. Trabalhamos alguns vícios de linguagem para que eles pudessem fazer uma boa locução e a interagirem melhor uns com os outros. Isso foi interessante.

Em sua opinião por que o projeto não teve continuidade na escola?

A nossa escola era exclusiva do ensino médio. Infelizmente as vaidades do ensino médio e bem maior. Todo projeto precisa de engajamento. Só a professora Andréia não conseguiria levar adiante e foi isso que basicamente aconteceu. Em um determinado momento ela se viu sozinha. Ela era professora, não estava exclusiva para o projeto. Além de estar em sala de aula ela tinha que completar hora/aula no laboratório de informática, coordenar o “Ciências Humanas no Cinema” e ainda alinhá-lo com outro projeto que era sobre o enem. E assim ela acabou só.

Na sua opinião, a estrutura da escola contribuiu para o fim do projeto?

Com certeza! As escolas públicas são sucateadas. Nem todo diretor ou gestor tem esse olhar sensível para o projeto. Precisa do financeiro para ter uma boa máquina,

e nem precisa ser uma profissional, um bom computador para fazer as edições dos vídeos. O nosso auditório não estava bom, as nossas salas de aula super quentes. Sem falar que o foco principal de quem está no 3º ano é o enem. E tudo isso acabava afastando o aluno.

Você acredita que o audiovisual contribui para o resgate do interesse do aluno na escola?

Com certeza! Inclusive na escola isso foi motivo de debate pela forma como os seres humanos hoje lidam com o aparelho celular. Dentro do projeto foi levantado essas questões, do que é permitido, do que é possível, do que é ético fazer. Então não foi apenas trabalhar o vídeo, mas levantar questões éticas também. Isso fez com que o próprio aluno se motivasse para o debate, até por que nos fazíamos a ponte com a questão do enem. É possível? É! Mas como todo projeto, dá trabalho.

O envolvimento de toda a escola é fundamental para que um projeto como esse possa dar certo em uma escola?

Com certeza é importante. É um projeto que envolve muitas coisas. Então precisa do envolvimento de todos os profissionais da escola. Precisa ser um projeto institucional para ganhar força, pois se é um projeto que venha apenas de uma disciplina, com um tempo ele vai enfraquecendo. Mas aí é aquela questão. Lhe dar com o ser humano é complicado, pois nos temos muitas vaidades. De repente não é possível, as reuniões são difíceis de atingir o todo e isso vai enfraquecendo o projeto.

Entrevista com Tiago Freitas – Ex-aluno da escola Raimunda Virgolino e participante do projeto “Ciências Humanas no Cinema”.

Data/hora/local da entrevista: 26 de janeiro de 2018. 16h00min. Universidade Federal do Amapá

Como foi participar de um projeto voltado para o audiovisual dentro da escola?

O projeto na escola Raimunda Virgolino foi desenvolvido pela professora de história da escola chamada Andréia, e ela sempre teve uma aula muito dinâmica, sempre trazia algo diferente para dentro da sala de aula para que todos participassem e fosse interessante para todos os alunos. Ela sempre fazia sessões de cineclubismo com filmes que tinham a ver com o assunto que estava sendo trabalhado na sala de aula. Era muito bom, as aulas sempre muito interessantes até que surgiu o convite para que eu fosse pesquisador/bolsista do cnpq. Eu ainda estava no último ano do

ensino médio e foi um grande ganho para a minha vida por que eu comecei a ter contato com autores, sociólogos, com todo o universo acadêmico, mesmo estando no ensino médio ainda.

O que você mais gostou de trabalhar dentro do projeto?

Acho que o roteiro. A gente teve umas aulas sobre o processo de produção, mas o que mais me despertou interesse foi a parte de criar o roteiro.

Em algum momento do projeto, você teve contato com equipamentos profissionais?

Não!

A partir da sua experiência com o audiovisual no ensino médio, despertou em você algum interesse em trabalhar com essa temática?

Eu sempre gostei muito de cinema, foi legal conhecer a fundo esse universo, saber como as coisas são preparadas por trás da obra, mas não foi algo que me despertou interesse em fazer uma faculdade ou trabalhar na área para construir uma carreira.

Como foi trabalhar um roteiro em equipe?

Antes de tudo tivemos que entrar em um consenso, pois eram opiniões muito diferentes uma das outras. Tinha que ouvir e tentar encaixar as ideias de todo mundo para que ficasse uma coisa legal.

Você percebeu alguma diferença entre o método tradicional de ensino com o audiovisual?

Como eu já disse. A professora Andréia sempre teve aulas dinâmicas, então, era mais interessante estudar o audiovisual do que ficar só sentado numa cadeira escrevendo...

Sabemos que o projeto “Ciências Humanas no Cinema” não teve continuidade na escola, a que você atribui isso?

Basicamente era só a professora Andreia que estava disposta a dar o tempo dela para que a gente pudesse fazer algo diferente. Eu não via o interesse, nessa parte, dos outros professores. Era só ela...

Você acredita que a sua participação em um projeto audiovisual te ajudou, de alguma forma, a compreender os assuntos da escola de algum modo?

Acho que conhecimento e sempre bom, então, a gente podendo aprender cada vez mais, com certeza, nos ajuda a compreender os assuntos naquele momento e mais adiante.

A escola tinha suporte para que vocês pudessem trabalhar com o audiovisual?

Na época do projeto a escola só tinha acesso a internet e alguns computadores, tirando isso, não tinha mais nada.

Além da professora Andreia, havia o interesse no desenvolvimento do projeto de outros professores, coordenação pedagógica ou direção?

Olha, além da professora Andreia, havia a professora Guajarina, de língua portuguesa que deu o suporte na parte do roteiro, fora isso, não vi o desempenho das outras partes da escola.

Você acredita que para trabalhar o audiovisual no ambiente escolar é importante que toda a escola esteja envolvida no projeto?

Sem dúvidas! Se tivesse todo o corpo docente unido para fazer com que aquele projeto fosse desenvolvido, com certeza ele daria certo.

Entrevista com Jhenni Quaresma – Oficineira/colaboradora do projeto “Curta o Curta” da escola Raimunda dos Passos Santos no ano 2017.

Data/hora/local da entrevista: 30 de janeiro de 2018. 16h00min. Grafite Comunicação

Como você conheceu o projeto “Curta o Curta”?

Em 2014 eu fazia parte do GRAAPA e a professora Isabel me pediu para fazer um cartaz de uma exibição do projeto que seria realizado na Unifap, mas isso acabou nem acontecendo. Foi a primeira vez que eu ouvi falar do “Curta o Curta”. Já em 2015, na edição do festival em que a professora Isabel foi Jurada, o André foi fazer algumas imagens, então ele fez vídeos, fotos... eu não fui nesse festival, mas quando o André chegou me mostrou as imagens, me falou dos filmes...

Eu já tinha experiência de alguns cursos de fotografia que eu dava na Unifap e de documentário que através do GRAAPA fizemos na escola Raimunda Virgolino foi que eu fui me interessando mais pela área, de dar cursos...eu tive um período bem intenso na Unifap em Julho de 2015 que eu dei uns 5 cursos de fotografia, mas no ano seguinte (2016) não teve o projeto (o Curta o Curta).

Em 2016 eu estava muito ligada nessa parte de oficina e tal, então, em maio desse ano, fiquei sabendo através de um amigo da chamada do “Inventar com a diferença” que é o projeto do qual eu faço parte pela Universidade Federal Fluminense. Eles estavam patrocinando projetos nos valor de até 40 mil reais. Foi aí que eu escrevi um projeto muito sem esperança, bem menos, no valor de 25 mil reais e quando foi em agosto recebi o resultado de que tinha sido aprovado. O valor de 25 mil foi para

comprar os equipamentos necessários para a realização do projeto. Na época eu tinha que ir para Belo Horizonte fazer um treinamento, mas não pude ir. Um amigo chamado Rafael Aleixo que estava no script inicial do projeto foi me representar nesse treinamento...quando ele chegou, peguei todo o material e acabou que de início eu fui dar aula de cinema na escola Maria Ivone lá no cidade nova. Ficamos lá até janeiro de 2017.

Como o André já conhecia o projeto “Curta o Curta”, conhecia o professor Pedro e a Neusa Olivia que na época queria retomar as atividades do projeto, foi que a gente fez a proposta para entrar com o suporte das oficinas no “Curta o Curta”.

A gente tem um projeto...entramos no curta o curta através de uma parceria. A gente deu as oficinas, ajudamos eles a produzir, mas quem organizou o festival foi a escola.

Quais oficinas vocês realizaram na escola?

Nos primeiros semestres a gente deu oficina de roteiro e fotografia. No segundo foi só fotografia e áudio. Eles ficavam praticando e o grupo que já tinha o roteiro desenvolvido já ia gravando.

Os alunos se mostravam interessados em aprender as técnicas de roteiro, áudio, vídeo...?

Segundo a professora Olivia foi um ano bem difícil, mas tinha sim uns alunos que se interessavam bastante em aprender sobre o roteiro. Teve alunos que chegaram a “brigar” por causa do confronto de ideias sobre o roteiro. Outros que queria aprender mais sobre fotografia por que queria ser melhor do que o aluno do outro grupo. Tinha também aquela galera que não queria nada com nada e que estavam ali só pela nota que valia para eles.

Além de ensiná-los a manusear os equipamentos profissionais, vocês apresentaram outras ferramentas que poderiam contribuir para o desenvolvimento do curta dos alunos?

A gente sempre ensinou eles a mexerem nas câmeras profissionais. Temos 4 tipos diferentes de microfone, mostramos para o que cada um serve. Mostramos sobre as lentes. Trabalhamos bem essa parte mais profissional. Mas também ensinamos sobre as noções técnicas básicas de como manusear o celular, mais sobre noções básicas de plano, iso, diafragma, enquadramento...aí quando eles foram produzir, oferecemos todo o material para eles.

Entrevista com Jhenni Quaresma – Oficineira do GRAAPA no ano de 2015.

Data/hora/local da entrevista: 30 de janeiro de 2018. 16h00min. Grafite Comunicação

Como foi aplicada a oficina no Raimunda Virgolino e como surgiu a ideia do projeto?

A professora Isabel já vinha desenvolvendo um projeto de cinema e educação, que era em cima dos três pilares da produção (formação, produção e distribuição). A gente estava na fase de produção onde já trabalhávamos no cine club do GRAAPA. Quem ministrou as oficinas foram: eu, Aleixo, Mauro e a Raylana. Nós elaboramos um material e dividimos por dias, onde falamos de da parte teórica. Pra ser sincera não lembro muito da parte de captação de áudio e vídeo, mas sei que os alunos fizeram essa parte com a ajuda da professora Andreia. Depois ajudamos na parte de edição com os alunos.

O que você se recorda sobre a produção dos minidocumentários?

Sim, eles iam desenvolver, mas não terminaram o produto, por falta de estrutura dos computadores que não suportam o programa. Quem terminou foi o Mauro que editou com alguns alunos.

Quais os recursos que vocês utilizaram na escola?

Alguns recursos do GRAAPA, outros da escola como data show, caixa de som computadores para a parte teórica, e na parte pratica os alunos usaram a câmera de celulares. Tivemos algumas aulas no auditório da escola onde foi explicado sobre documentário, tipos de documentário e o que dava para eles produzirem ali no ambiente deles de acordo com os recursos que eles tinham.

Qual o interesse dos alunos em participar das oficinas?

Especificamente tinha um grupo de alunos interessados, porém eu acredito que a maioria não estava interessada e estavam mais por obrigação para não levar falta e nem perder pontos. Faltou mais organização por parte da escola para motivar os alunos a participarem.

Quais as dinâmicas em conjunto feita nas oficinas em relação a parte pratica como o manuseio de câmera?

A gente dividiu em grupos para a produção dos materiais, não foi individual porque era muitos alunos e não daria para auxiliar um por um.

Qual a contribuição dos professores durante as oficinas?

Foi três dias de oficina, e a única professora que participou mais efetivamente foi a Andreia, e outra professora que ficava no laboratório de informática, onde fomos algumas vezes pra lá baixar vídeos e acessar programas de edição. Outros professores não participaram.

Como era o material que vocês produziram sobre o minidocumentário?

Não tenho certeza, pela área de formação da Andreia, os produtos tinham alguma coisa relacionada a disciplina dessa professora para ela poder pontuar os alunos.

Você participou da parte de edição?

Não, essa parte foi o Mauro, eu só fui organizar os computadores (instalar os programas de edição).

Você tem algum material editado como foto, vídeo, etc.?

Eu tenho somente fotos da gente dando oficina e não tenho nenhum material, quem tem material é o Mauro, pois ele que trabalhava com a parte de edição.

Você ainda trabalha no GRAAPA?

Mais ou menos rsrsrsrs. Por que eu já saí da universidade e acaba diminuindo um pouco as interferências. Com a professora Isabel a gente trabalha alguns projetos relacionados ao GRAAPA para poder realizar neste próximo ano. Próximo ano eu quero voltar pra unifap como acadêmica de artes visuais e espero que volte meu envolvimento com o GRAAPA, que eu gosto bastante e tem um diferencial dentro da universidade. Hoje não tenho nenhuma função no projeto.

Você ainda realiza oficinas em escolas pelo GRAAPA?

Pelo GRAAPA não. Estou em um projeto chamado “Cine Perifa” que esta pausado por motivo de férias, depois a gente vai reencontrar com a Olivia para se organizar para o próximo ano.

Vocês pretendem reativar essa parceria?

Sim, se for possível, a gente pretende voltar e talvez só reformular os modelos de oficina e etc.

Sobre a disponibilidade que a internet tem de aplicativos de edição, como vocês disponibilizaram para os alunos essa possibilidade de trabalhar com esses aplicativos?

A gente seguiu uma linha de explicar o profissional e o amador ou independente. Falamos que dava pra editar pelo celular, mas nenhum grupo utilizou celular para editar, porém foi explicado os aplicativos que poderiam ser usados.

O que você acredita ser a maior função do GRAAPA e sua importância para o cinema e educação?

O GRAAPA é importante porque quando eu entrei na universidade com uma visão de que tem que produzir artigos. E o contato com alguns professores que diziam que tinha que produzir artigos científicos. Quando eu fui para o GRAAPA com a professora Isabel gostei muito e aprendendo, pois é algo feito pra fora do ambiente acadêmico, onde as coisas podem ser mais que apenas produzir artigos científicos, por exemplo, fazer um documentário ou ministrar uma oficina, que muitas vezes contribui mais para a sociedade e em uma escola pode mudar a vida de muitos alunos. Então acho isso muito importante em sair dos muros da universidade seja com Cine Club, seja exibindo matéria produzido, ou seja, é importante sair da universidade para dar uma espécie de retorno do que as pessoas estão fazendo pela gente.

Entrevista com André Cantuária – Oficineiro do projeto “Curta o Curta” na escola Raimunda dos passos Santos no ano de 2017.

Data/hora/local da entrevista: 10 de janeiro de 2018. 16h00. Grafite Comunicação.

Como você conheceu o projeto “Curta o Curta”?

Na verdade, o professor Pedro eu já conhecia, ele tocava em banda e por isso eu já tinha contato com ele, mas eu não o conhecia como professor. A professora Olivia eu conheci nos cursos e oficinas de audiovisual que fiz, então, eles sempre apareciam. Eles falavam que não eram da área, mas que tinham um projeto de cinema na escola e que gostariam de aprimorar os seus conhecimentos na área. Só que eu não tinha contato direto com eles. Eu só vim saber do projeto através da professora Isabel que foi convidada por eles para ser jurada do festival “Curta o Curta” em 2014. Eu estava fazendo o estágio obrigatório na Unifap e eu fui fazer a cobertura fotográfica. Foi aí que de fato eu conheci o projeto e fiquei bem surpreso com a força que eles tinham de movimentar toda a escola, a exibição dos filmes, a premiação e os alunos assistindo. Foi bem interessante. Eu percebi que tinha um potencial nos filmes, no trabalho da professora Olivia. Depois disso, só retornei o contato com eles em 2015 através do projeto da Jhenni – o “Cine Perifa” /Inventar Com a Diferença que é um projeto em parceria com uma Universidade do Rio que foi aprovado com o objetivo de dar oficinas de cinema nas escolas da periferia e aí a gente começou a trabalhar numa escola do bairro cidade nova que era próxima de

onde a gente morava. Não tivemos muito sucesso com o projeto nessa escola pela questão da evasão dos alunos que se interessavam bem pouco. Então quando a gente terminou as atividades nessa escola foi que eu lembrei da professora Olivia, do Pedro e do projeto “Curta o Curta”. Foi que eu sentei com a Jhenni e falei que a gente poderia tentar no Novo horizonte (escola Raimunda dos Passos Santos) por que eu acho que lá a gente vai ter um resultado melhor por que já tem um projeto. Na verdade foi a gente que se ofereceu para eles com a proposta. A gente entrou em contato com eles, falamos que queríamos dar oficinas para os alunos produzirem os curtas através do cine perifa e que teríamos todo equipamento disponível para esse ano (2017) estarmos com eles.

Então a nossa relação se deu por meio de uma parceria entre o cine perifa e o curta o curta. Como a gente passou por um edital, então, teríamos que executar. Era um trabalho que não iria trazer nenhum custo financeiro para a escola, pelo contrario, a escola só ganharia. A gente apresentou o projeto do cine perifa para eles, tanto é que todo o material que a gente fez foi para o site nacional, foi para os grupos. Eles postavam tudo que a gente produzia aqui. Então para a gente era a execução de um projeto, mas eles (Da escola Raimunda dos Passos Santos) só teriam a ganhar, pois com essa parceria ganharam dois profissionais da área para dar oficinas para os alunos e ainda aprenderíamos a trabalhar com equipamentos profissionais.

Quais oficinas foram desenvolvidas na escola?

A gente começou a desenvolver a parte um pouco técnica do cinema, fizemos muita relações dos direitos humanos com o cinema, trabalhando temas como violência doméstica, bullying, racismo homofobia. A gente trabalhou esses assuntos que fazem parte do cotidiano deles. Eles que trouxeram esses assuntos para gente. Debatíamos muito isso, mas acabamos nos aprofundando também na questão da produção do cinema, auxiliando na produção de roteiro, acompanhar nas gravações, dando todo suporte. A gente também deu aula de fotografia, de áudio, iluminação. Demos estruturas para eles produzirem.

Com relação à edição?

A parte da edição acabou não entrando por que os grupos demoraram para entregar os roteiros, o que afetou todo o nosso planejamento. Quando eles (os alunos) começaram a rodar (gravar os curtas) já era para estarmos na edição, então atrasou muito. Eles só tiveram duas semanas para editar o material e apresentar no festival. Não teve tempo de edição.

Houve alguma dificuldade para ministrar as oficinas na escola?

Na verdade, a gente não teve nenhuma dificuldade, pelo contrário, depois da experiência ruim que tivemos na primeira escola, na Raimunda dos Passos as nossas expectativas foram superadas, os alunos eram bem dispostos, bem animados, empolgados a participar. E também a escola era bem acessível, a gente tinha acesso para falar com todos, como entrevistar os professores, a falar com os funcionários. Tínhamos até uma sala que eles disponibilizaram para ministrarmos as oficinas.

Os alunos se mostravam interessados em aprender as técnicas do audiovisual?

No início a gente teve a dificuldade pela questão da participação deles (alunos). No início era a parte mais teórica, mais escrita, de criar roteiros. Tivemos uma grande evasão nesse período, tanto é que até dificultou as oficinas seguintes de produção de fotografia e de vídeo porque os alunos não se interessaram. Os professores tiveram que tornar a participação no projeto avaliativa para fazer com que eles participassem. Mas o interesse deles não se deu só por esse motivo. Quando começamos a gravar, e como tínhamos que montar os equipamentos, eles começaram a se aproximar. O que foi até engraçado porque eles quase não participaram das oficinas de fotografia, mas queriam operar as câmeras. Mas assim, é normal, são jovens, dispersos. Claro que teve uns e outros grupos que se destacaram pela questão de organização, de conseguirem fazer um trabalho interessante. O feedback depois do resultado, para alguns foi uma experiência única, e tem outros que ainda mantêm contato com a gente. Recentemente teve um aluno que nos procurou para dizer que quer fazer um curso voltado para o audiovisual, nos perguntou qual curso poderia fazer, orientamos que o mais próximo do que ele queria aqui no estado era o jornalismo que trabalha o que ele deseja. Então, só por isso já é um retorno muito interessante.

Em que parte da produção os alunos tiveram mais dificuldades em aprender?

Acho que foi o roteiro. Porque o roteiro eles demoraram mais de um semestre para aprontar. Eles tinham a ideia boa, mas se bateram muito para desenvolver essa ideia. Acabavam fugindo demais da realidade. Por exemplo, teve grupo que queria fazer sobre zumbis na escola. Eles achavam que era super produção, e por isso tivemos que ter todo um cuidado. Até porque na nossa execução de projeto tinha que ser traçado assuntos voltados para os direitos humanos, então não poderíamos

fugir dessa temática. Tentamos trabalhar o mais próximo da realidade deles, o que eles viviam no cotidiano para transformar em filmes. Tiveram muitas dificuldades, tanto é que quando teve as férias no meio do ano eles voltaram bem desmotivados, e já era para estarmos na parte de produção, captação. Foi bem ruim, pois eles demoraram demais na parte do roteiro.

Os professores acompanhavam as oficinas e as produções no geral? Até para compreender mais sobre o audiovisual e o que era repassado para os alunos?

No início teve o acompanhamento da professora Olivia e da professora de artes, Adriana Pantoja. Como era a parte mais teórica, de apresentação, então eles acompanharam. A professora Olivia foi a que mais acompanhou até a parte final do processo de produção, por que aconteceu de no início a gente ter muita dificuldade de segurar os alunos então eles (os professores) tinham que dar essa força, mas quando começamos a dar a parte prática, de fazer exercícios, foi mais fácil de controlar por que eles estavam mais interessados, então os professores não interviam tanto, só deixavam tudo disponibilizado. As salas que utilizávamos eram agendadas, tinha o nosso espaço. Eles conseguiram criar um ambiente para nós sem que interferíssemos no ritmo normal da escola, sem afetar os alunos das outras turmas que não participavam do projeto. Isso era muito bom.

Na fase final, quando já tinha data para o festival, tinha grupo que ainda estava no meio da produção. Eu e a Jhenni tivemos que nos ausentar da escola por conta de outros compromissos e aconteceu de a professora Olivia e do professor Pedro assumirem essa parte final. E foi bem tranquilo, por que a gente acompanhou para passar os detalhes, cedemos os nossos equipamentos para os professores para que eles (os alunos) poderem utilizar e finalizar os trabalhos. Então eu acho que foi bem tranquila essa parte.

Os professores sentavam com os alunos para discutirem o tema até para envolverem suas disciplinas nas produções?

Não havia isso. A escolha do tema era livre, mas deixamos a questão de que eles não podiam “viajar na maionese”, não poderiam falar sobre zumbis como já foi falado anteriormente. Teve um filme que acabou entrando que era sobre Bullying, onde tinha muito assassinatos, mortes...eles queriam deixar o filme violento que acabou entrando por causa da temática.

Antes de tratarmos dos temas, mostramos a eles alguns filmes do projeto “inventar com a diferença” feitos em outros estados para mostrar quais os temas que eles

poderiam trabalhar e que eram ligados aos direitos humanos. Os deixamos livres para decidirem o que queriam fazer. Mas tivemos esse cuidado de não deixar eles fazerem qualquer coisa. Mesmo assim, até pela dificuldade com o roteiro, tiveram temas que entraram para a produção como foi o caso do “Like” que até foi um tema muito interessante, mas que fugiu um pouco da nossa proposta. Valeu mais pela questão da produção deles. Tomamos o cuidado deles não verem o cinema só como uma questão de super-heróis, mas também de reflexão.

Você acredita que o audiovisual pode ajudar a manter os alunos nas escolas?

Acho que sim! Pois acredito que as tecnologias devem ser utilizadas para o bem. Se for para desenvolvermos algo que possa ser utilizado na educação, e tendo essas convergências de poder trabalhar com o áudio, com o vídeo, com a mídia, com tudo em uma ferramenta só. É fundamental nos apropriarmos desses meios que estão disponíveis para tentar mudar desse ensino tradicional. Cada vez mais temos que nos adaptar aos novos meios, a usar e abusar deles de forma que possa ajudar a modificar a educação. Enfim. Que o aluno não use o celular só para mídia social no sentido de rede social, mas sim como um meio que ele possa produzir, fazer alguma coisa de forma criativa eu acho que estar valendo. Acredito que até o cinema tem que se tornar uma disciplina, até por que o projeto na escola não é para tornar o aluno um cineasta, um diretor de fotografia ou algo relacionado, é para ele ver que ali existe uma possibilidade, assim como o teatro e a música.

Na sua opinião, quais os pontos positivos e os negativos do projeto?

Começando pelos pontos negativos, eu acho que a falta de equipamentos é uma dificuldade por que quase no final da produção a professora Olivia entrou em contato com a gente e perguntou qual seria o equipamento mais em conta que eles poderiam adquirir para produzirem os trabalhos da escola. Eu acredito que eles iriam tirar do bolso deles para deixar para o projeto. Então, assim, parte disso, um pouco da falta de incentivo. E o Curta o Curta é um projeto que quem ver pela primeira vez fica bem impressionado por que é uma coisa que eles conseguem movimentar os alunos para participar. É um projeto que faz a diferença na vida dos alunos.

Foi engraçado que no dia do festival em 2017 a Jhenni levou os alunos dela para assistirem o festival e eles ficaram bem impressionados pelo modo como a escola conseguia movimentar todos os alunos para assistirem as produções. Então, eles são muito envolvidos. O projeto já está no calendário da escola. É uma coisa que modifica. E como as possibilidades existem de todas as formas, um dos curtas saiu

da escola e passou por um edital e vai ser rodado um filme com profissionais trabalhando, através do primeiro edital de audiovisual do estado que foi uma ideia que saiu de lá. É um dos curtas do festival de 2015, que foi o que eu assistir chamado “Em busca da felicidade” que conta a história de um menino que ia atrás de açai, então, quando eu vi aquele filme eu achei bem sensacional. Fiquei com ele na cabeça, e por sorte, quando eu retornei para a escola (em 2017) para dar as oficinas de cinema e abriu esse edital eu vi essa possibilidade da gente desenvolver um roteiro a partir da ideia dos meninos. Aí eu me reunir com eles na escola e mais e a professora Olivia, falei que eu tinha a intenção de desenvolver a ideia deles para um roteiro profissional e concorrer a um edital e transformar uma atividade de aula deles em um filme mesmo. Após o “Ok” deles, a gente desenvolveu o roteiro, concorreremos no edital e conseguimos entrar para rodar um curta-ficção. Todo o filme será rodado no bairro novo horizonte, a preparação de elenco vai ser toda feita lá, vamos fazer com que a escola e a sociedade participem também. A nossa ideia é que quando o filme tiver finalizado o lançamento seja no festival “Curta o Curta” de modo que podemos mostrar para os alunos que foi algo que nasceu da escola. Os alunos vão estar na produção, no elenco, participando do filme por que foi uma ideia deles. Então, não tem como dizer que não dar certo um projeto como esse na escola.

Vocês pretendem expandir as oficinas de cinema para outras escolas de Macapá?

Sim, pretendemos. Na verdade, a gente vai ver a possibilidade de conseguir renovar por mais um ano o projeto “inventar com a diferença” em parceria com a universidade do Rio para continuar com esse trabalho de dar as oficinas de cinema nas escolas.

Como você avalia, do ponto de vista profissional, o projeto “curta o curta”?

O projeto é uma pequena semente na escola que tem uma faísca de criatividade, de modo que pode fazer a diferença não só na escola, mas no bairro. É um projeto que não é novo e que tem muita força, com o mérito da professora Olivia que estar sempre a frente e buscando se aperfeiçoar na área.

Esse projeto tem uma importância muito grande não só para os alunos ou para a comunidade, mas também para o audiovisual do Amapá por que é um lugar onde pode nascer profissionais que futuramente possam produzir filmes. É interessante

manter esse projeto por que pode garantir um futuro de ter pessoas produzindo, criando...

Sobre o filme “Açaí”

Sabemos que a proposta idealizadora do filme “Açaí” surgiu a partir do Curta o Curta, como foi isso?

Na verdade, ele surgiu a partir do nosso contato com o Festival Curta o Curta em 2017 que foi através do outro projeto nosso que era o Cine Perifa. A gente dava oficinas de cinema e educação nas escolas das periferias de Macapá que foi outro edital onde a gente passou e em 2017 fomos dar umas dessas oficinas na escola Raimunda dos Passos Santos, no bairro Novo Horizonte. Já tínhamos conhecido o Festival Curta o Curta, através da professora Isabel que levou a gente. Ela tinha o contato da professora Olivia e do professor Pedro, então criamos essa relação de amizade e também de trabalho. Com isso, começamos a dar as oficinas nessa escola, que promove todo fim de ano o Festival Curta o Curta, onde são exibidos filmes produzidos pelos alunos. É tipo um oscar, tem até premiação, desde melhor roteiro, ator, atriz, enfim, é assim, a comunidade é muito envolvida. Então, conseguimos fazer com que no ano de 2017 déssemos um suporte técnico de equipamentos de filmagens profissionais de cinema e também as oficinas o conhecimento de troca ideia, de explicar para eles o processo de roteiro, produção, edição, filmagens, som. Então tudo isso a gente conseguiu agregar nas oficinas. Bom, a partir dessa relação dessa troca tivemos contato com outros filmes das outras edições do Festival e a gente conheceu o curta “Em busca da felicidade”, que na verdade no ano que ele foi exibido que eu acho que foi em 2015 eu fui por coincidência com professora Isabel, acompanhando ela, fazendo cobertura pelo GRAAPA daí vi esse filme no festival e eu disse: “caramba! Que ideia maravilhosa, ideia muito legal gostei muito”. Bem regional mesmo, então eu achei muito legal. Para mim ficou assim marcado esse filme. Depois disso, no ano de 2017, abriu o edital primeiro edital de audiovisual do Amapá, eu a Jhenni e o Sandro que é o roteirista, a gente pensou “cara vamos escrever um projeto para esse edital bora focar vamos escrever alguma coisa para a gente gravar, rodar”. Conversando, eu joguei a ideia, por que a gente não pega o filme “Em busca da felicidade” e vamos fazer uma releitura dele e vamos adaptar e pegar a ideia original desse filme e vamos fazer um roteiro trabalhado. E enfim, tivemos essa ideia de escrever o projeto e a gente achou muito legal debatendo, conversando, achamos que seria uma

sacada muito interessante, e tem todo o lance que é com açaí, de ser regional numa periferia. Então foi todo esse trabalho que pensamos. Bom, a partir daí conseguimos bater o martelo “vamos falar sobre o açaí”.

Teve algumas condições (sua, da escola ou dos alunos) para que a ideia fosse levada adiante?

Entramos em contato com a escola, com os alunos que produziram que até então já tinham passado uns três anos, todos já eram maiores de idade, já estavam trabalhando, mas conseguimos reunir com eles e lançamos a proposta. Falamos sobre a pretensão de escrever o projeto e que esse projeto tinha uma inspiração no trabalho escolar deles, que era “Em busca da felicidade”, como a ideia original surgiu deles a gente queria pegar essa ideia e desenvolver um roteiro, fazer todo um trabalho de produção de cinema, fazer um negócio bem maior, com uma equipe, enfim, eles gostaram bastante da ideia. Eles queriam participar, mas como eles tinham trabalho o empecilho acabou com que não batesse a agenda, mas aconteceu que um deles estava bem mais próximo da gente se envolvendo bastante e acabou somando entrando na equipe do filme sendo nosso produtor.

Ocorreram muitas alterações acerca do roteiro do curta “Em busca da felicidade” para o filme açaí?

Com essa autorização pudemos mexer no trabalho, montamos, e o Sandro escreveu um outro roteiro, adaptamos, incluímos bastante coisa, e decidimos manter muita coisa da história, vamos supor que 50% a gente incluiu mais coisas. O filme ganhou outras dimensões porque o curta deles era bem resumido se não me engano era 7 minutos, então com o roteiro a gente já tinha calculado que iria dar uns 15 minutos, colocamos mais cenas, mais personagens preenchemos mais coisas. Mas queríamos manter a essência do filme, que é o filme ser rodado no Novo Horizonte mostrar essa periferia que é desconhecido não só pelo Brasil a fora, mas até pela gente aqui, manter as locações que é valorizar o trabalho dos meninos que produziram o “Em busca da felicidade”.

Alguém da escola Raimunda dos Passos Santos participou das gravações. Se sim, quem e como?

Tivemos o apoio da escola de imediato apoiaram bastante, começamos a fazer a chamada lá. Para as pessoas que moram no centro se locomoveram para a escola, e acabou que nas chamadas a gente conseguiu ter 3 atores do bairro, sendo seu Naldo que é um senhor que é um ator que mora no bairro, por coincidência ele é

batedor de açaí, teve um outro rapaz que ele mora lá também e mais o vigia da escola. Estávamos na chamada e foi uma situação bem interessante, estávamos esperando os atores, daí o Thomé que é o preparador de elenco ele teve uma ideia e falou “poxa porque a gente não chama esse rapaz aí que está na portaria da escola só pra gente fazer um teste, só pra vermos”, depois a gente viu que encaixou, que tinha um papel para ele e o chamamos para fazer parte. Ele ficou maravilhado, gostou muito, se sentiu feliz por termos chamado que no fim acabou sendo uma revelação, uma pessoa que empolgou e fez muita coisa legal, o Augusto. Muito legal essa relação de ator e direção.

Onde o filme foi rodado?

A gente decidiu fazer com que todo o processo do filme fosse justamente no Novo Horizonte, na zona norte, naquela região por ser uma região de periferia e tem essa questão acaba agregando esse trabalho social de inclusão, de oficinas de cultura, enfim, decidimos fazer tudo lá e a gente manteve alguns locais do filme “Em busca da felicidade” mas decidimos manter lá todo o processo do filme.

Quais eram as condições do edital? Após a finalização do filme existem outras exigências?

A gente tinha um prazo de um ano para finalizar, desde quando recebeu o recurso. Mas claro né, como todo edital, ainda mais de governo. A atraso no repasse. Teve alguns processos que foram irregulares em relação ao edital onde acabou que o recurso que era pra ser de fomento pelo tramite que entrou pela Secult não foi de fomento. Eles fizeram pela lei de licitação e isso acabou afetando praticamente os nove projetos. Três projetos que são maiores que é o longa e duas séries eram pagos pela Ancine. Então era outro processo que esses três projetos ainda não receberam. O restante que soma os doze que foram pagos pelo governo que inclui a gente, que são os curtas, documentários, animação, esse repasse era o primeiro porque pelo edital justamente é um padrão da Ancine que os editais estaduais geralmente o governo dá um recurso. O governo do Amapá deu 1 milhão para o edital, a Ancine dobra o valor por exemplo, se o governador deu 1 milhão ele dobrou deu 2 milhões então foi pra 3 milhões o valor, e por aí vai. Por exemplo, se o governo desse 4, eles iam dar 8 milhões, enfim, e aí por diante. Por esse processo foi alguma confusão deles lá. Fizeram por meio de licitação e não virou fomento, ou seja, no nosso caso que foi um recurso de 75 mil que a gente conseguiu como foi por licitação então, tem que emitir nota, tem que pagar imposto, só daí já “comeram’

quase 20 mil reais porque atrasaram o repasse e já tinham emitido nota, imposto e acabou que a gente teve um prejuízo e mudou muita coisa da produção e as exigências do filme pós a produção o que estava prescrito em edital a gente teria que fazer 30 cópias físicas do filme e distribuir em 30 escolas públicas e fazer uma exibição. Ainda estamos nesse processo de cumprir, temos até maio se não me engano que foi quando teve repasse então a gente tem até maio do ano que vem para concluir todo o processo do filme.

Qual foi o investimento e equipamentos usados na produção?

Foi um recurso público de 75 mil com desconto de imposto a gente pagou quase 20 mil de imposto então praticamente a gente rodou o filme com 50 mil. Isso para a gente quebrou demais porque já tínhamos todo um planejamento, todo um cronograma como um projeto se faz e a gente teve que modificar muita coisa, fazer muitos gastos, mudar profissionais, enfim, teve muitas complicações em relação ao recurso, bem complicado. Até os equipamentos a gente já tinha fechado parceria com uma produtora daqui, mas que atua em São Paulo que é a “Amoras filme”, acabou que com isso atrasou recurso então mudou a agenda. Eles já tinham cedido todo o equipamento eles iam ceder todo um equipamento que estava vindo de uma série que eles estavam rodando em Belém. Como o recurso não veio e a gente não conseguiu ter essa mobilização, acabou que afetou a agenda e não conseguimos ter esse equipamento que seria utilizado que isso foi o Célio meio que fez essa parceria emprestou para a gente, iria emprestar que foi tipo na brodagem. Se complicou que a gente teve que alugar equipamento. Temos equipamento, mas como queríamos gravar em 4 k, coisas bem técnicas o equipamento que temos na Grafite produtora ainda não atende essas demandas de 4k, a gente grava apenas em full hd. Então decidimos em ter esse cuidado e ter esse investimento de usar esses equipamentos que suportavam mais que tinham mais qualidade, enfim. Também contamos com muitas parcerias, tipo o diretor de fotografia somou com equipamento, o pessoal da maquinaria então foi uma coisa bem coletiva isso que foi legal.

Quando as gravações começaram e terminaram?

A gente fez em um período muito corrido, talvez eu faria diferente agora porque achei que foi bem corrido, mas, enfim, acabou que era a situação que estava naquele período ainda de pré-campanha eleitoral, então é um período onde nós do seguimento audiovisual que tem muita coisa, surge muitos trabalhos e todo mundo se ocupa. Então como o recurso ele tinha atrasado, já saiu muito próximo da

campanha tínhamos mais ou menos uns dois meses, um mês e pouco para fazer tudo isso e a gente iria demorar. Se fizesse depois ia ser bem complicado. Com o recurso saindo a gente fez praticamente o que íamos gravar em duas semanas tranquila, sem agonia reduzimos para 3 dias de gravação intensos.

A gente fez a chamada, foi um processo acho que de um mês, depois a chamada de atores até o último dia de gravação, acho que foi um processo de um mês, porque fizemos a chamada de atores divulgamos uma semana, na outra semana fizemos a seleção desses atores e depois já na semana seguinte, começou uma semana de preparação do elenco, ensaios fizemos o processo também lá no Novo Horizonte, mas como acabou que muita gente era do centro, foi feito alguns ensaios na produtora que fica no laguinho. Ficamos duas semanas no ensaio com os atores e depois na última semana de julho a gente gravou, colocando uma margem de três dias então a gente conseguiu rodar o filme em três dias, e foi um processo bem pauleira direto e intenso, acordar cinco da manhã e dormir duas da manhã e no outro dia a mesma coisa. Mas conseguimos cumprir, que a gente tenha no cinema apenas o objetivo de vencer o plano de filmagem que a gente tem que vencer ele cada dia uma batalha de vencer, uma luta contra o tempo. Então tínhamos esse foco de cada dia vencer o plano de filmagem para ficar tudo certo mas acabou que deu tudo certo.

Qual era a sua função na produção?

Eu sou o diretor geral do filme, já tive outros trabalhos como direção mas não de ficção, trabalhei muito na área de documentário, trabalhos jornalísticos, de audiovisual, matérias, já dirigi documentários, já fiz muito trabalho institucional mas de ficção de fato, de criar, fazer uma história pro cinema é minha primeira vez, então foi minha estreia e foi muito legal porque foi um trabalho em conjunto, e de estar do lado de pessoas que são meus amigos, mas também são pessoas que trabalham e que já tem experiência então foi muito legal ter essa troca com eles.

Vai ter lançamento do filme? Se sim, onde?

A gente tinha pensado, a princípio, o cronograma era pra ser final do ano o lançamento do filme no festival Curta o Curta, que vai acontecer em dezembro na escola Raimunda dos Passos Santos, só que, por conta da questão do ano eleitoral, questão de trabalhos, adiamos esse lançamento e provavelmente, a gente tem um cronograma que vai ser só em fevereiro e a primeira “janela” que a gente chama que seria o lançamento, a exibição, queremos fazer na escola Raimunda dos Passos

Santos, então vamos fazer um evento específico para o lançamento. Invés de participar no festival, porque o festival só acontece final do ano, então vamos em fevereiro fazer o lançamento na escola, e depois vai para outros lugares, mas a princípio a primeira exibição do filme vai ser na escola Raimunda dos Passos Santos, em fevereiro.

Caso você lembre, poderia nos informar o nome dos alunos que participaram do curta e que vocês fizeram a proposta?

Não vou lembrar agora o nome deles, apenas um que eu lembro que ficou conosco no período da produção que é o Jailson Almeida, ele era um dos alunos que produziram o filme “Em busca da felicidade”, onde a gente se baseou para fazer o “Açaí”, e ele foi o editor, também filmou algumas cenas no filme deles, e com a gente ele fez a produção de locação, onde levou nos lugares, fez os contatos com as pessoas onde íamos rodar, então ele foi nosso produtor local.

Qual o objetivo com o filme, além de produzir e fomentar a produção audiovisual no Amapá?

O objetivo do filme, a gente sempre pensou desde o princípio, desde o início do projeto que teria que ser um filme regional que remetesse o nosso costume e como vivemos aqui na região Norte, especialmente numa periferia de uma cidade da região Norte. Então decidimos valorizar essa questão, esse lado do regionalismo, mas ao mesmo tempo a gente pensa que o filme também é universal, ele acaba tendo uma linguagem universal por conta de um produto que é genuinamente amapaense que é o açaí, então ao mesmo tempo que ele é regional, ele é universal porque o mundo conhece a gente, pega parte dessa reflexão todo mundo conhece o açaí ou já ouviu falar no mundo todo, no sul, na Europa enfim, então por ser um produto por ser daqui a gente parti dessa maneira de trabalhar de ser ele regional, e a gente abordou um lado que justamente era pra ser um entretenimento mais leve, preferimos ir pela comédia que é justamente para mostrar um lado cômico da região Norte, mostrar esses dialetos, as gírias, decidimos fazer dessa maneira, para que remetesse como nossos costumes, mas de uma maneira bem engraçada, bem alegre, enfim. Sendo uma comédia, a gente pegou uma referência de comédia nordestina, dos filmes nordestinos, como eles são produzidos, tivemos bastante referência como “O Auto da Compadecida, O Homem que desafiou o diabo”, são bastantes referências que mostram nesses filmes a identidade nordestina, os costumes, então a mesma coisa a gente pegou como referência para fazer uma

comédia amapaense. Como é que ela seria agregando tudo isso, e além dessa parte artística do projeto de pensarmos nessa construção dele ser esse trabalho regional e universal ao mesmo tempo, a gente levou pelo lado técnico de ser um filme 100% amapaense, então no resultado final dele vamos poder dizer que ele é um filme 100% amapaense, que foi escrito, produzido, finalizado por amapaenses. O elenco é amapaense, a equipe técnica é amapaense a única pessoa de fora que está como convidado é o Manoel Cordeiro que vai entrar com uma trilha, mas no básico, ele é a única pessoa de fora o restante são pessoas daqui a fotografia, a produção todo mundo é daqui da terra que produz, e trabalha então acabou gerando esse movimento, porque foi um recurso do governo que veio através do edital e que circulou entre as pessoas daqui que trabalham o audiovisual.

Pretende inscreve-lo em festivais?

É lógico que temos esse interesse de inscrever ele, nossa ideia justamente é do Amapá para o mundo. Queremos colocar ele em festivais, divulgar esse trabalho, circular com ele. Achamos que tem um potencial justamente por ele ter esse exótico da Amazônia, de trazer todo esse aspecto daqui que é o aspecto geográfico, visual, linguagem do modo de viver que é diferente, isso já comparando com o sul do Brasil já é interessante, as pessoas já vão despertar um olhar também pro mundo, de mostrar a Amazônia, que também aqui na Amazônia a gente produz, tem cinema, tem pessoas que são profissionais que não deixam a desejar para os profissionais do sul e sudeste, então essa é a ideia, pretendemos inscrever em festival e concorrer. Levar ele pra ser divulgado.

Por que o curta o curta foi fundamental nesse projeto?

O projeto Curta o Curta foi fundamental com certeza para o “Açaí”, ele na verdade, sempre dizemos que ele nasceu, desse nosso contato do Cine Perifa e do Festival Curta o Curta. Isso rendeu, veio um filho porque mesmo sendo um trabalho por profissionais do audiovisual, a ideia original, nasceu na escola, entre os alunos e isso, querendo ou não, tem uma relação muito importante até para a escola, de eles verem esse produto, e assim observar que é algo que nasceu da escola, que nasceu de um projeto de dois professores que acreditam e gostam de cinema, que mostram para os alunos que existem outras possibilidades de trabalho, de profissão e acaba despertando esse lado artístico. Então foi uma ideia que nasceu na escola, na sala de aula e que a gente pegou se apropriou de uma forma positiva, onde a transformamos e consequentemente selecionando no edital, tendo a produção de

um filme com artistas, profissionais de audiovisual e com atores. Enfim, o filme também agrega várias profissões de vários segmentos da arte, até de motorista, eletricitista, pessoa do comércio, da comida, gera toda uma renda, e o produto final que é um filme. Isso que é o legal do audiovisual ele eterniza a gente, vai eternizar esse momento com esse filme, vai para as posteridades virar um patrimônio e que as pessoas possam visitar, assistindo e vendo como é os nossos costumes. Também se divertindo, por ser uma comédia da parceria do cinema e educação. O filme “Açaí” é um fruto disso, de um projeto social, de um trabalho social.

Entrevista com Rafael Aleixo – Oficiniere na escola Raimunda Virgolino pelo GRAAPA em 2015 – Oficina Mini-documentário “Caminhos da Democracia”

Data/hora/local da entrevista: 30 de janeiro de 2018. 14h30min. Universidade Federal do Amapá.

Como foi aplicada a oficina para os alunos da escola Raimunda Virgolino?

Olha não indo diretamente a oficina houve na época uma preparação um curso para os professores de lá da escola, primeiramente participaram desse curso aqui na universidade então a partir desse curso os professores de lá conversaram com a coordenadora, com a gente então foi que a gente viu uma possibilidade de levar essa oficina para os alunos também que a extensão funciona assim na universidade a gente aplica o conhecimento verifica o conhecimento aqui e a gente leva isso de volta esse conhecimento de volta pra sociedade e foi isso que aconteceu a gente também viu o empenho dos alunos lá na escola eles se mostraram bastante interessados participaram todos os dias da oficina e a oficina aconteceu, foram os membros do projeto também que deram a oficina eu tive a oportunidade de participar também então a gente começou com a parte um pouquinho teórica aquela parte mais teórica os alunos não gostam muito que é um pouquinho chato mas tem que passar por elas pra se ter um embasamento aí depois a gente ensinou a editar, depois criou roteiro e eles foram pra campo finalizando a oficina, foram pra campo gravar o vídeo e depois editar ele.

Quais recursos foram utilizados?

Olha nós utilizamos alguns computadores da própria escola, as câmeras foram nossas da universidade e dos próprios membros da equipe do projeto de som de áudio também foi do Graapa que eu lembro foi isso.

Os alunos tinham interesse no que foi trabalhado dentro da sala de aula?

Sim, eles se mostraram bastante interessados inclusive a gente ficou de retornar lá para continuar inclusive que o período foi muito curto no caso se não me engano foi para o último ano do ensino médio aquela turma já saiu da escola então tem outras também e a demanda continua infelizmente o projeto dessa ação deu uma paradinha esses dois últimos anos agora, mas eu espero que retorne em breve até para continuar na própria escola;

Teve alguma dinâmica em conjunto? Como foi realizada?

A explanação a explicação foi com todo mundo junto a parte teórica todo mundo acompanhando aí depois como a gente começou a editar a ensinar como editar, ensinar em massa fica um pouquinho difícil então a gente começou a reduzir os grupos para que eles pudessem participar mais se envolver mais até para que eles entendessem melhor também como funcionou a oficina de edição.

Os alunos tiveram alguma dificuldade no manuseio de equipamentos para produções?

A gente ensinou antes alguns tiveram ne sempre tem aqueles que não prestam atenção por isso que a gente quis reduzir ao máximo os grupos ai mesmo assim alguns tiveram mas foi pouca coisa a gente estava lá sempre do lado acompanhando auxiliando também a gente sabe que o bairro aqui é um pouquinho perigoso então agente orientou inclusive também pra que eles gravassem ali dentro do ambiente da escola então a gente tomou algumas precauções por conta da vida deles ne e por conta dos equipamentos também.

Qual a contribuição dos professores, em relação as oficinas?

Os professores contribuíram muito na verdade 80 por cento partiu deles essa ideia de levar para lá de receber o projeto porque a universidade tem vários projetos, mas ela não consegue alcançar a sociedade se a sociedade não receber esses projetos os que vão para ela então a escola recebeu de braços abertos sim fez a convocação dos alunos e eles também participaram recebendo também a oficina.

Como foi a edição do material coletado com os alunos?

Dentro da nossa equipe do projeto que foi para lá a gente subdividiu a equipe na parte teórica na parte de acompanhamento em campo e na parte de edição. Tratando de edição não foi eu, foi o Mauro e Jhenni que acompanharam, mas eles tiveram todo o acompanhamento com os grupos aí eles acompanharam sim de perto os grupos na questão da edição

Você tem algum material editado pelos alunos?

Não, não ficou comigo eu acho que ficou com a professora e com o pessoal que acompanhou o por último a finalização foi o pessoal da edição.

Foi produzido algum material didático-pedagógico?

Que eu saiba não.

Você ainda trabalha no Graapa? Se sim, qual é a sua função hoje no projeto?

Olha, a minha última atividade do Graapa foi no ano passado 2017. A minha função é, eu to trabalhando terminando de trabalhar apenas no documentário que a gente finalizou a captação das imagens agora em 2017 por isso também que eu fui pelo projeto minha última atividade foi essa captação de algumas ultimas imagens para o documentário apenas isso e vou ver se trabalho também no término da mostra fotográfica.

Ainda realizam oficinas nas escolas públicas de Macapá?

Não, as oficinas por enquanto não.

Entrevista com Barbara Faleiro – Jurada do festival Curta o Curta em 2015.

Data/hora/local da entrevista: 23 de Fevereiro de 2018. 00h30. Entrevista concedida via e-mail.

Como você conheceu o projeto “Curta o Curta”?

Fui apresentada ao projeto pela professora Neusa Olivia, organizadora do festival, após nos conhecermos em um curso promovido pelo GRAAPA.

Qual a sua opinião a respeito de um projeto voltado para o audiovisual em uma escola?

Esse tipo de projeto deveria ser incentivado pela Secretaria de Educação, Secretaria de Cultura e pelas instituições educacionais. O ideal é que fosse realizado em todas as escolas de todos os níveis, visto que o trabalho audiovisual estimula a criatividade, o trabalho em equipe, desenvolve a sensibilidade, o senso crítico e alimenta a cultura local.

Como você classifica as produções do festival realizado na escola Raimunda dos Passos Santos, no ano em que você foi jurada?

Surpreendentes! Me encantei com o grau de criatividade, comprometimento, envolvimento, responsabilidade e originalidade com que os alunos construíram os roteiros, a produção, edição, fotografia, trilha, inclusive, a apresentação.

O que mais lhe chamou atenção nas produções? Teve algum trabalho em especial...

Assistimos drama, terror, conflitos humanos, poesia, tudo isso em obras realizadas com baixo custo e muito cuidado e carinho. Inclusive, nessa edição, criamos uma nova categoria graças a um dos filmes que apresentou uma fotografia incrível.

Ao fazer uma análise geral das obras, você acredita que o audiovisual pode ser trabalhado dentro da sala de aula como ferramenta de ensino? Se sim, por quê?

Sem sombra de dúvidas! É possível trabalhar esse tipo de produção em caráter multidisciplinar: português, sociologia, geografia, artes, ciências, etc., melhorando a apreensão do conteúdo, o comportamento e frequência escolar, o diálogo entre aluno-aluno, aluno-professor, aluno-escola, e estimulando a compreensão e experimentação (busca de mais conhecimentos e aplicação prática interna e externa aos muros da escola) dos conteúdos letivos.

Você poderia classificar os pontos positivos e negativos do projeto de acordo com que você acompanhou do mesmo?

- Positivos: enriquecimento humano, profissional e escolar; valorização do professor, da escola e dos alunos; aproximação da escola com a comunidade; desburocratização do ensino por meio do estímulo da criatividade e arte; aplicação prática do conhecimento.

- Negativos: pouca visibilidade; falta de verba para divulgação, incentivo e suporte; equipe limitada para auxiliar no desenvolvimento do projeto e das produções; falta de oficinas para a evolução dos alunos (buscando aperfeiçoar os talentos e resultar em produtos ainda mais ricos).

De que forma você acredita que o audiovisual pode contribuir para o ensino de estudantes das escolas públicas?

O audiovisual não só ajuda a desenvolver talentos e o respeito a si e ao próximo, mas também a estabelecer o diálogo; auxilia na compreensão e administração de conteúdos de forma que os alunos possam colocar em prática os conhecimentos adquiridos e se esforcem a buscar além do que lhes é apresentado no currículo escolar, além de estimular a responsabilidade, amizade, senso crítico e a solidariedade.

Entrevista com Andréia Martel - Professora de História e Coordenadora do projeto “Ciências Humanas no Cinema” na escola Raimunda Virgolino em 2015.

Data/hora/local da entrevista: 23 de outubro de 2017. 17h00min. Rádio Universitária da Universidade Federal do Amapá.

A ideia surgiu de um conjunto de fatores. Eu estava fazendo a especialização em mídias na educação na Unifap e a primeira proposta que trabalhei foi a questão de rádio com o objetivo de implementar uma rádio na Raimunda Virgolino. Através de algumas pesquisas eu descobri que era possível conseguir recursos para isso, fui na secretária de educação, mas não encontrei o núcleo específico para tratar disso, foi aí que eu fui para a proposta de cinema.

Com o cinema, fizemos uma espécie de cine aos finais de semana e os alunos gostaram, no mesmo período, a escola recebeu a notícia que seria implementado o Ensino Médio Inovador, onde teríamos que apresentar atividades diferenciadas para a complementação da carga horária. E essas atividades funcionariam como uma espécie de disciplina que passaria por todos os componentes curriculares da área de humanas.

Como eu já estava trabalhando a questão do cinema aos finais de semana, de maneira isolada dentro da minha disciplina História (Cine História), eu conversei com as professoras de geografia e sociologia (pedagoga) para expandir o projeto de cinema.

Quando recebemos a notícia de que a escola receberia o valor de 150 mil reais do Ensino médio Inovador, o projeto no papel cresceu. Pensamos em fazer um projeto interligado, trabalhando não só com a ideia de análise dos filmes, mais também com a produção (audiovisual) aproveitando o que a escola já tinha, como uma tele sala.

Na mesma época, eu fiz na Unifap um curso de extensão chamado “História do Cinema”, ministrado pela professora Isabel do Grupo de Produção e Audiovisual do Amapá (GRAAPA). Então assim, foi um conjunto de fatores que fez que eu trabalhasse com o Audiovisual na escola.

Como eu já tinha uma noção teórica, com leituras, procedimentos didáticos eu encabecei a construção dessa disciplina, onde trabalharíamos com temas diversos em todas as disciplinas de humanas que abrangeia desde a análise de filmes pelos professores dentro da sua temática até a produção de documentário, curtas, vídeos e afins. A ideia era que os alunos passassem por todas as etapas de produção como a escolha do tema, roteiro, filmagem e edição. Através da oficina do GRAAPA nós ainda chegamos a trabalhar essa parte mais técnica com os alunos.

No início de 2015 veio uma formação para a escola sobre o que seria o Ensino Médio Inovador, sobre como ele trabalharia, quais seus objetivos, a filosofia pedagógica. Toda uma preparação. Até aqui os professores eram engajados no projeto, onde deram apoio, contribuições, sugestões para que eu montasse a proposta da disciplina.

Inicialmente o projeto na escola tinha o nome de “Cine História” por que era encabeçado por mim, depois da ideia do Ensino médio Inovador passou a se chamar “Ciências Humanas no Cinema”. A proposta do projeto foi pensada com uma carga horaria anual de 40 a 80 horas para ser desenvolvida no ano letivo de 2015.

Havia a necessidade de ter a preparação dos professores, pois tinha uns que não sabiam ligar um DATASHOW e só a partir daí iniciar os trabalhos.

Na escola nós tínhamos dois grandes projetos que eram a feira cultural (1º Semestre) onde tinha as apresentações de trabalhos desenvolvidos dentro da sala de aula e a Gincana.

Na primeira visita do GRAAPA, a escola estava sem estrutura para receber os meninos que passariam as oficinas, estávamos com problemas técnicos na infraestrutura e depois agendamos uma segunda vez que foi quando os meninos (oficineiros GRAAPA) foram. Eu trabalhei com os alunos do 3º ano e dividir eles por tema. Lembro que a gente trabalhou com temáticas diversas desde a violência contra mulher até corrupção.

Entrevista com Edilene Rocha – coordenadora pedagógica da escola Raimunda Virgolino no ano de 2015.

Data/hora/local da entrevista: 05 de Fevereiro de 2018. 15h00mim. Coordenação Pedagógica da escola Raimunda Virgolino.

Você acompanhou o projeto “Ciências Humanas no Cinema” na escola?

O projeto chegou sim na coordenação ele de imediato ele foi um projeto para a área de humanas, mas quem realmente abraçou quem desenvolveu o projeto foi a professora Andreia Martel de história junto com os alunos dela do terceiro ano do turno da tarde. Na época era o turno da tarde, ela lecionava então ela trabalhou com os alunos a proposta do projeto e dentro da área ela única realizou o projeto somente.

E quando veio a proposta do Ensino Médio Inovador os professores eles se reuniram, eles dividiram o tempo de aula na sala para trabalhar o audiovisual com os alunos?

Não teve projeto inovador da escola, a escola hoje ela atua como a escola de tempo integral. Desde 2017 que ela está com tempo integral, a proposta seria o que de cada área desenvolver esses projetos que o aluno pudesse vivenciar práticas, sair da teoria de sala de aula para vivenciar uma prática fazer interrelação entre teoria e fazer algo científico que o aluno do ensino médio não faz isso, ele trabalha muito a teoria e a prática fica a desejar. Então a proposta da coordenação para as áreas seria essa construção de projetos em que o aluno pudesse desenvolver algo cientificamente e trabalhando a prática, então e a professora Andreia que já tinha uma parceria com a professora Isabel da Unifap já fazia parte de um grupo de estudo da professora Isabel, achou interessante trazer esse projeto pra escola e desenvolver com seus alunos, mas ela fez todo um trabalho, ela fez um roteiro, fez o projeto, mostrou filmes assim pros alunos perceberem toda essa questão do audiovisual como poderia, ela trabalhou toda uma teoria e depois desenvolveu a prática com o aluno.

E a escola tinha parceria com o projeto GRAAPA eles chegaram a realizar atividades práticas na escola?

Fizeram com essa turma da professora Andreia, tudo fez parte do projeto da professora Andreia ela teve todo um contexto e eles trouxeram as pessoas pra cominância fizeram todo o projeto, mas só relacionado a essa turma. Esse projeto não se expandiu para a escola toda, não foram para todas as turmas foi exclusivamente para as turmas da professora Andreia, acredito que foram as turmas do terceiro ano ou segundo ano que ela desenvolveu não estou bem lembrada.

Como o GRAAPA veio trabalhar aqui essas atividades? não era o Ensino Médio Inovador?

Nunca teve Ensino Médio Inovador na escola. Vinha muitas propostas para a escola funcionar só que a escola nunca aceitou devido a condição que a escola tem a oferecer para o aluno, então para ter o Ensino Médio Inovador teria que ter uma estrutura, teria que ter todo um contexto em que a escola não estava preparada, então quando a gente pensou em projetos por área e trabalhando essa parte prática do aluno já era preparando os professores e os alunos caso o Ensino Médio Inovador fosse implantado na escola.

E na sua opinião porque você acredita que o projeto voltado para o audiovisual não teve continuidade na escola?

Na verdade todos os projetos que em 2015 eles foram realizados, em 2016 e 2017 eles caíram por terra, foram períodos difíceis na escola pública sem recursos nenhum essa é a realidade da escola pública e os próprios professores se recusaram desenvolver projetos sem ter dinheiro pra apoiar, sem ter parcerias como a escola não teve parcerias então ficou inviável realizar qualquer tipo de atividade, os únicos projetos que foram adiante foram projetos internos que não precisariam de muitos recursos, por exemplo o pré-enem que a gente usaria os professores mesmo da escola com aulas com material que tinha dentro da escola. Alguns projetos da biblioteca, mas isso tudo em parceria com o aluno, tirando do bolso do aluno, tirando do bolso do professor porque nós não tínhamos essa contrapartida. Para desenvolver projeto dentro da escola pública a gente precisa de recursos financeiros ou pelo menos de parceiros. E eu acredito na minha opinião que o projeto da Andreia deu certo em 2015 porque ela tinha essa parceria com a professora Isabel e a Unifap, aí vieram os alunos da professora Isabel, trabalharam, os dois melhores alunos ganharam essa bolsa que foram fazer lá um pequeno estágio na Unifap, mas porque tinha essa parceria.

Então você acredita que a saída da professora Andreia da escola de certo modo contribuiu para não ter dado continuidade?

Com certeza, porque se ela tivesse continuado na escola como ela tem essas parcerias com a Unifap, era mais fácil trazer mais projetos para desenvolver na escola.

Com relação aos tipos de projeto voltado para o audiovisual que é algo diferente que os alunos estão acostumados a ter aqui na sala de aula.

Você acredita que de algum modo o audiovisual ele pode contribuir para o ensino das escolas públicas ensino dos alunos dentro da sala de aula?

Com certeza, porque eu acredito até que a Andreia como ela é uma professora de história, ela trabalho especificamente dentro da área dela, mas se esse projeto vier para dentro da escola e fazer parceria com a nossa galera de língua portuguesa, com a nossa galera de artes tem de os professores o projeto cria uma grande dimensão e da pra ser vivenciado de uma melhor forma pelo aluno. A verdade uma professora de história desenvolveu o projeto, mas, de repente se tiver interdisciplinaridade e conseguir desenvolver com outras disciplinas o projeto vai se

tornar maior e com certeza o aluno vai aprender, esses dois alunos eu acredito tanto o Tiago, eles tiveram um bom desenvolvimento nas outras disciplinas a partir do momento que eles fizeram esse projeto da professora Andreia, eles tiveram um acompanhamento de perto, passo a passo todo o desenvolvimento então eles cresceram enquanto aluno enquanto ser humano eles viveram uma outra prática estão na faculdade, eles saíram do mundo do universo do ensino médio pra ir pro universo do nível superior eles saíram da vivencia daqui que é uma e foram pra universidade viver uma outra vivencia, ver como é que acontece esse mundo acadêmico e a professora Isabel ela abriu essas portas pra esses dois alunos ela pôde mostrar junto com a professor Andreia.

No tempo que as oficinas foram executadas a escola tinha a estrutura necessária para receber os oficinairos do GRAAPA?

Olha eu lembro que eles utilizaram o espaço LIED para fazer que é o nosso laboratório de informática foi essa sala que foi cedida para ser desenvolvida essas atividades até mesmo porque a professora Andreia tinha acesso ao LIED e foi mais fácil esse vínculo trabalhar essa questão.

Como coordenadora pedagógica você pode falar para nós se há um grande índice de desistência de aluno do ensino médio e de alguma forma o audiovisual trabalhado ele pode diminuir ou não essa estatística?

Eu acredito que não só o audiovisual, mas todos os projetos que venham trazer uma prática para o aluno, que venham trabalhar a teoria com a prática com certeza vai resgatar esses alunos. É o mínimo que se trabalha na escola pública é o mínimo que a gente tem, a gente tem muita teoria não tem prática então acredito se tivesse mais parcerias as atividades práticas para esses alunos com parceiros com certeza nós conseguiríamos não acabar com a evasão mas diminuir, a escola deveria ser um atrativo a mais para o aluno.

Ele contribui para a relação de ensino e aprendizagem de alunos e professores?

Com certeza, os alunos quando fizeram esse projeto contribuiu bastante para o crescimento deles enquanto aluno, enquanto pessoa eles tiveram conhecimentos a mais é uma outra prática uma outra vivencia porque tem toda uma trajetória todo um contexto o projeto em si o aluno vem estudando a história ela vem fazendo os parâmetros até chegar na prática para que ele possa vivenciar essa prática.

Apêndice C - modelo do questionário aplicado com os alunos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

Informações ao respondente:

Você está convidado (a) a responder este questionário que faz parte da coleta de dados da pesquisa de TCC que tem como tema “**O uso do audiovisual como ferramenta didática de ensino nas escolas públicas de Macapá**”, sob a responsabilidade das pesquisadoras Raylana Dantas e Silva e Wendy Cristina da Silva Ramos, com orientação da professora Dra. Isabel Augusto da Universidade Federal do Amapá.

Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos: **a)** você é livre para, a qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas que lhe ocasionam constrangimento de qualquer natureza; **b)** você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativas para isso; **c)** sua identidade será mantida em sigilo; **d)** caso você queira, poderá ser informado (a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da pesquisa.

QUESTIONÁRIO

Escola em que estuda:
Ano:
Nome completo:
Idade:
Número do RG ou CPF:
Nome completo da Mãe:
Nome completo do Pai:
Número para contato seu e de seus pais:
Endereço:
Data:

1. Você mora perto ou longe da escola?

2. Você utiliza algum meio de transporte para ir à escola?

Sim Não

3. Se sim, qual?

4. Além de estudar, você trabalha?

Sim Não

5. O que você faz quando não está na escola?

6. Você mora com quem?

7. Você possui Celular?

Sim Não

8. Se sim, para o quê você utiliza o celular na escola?

9. Você possui computador em casa?

Sim Não

10. Se sim, quanto tempo, em média, você usa o computador e em qual horário?

11. Você utiliza o computador da escola?

Sim Não

12. Você possui o costume de assistir filmes?

Sim Não

13. Se sim, onde você assiste e em qual horário?

14. Que gênero de filme que você prefere? (terror, comédia, ação, drama, romance...)

15. Quais os meios de comunicação que você mais utiliza para se informar?

Rádio TV
 Internet Jornal Impresso

16. Você estuda em qual ano do ensino médio?

17. Você conhece o projeto “Curta o Curta”?

Sim Não

18. Você já participou ou participa do projeto?

Sim Não

19. Quantas vezes?

20. Se sim, de qual produção você participou?

21. Você ganhou algum prêmio com a produção? Se sim, qual?

22. O que você acha desse projeto na escola?

- () Excelente () Bom
 () Ruim () Péssimo
 () Outro,
 qual? _____

23. Você gostaria de ter em sala de aula uma disciplina específica só para a produção audiovisual na escola?

- () Sim () Não

24. Em sua opinião, qual é o melhor momento realização de um produto audiovisual na escola?

- () Escolha do tema
 () Roteiro
 () Captação de áudio e vídeo
 () Edição
 () Todos
 () Nenhum

25. Você gosta de trabalhar em equipe?

- () Sim () Não

26. Você prefere aprender os assuntos da escola de modo tradicional ou por meio do audiovisual? Justifique sua resposta?

27. Em qual etapa da produção de um produto audiovisual você teve mais facilidade para desenvolver?

- () Escolha do tema
 () Roteiro
 () Captação de áudio e vídeo
 () Edição

- () Todos
 () Nenhum

28. Em qual etapa da produção de um produto audiovisual você teve mais dificuldade para desenvolver?

- () Escolha do tema
 () Roteiro
 () Captação de áudio e vídeo
 () Edição
 () Todos
 () Nenhum

29. Como você classifica a sua participação no projeto “Curta o Curta”?

- () Excelente () Bom
 () Ruim () Péssimo
 () Outro,
 qual? _____

30. O que você aprendeu com o projeto “Curta o Curta”?

31. Qual a sua expectativa para o festival deste ano de 2017? Justifique sua resposta!

32. A sua família participa do festival?

- () Sim () Não

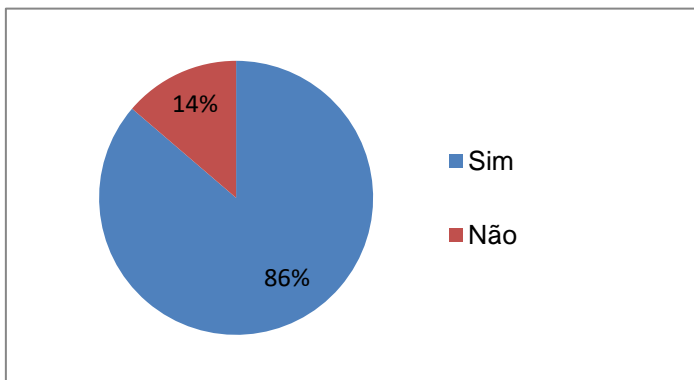
33. Este ano a sua família vai participar?

- () Sim () Não

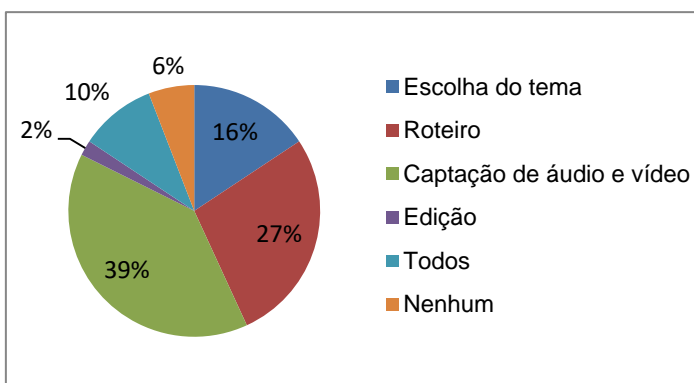
34. Em sua opinião, o que deve ser melhorado no projeto “Curta o Curta”?

Apêndice D – tabulação dos dados obtidos com os questionários

23. Você gostaria de ter em sala de aula uma disciplina específica só para a produção audiovisual na escola?



27. Em qual etapa da produção de um produto audiovisual você teve mais facilidade para desenvolver?



28. Em qual etapa da produção de um produto audiovisual você teve mais dificuldade para desenvolver?

